

# Pela voz da reclusão em idade sénior: um estudo qualitativo num estabelecimento prisional masculino

**Catarina Isabel Ferreira**

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação**

*Especialização em Educação e Intervenção Sócio-comunitária*

Orientação: Prof. Doutora Sandra Fernandes

Março, 2018



UNIVERSIDADE PORTUGALENSE

Catarina Isabel Ferreira

**Pela voz da reclusão em idade sénior: um estudo qualitativo  
num estabelecimento prisional masculino**

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para  
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, sob a orientação da  
Professora Doutora Sandra Raquel Gonçalves Fernandes

Departamento de Psicologia e Educação

Março, 2018



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

## **Prison Letter<sup>1</sup>**

(M.A.Jones)

*You ask what it's like here  
but there are no words for it.  
I answer difficult, painful, that men  
die hearing their own voices. That answer  
Isn't right though and I tell you now  
that prison is a room  
where a man waits with his nerves  
drawn tight as barbed wire, an afternoon  
that continues for months, the rises  
around his legs like water  
until the man is insane  
and thinks the afternoon is a lake:  
blue water, whitecaps, an island  
where he lies under pale sunlight,  
one red gardenia growing from his land-  
but that's not right either. There are no  
flowers in these cells, no water  
and I hold nothing in my hands  
but fear, what lies  
In the absences of light, emptying  
from my body to fill the largest darkness  
rising like water up my legs:  
it rises and these are no words for it  
thought I look for them, and turn  
on light and watch it  
fall like an open yellow shirt  
over black water, the light holding  
against the dark for just  
an instant: against what trembles  
in my throat, a particular fear*

---

<sup>1</sup> Obra: Prisões na Europa – Capítulo 6 ANÁLISIS DESCRIPTIVO DE LA SITUACIÓN PENITENCIARIA EN ESPAÑA, P. 103

## **Agradecimentos**

A minha gratidão profunda à Professora Sandra Fernandes pela sua perseverança em aceitar o desafio, pela sua responsabilidade de orientação científica, lealdade e amabilidade.

À Professora Conceição Santos pela prestimosidade contínua e, sobretudo, pelas palavras de conforto.

Um agradecimento especial às pessoas que participaram no estudo, tornando-o mais completo e eminente.

À minha mãe, Pedro, Mafalda, Inês, Anabela, Carlos e colegas próximos que me acompanharam neste desafio, caracterizado por um período ténue, mas, sobretudo, recompensador. Um bem-haja!

A todos, o meu obrigada.

## **Resumo**

O envelhecimento em Portugal constitui uma realidade crescente e preocupante, o que não exclui o contexto prisional, sendo que o reduzido número de estudos nesta área são alguns dos fatores que motivaram a escolha desta temática de estudo. A metodologia de investigação segue uma abordagem qualitativa, focada na análise de um estudo de caso. Os resultados pretendem contribuir para uma maior compreensão das perspetivas dos reclusos em idade sénior, assim como o confronto dessas mesmas perspetivas com as dos profissionais que trabalham diariamente no sistema prisional. No que diz respeito ao método de recolha de dados, procedeu-se a uma análise documental da legislação em vigor e dos processos individuais de cada recluso, bem como a realização de entrevistas abertas aos reclusos com mais de 60 anos. No que concerne aos profissionais, foram realizadas exclusivamente entrevistas semiestruturadas. Os cuidados éticos foram, cuidadosamente, assegurados em todas as fases do trabalho. Algumas das principais conclusões deste estudo apontam para uma difícil aceitação da recluso considerado idoso face ao envelhecimento, a falta de Técnicos de Reeducação e de estratégias que promovam o desenvolvimento das capacidades dos reclusos idosos e ausência de legislação específica e políticas em prol dos reclusos idosos, são alguns dos resultados que este estudo coloca em evidência no âmbito do contexto prisional.

**Palavras-chave:** Perspetivas, reclusos idosos, profissionais do sistema prisional, envelhecimento.

## **Abstract**

Aging in Portugal entails dramatic implications, which does not exclude the prison context, and the lack of papers about this area are some of the reasons that led to the choice of this topic. This study aims to contribute to a better understanding of the perspectives of elderly prisoners as well as the staff and professionals who work daily in the prison system. The study follows a qualitative approach, focused on the analysis of a case study. Data collection was based on a document analysis of the current legislation and the individual processes of each prisoner, as well as through open interviews carried out to prisoners with age avoer 60 years old. In regard to the professionals, open interviews were held. Ethical principles were carefully ensured throughout all phases of the work. Some of the main conclusions of this study point out to the rejection of aging phenomena by elderly prisoners. Working, indoor prison, is considered an important issue, as it is mentioned in all phases by elderly prisoners. Another conclusion, with regard to professional staff in the prison, is the lack of rehabilitation professionals and programs to develop the capabilities of older prisoners. The absence of legislation and policies for inmates is another shortcoming result of this study.

**Key-words:** Perspectives; Elderly Prisoners; Prison System Professionals; Aging.

# Índice

Introdução.....	14
Parte I .....	15
1. O Sistema Prisional em Portugal.....	17
1.1. Um olhar sobre a prisão no passado.....	17
1.2. Enquadramento Legal e Normativo .....	20
1.2.1. Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP).....	20
1.2.2 . Os Direitos e Deveres dos reclusos .....	22
1.2.3 . O Plano Individual de Readaptação .....	23
1.3. Normalização da vida na prisão e reintegração .....	28
1.4. A Intervenção da Educação Social no contexto prisional.....	32
2. O Envelhecimento: um desafio do século XXI.....	37
2.1. Envelhecimento em Portugal.....	40
2.1.1. O Envelhecimento Ativo .....	41
2.1.2. Doença e Saúde: complementaridades do envelhecimento .....	43
2.2 Envelhecimento em contexto prisional.....	45
2.2.1. Ser idoso vs ser recluso: interpretações a considerar .....	48
2.2.2. A idade e o crime: qual o caminho de investigação e intervenção?.....	51
3. Metodologia de Investigação.....	55
3.1. Problemática e objetivos de investigação.....	55
3.2. Opções metodológicas .....	57
3.3. Contexto do estudo.....	58
3.3.1. Estabelecimento Prisional do estudo.....	58
3.3.2. Participantes no estudo .....	59
3.4. Técnicas e Procedimentos de Recolha dos Dados .....	62
3.4.1. Análise documental .....	62
3.4.2. Entrevista .....	63
3.4.3. Observação não participante.....	66
3.4.4. Conversas informais e notas de campo .....	67
3.5. Técnicas e procedimentos de análise dos dados .....	68
3.6. Considerações éticas .....	69
3.7. Limitações do estudo .....	71
4. Apresentação dos Resultados.....	73
4.1 Perspetivas dos Reclusos: a vida antes, durante e após a reclusão.....	75
4.1.1. A vida pessoal e profissional antes da entrada na prisão.....	75

4.1.2. O crime e os seus motivos .....	77
4.1.3. Acolhimento e adaptação à prisão .....	79
4.1.4. O papel da família e das visitas .....	82
4.1.5. O dia-a-dia na prisão .....	84
4.1.6. Apoios à reeducação e reinserção social dos reclusos .....	89
4.1.7. A idade e as perspetivas sobre o envelhecimento .....	93
4.2 Perspetivas dos Profissionais do Sistema Prisional .....	95
4.2.1. O envelhecimento dos reclusos .....	97
4.2.2. O papel da família e dos laços afetivos .....	100
4.2.3. Condições oferecidas e privações do contexto prisional.....	101
4.2.4. Atividades e programas de reinserção social .....	104
4.2.5. Preparação da saída e da vida em liberdade .....	109
5. Análise e Discussão dos Resultados .....	112
5.1. A reclusão em idade sénior: problemas e desafios.....	112
5.2. A intervenção social na comunidade prisional idosa .....	116
5.2.1. Proposta de intervenção para o Envelhecimento Ativo .....	119
Considerações Finais .....	122
Referências Bibliográficas .....	124
Anexos .....	135
<b>Anexo 1 - Ofício Autorização .....</b>	<b>136</b>
<b>Anexo 2 - Guião da entrevista Recluso Idoso.....</b>	<b>137</b>
<b>Anexo 2 A - Transcrição entrevista Recluso Idoso .....</b>	<b>139</b>
<b>Anexo 2 B - MATRIZ DE ANÁLISE DE CONTEÚDO.....</b>	<b>144</b>
<b>Anexo 3 - Guião adjunta do diretor.....</b>	<b>149</b>
<b>Anexo 3 A - Transcrição Adjunto do Diretor .....</b>	<b>151</b>
<b>Anexo 4- Guião da entrevista Especialista dos Sistemas Prisionais.....</b>	<b>156</b>
<b>Anexo 4 A - Guião da entrevista Especialista dos Sistemas Prisionais.....</b>	<b>158</b>
<b>Anexo 5 - Guião Técnico de Reeducação/Reinserção.....</b>	<b>161</b>
<b>Anexo 5 A- Transcrição Técnico de reeducação.....</b>	<b>163</b>
<b>Anexo 6 - Guião da entrevista Guarda Prisional.....</b>	<b>167</b>
<b>Anexo 6 A- Transcrição da entrevista Guarda Prisional .....</b>	<b>169</b>
<b>Anexo 6 B - MATRIZ DE ANÁLISE DE CONTEÚDO.....</b>	<b>175</b>
<b>Anexo 7 - Plano individual de reabilitação .....</b>	<b>179</b>
<b>Anexo 8 – Artigo publicado nas Atas do Congresso Internacional ICLEL2017 .....</b>	<b>183</b>
<b>Anexo 9 – Comunicação apresentada no Colóquio AFIRSE.....</b>	<b>193</b>

## **Abreviaturas e Siglas**

**ASAE-** Autoridade Segurança Alimentar e Económica

**CSE-** Conselho Social Europeu

**DGA-** Direção Geral da Saúde

**DGRSP-** Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais

**DL-** Decreto Lei

**E.P-** Estabelecimento/s Prisional/ais

**e.g-** Exemplo

**Inst-** Instalações

**JN-** Jornal de Notícias

**Nº-** Número

**OMS-** Organização Mundial da Saúde

**Pág-** Página

**P.-** Página

**PP.-** Páginas

**PIR-** Plano Individual de Readaptação

**R-** Recluso idoso

**R1, a R21-** Reclusos considerados idosos participantes no estudo

**RSI-** Rendimento Social de Inserção

**Séc.** Século

**T-** Técnico

**T1, a T4-** Técnicos participantes no estudo

**TIC-** Tecnologia de Informação e Comunicação

**TRS-** Técnico de Reinserção Social

**TEP-** Tribunal Execução de Penas

**UE-** União Europeia

**VS-** *Versus*

**%-** Percentagem

**&-** e

## Índice de Gráficos

Gráfico 1: População idosa na União Europeia .....	38
Gráfico 2: Percentagem de idosos 1960-2015 na Europa .....	39
Gráfico 3: População pirâmide sexo masculino/feminino em 2015, Portugal .....	40
Gráfico 4: População pirâmide sexo masculino/feminino em 2017, Portugal .....	40
Gráfico 5: População prisional por faixa etária.....	45

## Índice de Figuras

Figura 1 - As valências da intervenção da Educação Social (adaptado, Sanches, 2003) .....	35
Figura 2 - Pilares do Envelhecimento Ativo .....	41
Figura 3 - Evolução da população prisional .....	45
Figura 4 - Evolução dos reclusos com 60 e mais anos.....	46
Figura 5 - Estruturas do Estabelecimento Prisional do estudo .....	59
Figura 6 - Testemunho escrito de um recluso idoso (R14) .....	78
Figura 7 - Plano Individual de Readaptação .....	105

## Índice de Quadros

Quadro 1- Etapas históricas da prisão .....	19
Quadro 2 -Particularidades da Investigação Qualitativa (adaptado de Fernandes, 2011) .....	57
Quadro 3 - Notas de campo da investigadora .....	68
Quadro 4 - Exemplo de matriz de análise de conteúdo Perspetivas dos Reclusos Idosos .....	74
Quadro 5 - Exemplo de matriz de análise de conteúdo Perspetivas dos Profissionais do Sistema Prisional .....	96

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 -Países com mais de 10 milhões de habitantes com maior proporção de pessoas acima de 60 anos, (Nações Unidas, 2005): .....	39
Tabela 2 - Caracterização dos reclusos idosos participantes no estudo .....	61
Tabela 3 - Caracterização dos Técnicos do Sistema Prisional participantes no estudo .....	62
Tabela 4 - Reclusos: guia da entrevista e dimensões .....	65
Tabela 5 - Profissionais do sistema prisional: guia da entrevista e dimensões .....	66

*Pela voz da reclusão em idade sénior*

## **Introdução**

O presente trabalho tem como objetivo desenvolver um projeto de investigação em contexto prisional, focando múltiplos aspetos relativos à perspetiva dos reclusos considerados idosos sobre a sua vida antes da entrada na prisão, na fase de adaptação e durante a vida na prisão, bem como as expectativas após a sua saída. Numa lógica de complementaridade, pretende-se efetuar o confronto dessas mesmas perspetivas com as dos profissionais que trabalham diariamente no sistema prisional. Parece-nos que esta temática exige uma maior reflexão, aprofundamento e compreensão face à atenção que tem merecido mais recentemente por parte da sociedade e dos decisores políticos. Quais as suas expectativas? De onde vêm os reclusos idosos? Para onde vão os reclusos idosos? Há legislação/ políticas de apoio para os reclusos idosos? Como é que o sistema prisional encara as adversidades? Estas são algumas das questões que nos acompanharão ao longo de toda a investigação, desmitificando possíveis, irrealistas/realistas, construções/desconstruções provenientes da literatura e da sociedade.

Como iremos abordar ao longo deste trabalho, os reclusos considerados idosos têm aumentado nas prisões portuguesas e no mundo, decorrente de dois aspetos importantes: a natalidade e o aumento da esperança média de vida. Considerando as notícias e estatísticas nacionais do dia-a-dia, o envelhecimento aumenta drasticamente em Portugal. Em 2015, Portugal foi o 4º país da União Europeia com a maior percentagem de pessoas idosas, com 20,5% (PORDATA, 2015), podendo ser designado como uma sociedade hiper-envelhecida, considerando que, em 2050, os números aumentarão mais de 30%. A descoberta deste tema de investigação deve-se à extrema relevância das notícias de jornal que possuem um impacto extremo na sociedade, sendo que nessa sequência, surge o interesse pelo tema e por um contacto mais próximo com a realidade prisional, nomeadamente num Estabelecimento Prisional no Norte de Portugal. A escolha da prisão, assenta em critérios geográficos de proximidade e visita de estudo anterior à mesma.

As investigações em torno do envelhecimento na prisão, relativamente às perspetivas dos reclusos idosos e das perspetivas dos profissionais sobre os reclusos idosos não são destacáveis, além de que a maior parte dos estudos existentes, estão mais orientados para os aspetos de saúde mental (Lorito, 2017).

A primeira parte desta Dissertação, apresenta a revisão da literatura sobre a temática da investigação. Para alcançar este objetivo, dois temas, junto de subtemas estiveram na base da nossa pesquisa: o sistema prisional e o envelhecimento. Procurou-se identificar os estudos mais relevantes nesta área, quer trabalhos empíricos existentes, quer quadros de leitura plausíveis para compreender o contexto prisional e o fenómeno do envelhecimento

Numa segunda parte, referente à metodologia, procedeu-se à descrição dos procedimentos realizados no âmbito do estudo qualitativo desenvolvido. São apresentados os instrumentos e as características da investigação, bem como os participantes, as suas particularidades e os princípios éticos.

Numa terceira e ultima parte, apresentamos os resultados, assim como a análise e discussão dos resultados a partir das respostas dos participantes. Aqui, também engloba as conclusões dos resultados e a apresentação de uma proposta de ação inerente ao Envelhecimento Ativo. Procurou-se ainda, estabelecer uma reflexão sobre as conclusões apresentadas e algumas sugestões e estudos que possam fazer parte de uma futura intervenção no âmbito desta problemática.

# **Parte I**

## 1. O Sistema Prisional em Portugal

### 1.1 Um olhar sobre a prisão no passado

O início da prisão, transporta-nos para tempos passados, nomeadamente ao isolamento das pessoas que possuíam doenças contagiosas como a peste e a lepra. O nascimento da prisão ocorreu nessa época, inerentemente à forma de como a sociedade encarou e estigmatizou estas duas doenças, com vista à sua interrupção (Lefevre, 1979 *cit in* Gonçalves, 2000, p.143). Nessa continuidade, a prisão:

*“(...) nasceu sob o desígnio do isolamento, enquanto entidade fechada sob si própria. Toda a sua imponência arquitetónica suscita no observador a sensação de afastamento, de interdição, de corte entre os dois mundos: os que estão do lado de dentro e os que estão do lado de fora”* (Gonçalves, 2000, p.186).

Na Idade Média, o sacrifício do corpo passava por diversas punições profundas, tenebrosas e fatais, a título de exemplo: chicotadas; mutilações; a morte lenta assistida em praça pública; a chama em volta do corpo (...), diversas formas de aterrorizar o corpo e a mente. Nesse sentido para Foucault (1991), a condenação seria aceitável ou suficiente para que o indivíduo tivesse amedrontamento, não obstante em tal época as ações aos delituosos pronunciavam-se num pensamento distinto ao pensamento do autor. Posteriormente, as sociedades sofrem transfigurações de ideologias e convicções, remetendo para um pensamento mais coeso. A chamada época moderna eleva-nos a mutações fortes e as agressões ao corpo ganham uma conotação negativa. A punição e a dor são rejeitadas e a noção de que o recluso deve ser reeducado entra em vigor, como refere Foucault (1999, p.14):

*“(...) em algumas dezenas de anos, desapareceu o corpo supliciado, esquartejado, amputado, marcado simbolicamente no rosto ou no ombro, exposto vivo ou morto, dado como espetáculo”.*

Na ótica de John Locke *cit in* Gonçalves 2014, o grande liberalista no seu livro “*O Ensaio sobre o governo civil*” determina que a queda do Absolutismo tem a ver com a queda da penalização do corpo, e ao contrário do que se esperava o crime continuou a aumentar e nem a penalização pelo corpo gerou reflexão/medo nos delinquentes. A grande Revolução Francesa acompanhada do Iluminismo do séc. XVIII foram

essenciais no que concerne à mutação deste sistema sancionatório. Os valores como a coesão, equidade, liberdade e fraternidade fazem parte da humanidade e, dessa forma, o delinquente passou a ter conotações distintas, assegurando a sua dignidade. Vislumbrando as ideologias de Jeremy Bentham mencionadas por Foucault (1975), realçam para uma prisão que alcance políticas racionais, conscientes e humanitárias. Jeremy Bentham, identificou e apresentou tipologias ideológicas relacionadas com a: afetuosidade; precisão e seriedade, com vista aos seguintes moldes: divisão dos reclusos por sexo; precaução no que concerne às necessidades básicas e, por fim propósito de disciplina austera (David, 2015; Gonçalves, 2009a, Gonçalves, 2009b). O grande princípio de todo o trabalho de Bentham baseava-se na mudança do recluso e na reintegração na sociedade (Gonçalves, 2009b).

Segundo Foucault (1983), a prisão inicia um leque de medidas que visam a modificação do indivíduo prevaricador para a sua transfiguração relativamente à sociedade, priorizando práticas de reflexão com vista a um afastamento do comportamento delinquente. Nesse sentido, os indivíduos são por um período de tempo afastados da sociedade, sendo a sua punição a privação de liberdade, com o objetivo de obter em primeiro, paz social e, em segundo, atingir os padrões ideológicos da reinserção social na sua saída. Em meados dos anos setenta, testemunhou-se em França uma evolução inerente aos profissionais do sistema prisional e o ingresso de técnicos das ciências sociais e humanas nos “*poderes de conceito e controlo*” (*ibidem*, p.267). Não obstante, Foucault é corrosivo quando discursa sobre a “*incorporação*” dos técnicos cuja a profissão está inerente ao comportamento humano, ao manuseamento do crime e que estas entradas são meramente “*objetividades*”, para “*a fabricação do indivíduo disciplinar*” (*ibidem*, p.269). Porém, depois de vários marcos assinalados, denota-se uma direção com vista à humanização prisional e uma diminuição da autoridade coercitiva. Estes factos foram definidos como normalização:

“(…) *uma noção que, quando aplicada à prisão, não aos presos, é desprovida das suas conotações foucaultianas e entra no léxico dos responsáveis prisionais em vários países europeus com um significado bem diferente: refere-se à prisão como instituição entre outras, logo um subsistema normal da sociedade. As prisões devem, nesta lógica, procurar reduzir o fosso entre o meio interno e externo, e espelhar o meio livre em aspetos indeclináveis da existência humana.*” (Leander, 1995: Snacken, 2002 cit in Cunha, 2014, p.56).

Na visão de Goffman (2003, p.70), lembrando a expressão algébrica dos dois termos: instituição total, os reclusos passam um determinado tempo entre muros. As instituições totais estabelecem-se como “(...) *organizações racionais conscientemente planejadas como máquinas eficientes para atingir determinadas finalidades oficialmente confessadas e aprovadas*”. No que respeita à prisão, o seu princípio funde-se na “*reforma dos internados na direção de algum padrão ideal*” e “*a limitação da liberdade, a segregação social temporária, a ressocialização*” do recluso sem recorrer ao castigo (Gonçalves, 2000, p.189). Veja-se o Quadro 1 que apresenta um resumo das várias etapas históricas da prisão.

Quadro 1- Etapas históricas da prisão

	<b>Capitalismo (antes de 1914)</b>	<b>Guerra imperialista (1914 - 1945)</b>	<b>Estado social (1946 - 1989)</b>	<b>Globalizaçã o (1989 -)</b>
A nível social	Luta de classes	Cristalização ideológica (liberdade/igualdade)	Estado providência escola e Classe média	Trabalho de rotina vs. análise simbólica
A nível estratégico	Trabalho industrial	Movimento socialista	Movimento anticolonial	Novas migrações e tráfico de droga
A nível judicial doutrinário	Direito positivo	Direito de estado	Justiça social	Direito não-positivo
Objetivos dominantes da prisão	Normalização das penas	Prisão política (campos nazis)	Reintegração social dos condenados	Sociedade da vigilância
Princípios organizativos da prisão	Isolamento e meditação segundo modelo religioso	Organização de vida em comunidade	Reeducação Social e preparação para a reintegração	Diversidade e pluralismo de práticas e poderes internos e externos

Dores, 2003 *cit in* Lima, (2008, p.45)

## **1.2 Enquadramento Legal e Normativo**

A legislação portuguesa inerente aos Estabelecimentos Prisionais inclui dois importantes quadros legais que suportam e guiam a organização de todos eles. O Decreto-Lei (DL) n.º 115/2009 de 12 de Outubro, refere-se ao Código de Execução de Sentenças e Privação de Liberdade e o DL n.º 51/2011 de 11 de Abril que configura a Regulação Geral dos Estabelecimentos Prisionais. Estes diplomas constituem o suporte legal que legitima todo o trabalho que os profissionais exercem em contexto prisional, que de uma forma cooperativa e organizada lidam com a ressocialização do recluso desde do momento da sua entrada até momento da sua saída. Depois da admissão do recluso, procede-se à sua avaliação clínica, contacto com a vigilância, serviços de segurança e, subsequentemente outras etapas, necessárias, consoante as especificidades.

### **1.2.1 Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP)**

A Direção-Geral dos Serviços Prisionais (DGSP) foi extinta, tendo sido criada a Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), pelo DL n.º 215/2012, de 28 de setembro, alterado pela Declaração de Retificação n.º 63/2012, de 9 de novembro. A estrutura nuclear da DGRSP e as competências das respetivas unidades orgânicas estão definidas na Portaria n.º 118/2013, de 25 de março. A Direção Superior da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais encontra-se constituída, tendo como Diretor-Geral o Dr. Celso José das Neves Manata e como Subdiretores-Gerais o Dr. Paulo Manuel Sales Moimenta de Carvalho, o Dr. João Paulo Rodrigues Carvalho e a Dr.ª Isabel Leontina Figueiredo Antunes Carvalho<sup>2</sup>.

A Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) está sob o olhar do Secretário de Estado Adjunto e da Justiça e foi criada em prol da reinserção dos indivíduos que violam a lei e a para a precaução da delinquência, a Direção Geral da Reinserção. É essencial a fomentação e exequibilidade de medidas tutelares educativas e, também, medidas alternativas à prisão, instituindo conjunturas de reinserção além muros e o incremento dos direitos humanos.

---

<sup>2</sup> Informação disponível no website da DGRSP, no endereço: <http://www.dgsp.mj.pt/>

No que se refere às suas funções, destacam-se as seguintes atividades:

- ✓ Colaboração para a descrição da política criminal;
- ✓ Colaboração com os tribunais no que concerne a decisões jurídicas, nomeadamente ao processo educativo, penal e tutelar;
- ✓ Colaboração na execução de medidas tutelares educativas;
- ✓ Colaboração no que respeita a medidas alternativas à prisão;
- ✓ Desenvolvimento, desempenho e realização de programas em detrimento da prevenção criminosa;
- ✓ Garantir o desenvolvimento e gestão de entidades educativas de menores;
- ✓ Proporcionar programas com vista à reintegração de jovens e adultos<sup>3</sup>;
- ✓ Colaboração na aproximação da comunidade ao sistema prisional, com auxílio de entidades externas e públicas.

Em conformidade com as informações provenientes da Direção-Geral da Reinserção e Serviços Prisionais, olhando o ano de 2015, em Portugal, 55 053 pessoas cumpriram em absoluto 62 280 penas, sendo que 89% do sexo masculino e 6082 do sexo feminino. A maioria dos reclusos cometeram crimes contra as pessoas e contra o património. No que respeita à nacionalidade, 2015, detinha 3 919 reclusos/as, sendo os de países africanos com mais predominância, cerca de 2 523 (Cabo Verde, Angola). Os demais, pertencem ao Brasil, Venezuela e Canadá. À vista disso, é importante referir que cerca de 11 176 dos reclusos/as detinham certo grau escolar,<sup>4</sup> e destes, 3 821 apresentavam o ensino básico. Dos crimes realizados (88 601 em 2015<sup>5</sup>), os mais frequentes estendem-se ao delito rodoviário numa totalidade de 17 176 penas e medidas operadas. Por seu turno, em segundo lugar, temos o tráfico de droga com 5 999 penas e, como terceiro, a violência doméstica. Observando os padrões etários, voltando ao ano de 2015 existiam 2 078 rapazes e 365 raparigas com idades inferiores a 21 anos, onde se

---

<sup>3</sup> A abordagem destes programas sobre a população reclusa idosa será realizada nas conclusões.

<sup>4</sup>Recorremos à DGRSP para a classificação entre “Não sabe ler nem escrever”, “Sabe ler e escrever”. “ 1º ciclo ( 1º, 2º, 3º e 4º)”. “ 2º ciclo (5º e 6º anos), “ 3º ciclo (7º, 8º e 9º anos)”, “ secundário ( 10º, 11º e 12º anos)”. “Superior” e “Outros cursos”.

<sup>5</sup>Dados recolhidos em concordância com a 43.ª Deliberação da Secção Permanente de Coordenação Estatística do CSE, de 3 de dezembro de 2014, publicado no Diário da República, 2.º série, 15 de dezembro de 2014, onde dispõe distintas categorias de crime.

consumaram 2 826 medidas tutelares educativas, resultantes de 4 658 tipos de crimes, a título de exemplo: crimes contra património, 2 195; contra pessoas 2 033, e os outros inerentes a outros padrões criminais. Por outro lado, como se observou ao longo desta revisão da literatura, o envelhecimento em contexto prisional e fazendo um recorte pela comparação entre 2015 e 2017, denotou-se um aumento dos reclusos tidos como idosos. Em 31/12/2015, 758 pessoas com mais de 60 anos estavam a cumprir pena de prisão, sendo que destes, 48 eram do sexo feminino.

### **1.2.2 Os Direitos e Deveres dos reclusos**

O DL n° 115/2009 estabelece os direitos e deveres dos reclusos. A execução das penas e medidas privativas da liberdade assegura ao recluso:

- ✓ Cuidados de saúde, integridade moral e física, não podendo ser sujeito a cruéis tipos de admoestação física e psicológica;
- ✓ Aos Direitos civis, políticos, sociais, económicos e culturais, envolvendo o direito ao voto “*salvo quando aquele for incompatível com o sentido da sentença condenatória ou da decisão de aplicação da medida privativa da liberdade*”;
- ✓ O direito à escolha da sua crença;
- ✓ O direito de ser tratado pelo seu próprio nome;
- ✓ O seu processo seja protegido consoante a lei;
- ✓ Preservação dos contactos além muros, assim como o diálogo à distância, cartas (entre outros);
- ✓ O Direito, à confidencialidade da vida privada e da família;
- ✓ As mulheres reclusas terem os filhos (até 3) com elas até aos 5 anos de idade. Consoante a aprovação da responsabilidade do outro titular, vontade do filho e que, especialmente existam as circunstâncias necessárias;
- ✓ Acesso ao Serviço Nacional de Saúde;
- ✓ Ser informado sempre dos seus direitos e deveres;

- ✓ Ter a possibilidade de ver o seu processo, acompanhar as alterações “*sobre a evolução e avaliação da execução da pena ou medida privativa da liberdade*”;
- ✓ Ser atendido, podendo expor pedidos, realizar reclamações (entre outros), e a “*impugnar perante o tribunal de execução das penas a legalidade de decisões dos serviços prisionais*”;
- ✓ Aconselhamento jurídico.

Durante a execução das penas e medidas privativas da liberdade, o recluso tem ainda presente os seguintes deveres:

- ✓ Estar, continuamente, no Estabelecimento Prisional, até a decisão de libertação, “*salvaguardados os casos de autorização de saída*”;
- ✓ Quando na autorização de saída, deve cumprir o horário estipulado;
- ✓ Obedecer as ordens provenientes de funcionários do sistema prisional, cumprir regras e normas inerentes à vivência prisional;
- ✓ Cumprir uma conduta justa e clara com todos os intervenientes prisionais. O mesmo se refere de recluso para recluso;
- ✓ Alertar para possíveis situações de risco de saúde no sistema prisional, nomeadamente com o próprio ou com outros reclusos;
- ✓ Realizar teste de consumo de álcool e de outras substâncias, assim como exames para detetar doenças contagiosas;
- ✓ Ter a cela limpa e realizar certas tarefas de limpeza incutidas pelo sistema prisional. Assim como, a sua higiene pessoal.

### **1.2.3 O Plano Individual de Readaptação**

O Plano Individual de Reabilitação (PIR) é elaborado pelo profissional de reeducação, que acompanha o recluso durante a sua detenção. As funções do Técnico Superior de Reeducação (TSR) são elencadas no DL n.º 34/ 91 de 18 de setembro, conforme se irão apresentar:

- ✓ Tem como função, em conjunto com o Instituto de Reinserção Social e demais serviços, sugerir atividades que desenvolvam competências no que respeita ao receção e acolhimento dos reclusos;
- ✓ Promover, realizar e adotar métodos e técnicas científicas no que diz respeito ao acompanhamento dos reclusos no período de cumprimento de pena e, essencialmente ao ajustamento do Plano Individual de Readaptação (PIR) e ao despacho de decisões legalmente solicitados pelos superiores;
- ✓ Orientar e prestar apoio aos Estabelecimentos Prisionais com vista ao desenvolvimento do processo de tratamento de cada recluso e à promoção de frequência escolar e profissional. Auxilia na tomada de decisões disciplinares e mudanças de cumprimento da pena;
- ✓ Auxilia os tribunais no deliberamento de penas consoante os seus relatórios realizados ao longo do cumprimento de pena dos reclusos, *“emitindo pareceres sobre a evolução da personalidade dos reclusos, durante a execução da pena, de modo a habilitar os respetivos juízes a avaliar a persistência ou não de perigosidade e a viabilidade de reinserção social”*;
- ✓ Realizar de programas, projetos e elaboração de estudos *psicossociais* e assistência individual dos reclusos ou grupal: *“designadamente toxicodependentes, portadores de doenças transmissíveis, jovens adultos e doentes mentais”*;
- ✓ Dinamizar um conjunto de atividades *“culturais recreativas, formativas e de educação física”* em prol dos reclusos, tendo em vista o desenvolvimento de competências e ocupação dos tempos livres;
- ✓ Promover o relacionamento além muros, motivando os reclusos para o envio de cartas aos familiares e amigos e visitas ao EP;
- ✓ Desenvolvimento cognitivo dando ênfase às especificidades de cada recluso, *“estimular os reclusos à sua frequência e estabelecer os contactos necessários com o Ministério da Educação”*;
- ✓ Promover o envolvimento dos reclusos com a vida além muros *“mantê-los informados dos acontecimentos relevantes da vida social”*;

- ✓ *Estimular o envolvimento de entidades externas, como por exemplo, os voluntários com vista à reinserção dos reclusos na sociedade.*

De uma forma geral, as funções definidas pelo Técnico Superior de Reeducação (TSR) têm como objetivo principal o desenvolvimento de competências individuais, profissionais e educativas, com vista à reinserção social. O TSR tem outras funcionalidades administrativas, como verificar processos, o PIR e relatórios, entre outros. Ou seja, todo o processo de reintegração e ressocialização fazem parte do trabalho do TSR. Com base noutros estudos no que diz respeito à reinserção dos reclusos, nomeadamente na sua saída, Gomes (2008) comenta na sua Dissertação de Mestrado, realizada na prisão de Coimbra, conversas informais com os técnicos de reeducação sobre o papel do técnico na saída dos reclusos. Veja-se, algumas das opiniões dos TSR:

*“(...) Sistema carcerário é pouco educativo, (...) ele sai sem retaguarda familiar (na maior parte das vezes) e sem dinheiro. A primeira coisa que fazemos é orientá-los a requerer o RSI (Rendimento Social de Inserção). (...)mas estes utentes são geralmente indivíduos isolados). (...) Pela minha experiência, o plano individual (...) passava muito pela aprendizagem de um ofício que se tornou inútil quando saíram. (Gomes, 2008, p. 42) Eles saem de lá sem se ter conseguido planear muito bem como vai ser a reinserção, (...) da falta de protocolos com outras instituições. (...) Penso que essa será uma das principais falhas” (Gomes, 2008, p. 41).*

O PIR tem como principal objetivo efetuar a preparação para a liberdade, estabelecendo as medidas e atividades adequadas ao tratamento prisional do recluso, bem como a sua duração e faseamento, nomeadamente nas áreas de ensino, formação, trabalho, saúde, atividades socioculturais e contactos com o exterior. Este, tem como obrigadoriedades os seguintes itens (Artigo 21º.)<sup>6</sup>:

- ✓ *“Sempre que a pena, soma das penas ou parte da pena não cumprida exceda um ano, o tratamento prisional tem por base um plano individual de readaptação, o qual é periodicamente avaliado e actualizado, nos termos previstos no Regulamento Geral;*

---

<sup>6</sup>Decreto Lei nº 115/2009-Diário da República, 1ª Série – N.º 197 de Outubro de 2009. (Regulamneto Geral do Estabelecimento Prisional) – Ministério da Justiça. Lisboa.

- ✓ *Independentemente da duração da pena, o plano individual de readaptação é obrigatório nos casos de reclusos até aos 21 anos ou de condenação em pena relativamente indeterminada;*
- ✓ *O plano individual de readaptação visa a preparação para a liberdade, estabelecendo as medidas e actividades adequadas ao tratamento prisional do recluso, bem como a sua duração e faseamento, nomeadamente nas áreas de ensino, formação, trabalho, saúde, actividades sócio-culturais e contactos com o exterior;*
- ✓ *A elaboração do plano individual de readaptação sustenta-se na avaliação do recluso, efectuada nos termos do artigo 19.º;*
- ✓ *Na elaboração do plano individual de readaptação deve procurar-se obter a participação e adesão do recluso;*
- ✓ *No caso de recluso menor, o plano individual de readaptação é também elaborado com a participação dos pais, do representante legal ou de quem tenha a sua guarda, se houver benefício para a sua reinserção social.*
- ✓ *O plano individual de readaptação e as suas alterações são aprovados pelo director do estabelecimento prisional e homologados pelo tribunal de execução das penas;*
- ✓ *Um exemplar do plano individual de readaptação e das respectivas actualizações é entregue ao recluso”.*

No caso dos reclusos com e a partir dos 60 anos, o artigo 4º do DL nº115/2009 de 12 de outubro, refere Princípios Orientadores Especiais e menciona no seu nº 2º, o seguinte:

*“A execução de sentenças e a privação da liberdade por pessoas acima dos 65 anos de idade, deve respeitar as suas necessidades específicas e o seu estado de saúde e autonomia, em particular garantindo-lhes a assistência necessária nas actividades diárias e fornecendo-lhes comodidade, segurança, actividades e programas”.*

Isto é, portanto, a única orientação específica encontrada na legislação para reclusos idosos. Também os portadores de doenças terminais estão ao abrigo da lei especial De acordo com o artigo 69º do DL nº51/2011, o PIR pretende uma reestruturação e preparação do recluso para a vida além muros, adotando estratégias e medidas que fomentam a reinserção.

Nesse sentido, o PIR determina atividades que visam a liberdade, especificamente nas áreas da (Artigo 69.º):

- a) *“Escolaridade e formação profissional;*
- b) *Trabalho e actividades ocupacionais;*
- c) *Programas;*
- d) *Atividades sócio-culturais e desportivas;*
- e) *Saúde;*
- f) *Contactos com o exterior;*
- g) *Estratégias de preparação para a liberdade”.*

Para sumariar o que foi descrito acima, é responsabilidade do profissional de reeducação formalizar o PIR que é aprovado pelo Diretor do estabelecimento prisional. Depois de homologado pelo juiz (do TEP), o PIR é reformulado pelo Tribunal de Execução de Penas. Durante a execução do plano, é dado ao recluso oportunidade para se expressar em relação ao plano. Neste sentido, o recluso pode expressar ideias e programas que possam fazer parte do seu PIR. É também dever do PIR, promover o estabelecimento de laços com a comunidade no período de reclusão de forma a tentar diminuir a reincidência. Em 2003, o Procurador da Justiça, Nascimento Rodrigues mencionou:

*“A personalização do tratamento não existe só para benefício do recluso. É ela mesma a maior esperança que, a prazo, pode ter a Comunidade na não repetição de actos que vulneram a paz social”.*

No que diz respeito à implementação do PIR (que pode sofrer alterações e ajustamentos), Pontes (2015) desenvolveu um estudo com o objetivo de analisar as suas complexidades e as dificuldades encontradas no seu uso prático pelos profissionais do contexto prisional. Baseado num estudo empírico, o autor concluiu que o PIR foi considerado habilmente estruturado, apesar de ser demasiado complexo e difícil de alcançar em termos de utilização prática. Para concluir, vários problemas e desafios devem ser considerados na análise e estudo deste fenómeno complexo que é o envelhecimento em contexto prisional e a função das equipas de reintegração social que

detêm um papel fundamental no que concerne aos reclusos do estabelecimento prisional.

### 1.3 Normalização da vida na prisão e reintegração

Snacken (2002) descreve que a prisão deve assemelhar-se com o que se passa além muros, devendo aproximar-se ao máximo das condições vividas em liberdade, a isto poderemos chamar “*normalização da vida da prisão*” onde se englobam variáveis de foro afetivas, sexual, cultural e de conduta como acontece quando estamos em liberdade. Na visão de Veil e Lhuilier (2000) refere que o conceito de normalização tudo tem a ver com a “*redução das diferenças entre o interior e o exterior*” e menciona que por trás destas enunciações está a perceção dos delituosos como pessoas com direitos. Segundo Faugeron (2002) para se resolver a “*normalização da vida na prisão*”, é necessário haver políticas sociais de prevenção, que visam a necessidade da prisão em se “*desinstitucionalizar*” de feitiço a assegurar uma comunicabilidade mais transparente e ágil entre a prisão e além muros, complementando com políticas externas para que haja um plano mais vigente no que concerne à reeducação e ressocialização do delituoso. Inerente à normalização está a reinserção social do recluso, tendo como princípios meios que desenvolvam no recluso uma personalidade complacente em liberdade (Vieira, 2005).

Além do mencionado, há dois pilares não menos importantes inerentes à educação na prisão e à formação profissional, ou seja, a qualificação dentro da prisão que, consoante os estudos realizados, em torno do sistema prisional, são concludentes quanto à reinserção positiva<sup>7</sup>. Nessa continuidade, conforme o Comité de Ministros do Conselho da Europa de 1989, o ensino na prisão deve exercer um princípio fundamental para a evolução do recluso e para uma maior aproximação ao exterior (Gomes, Duarte & Almeida, 2003)<sup>8</sup>. O sucesso deste paradigma «aprender na prisão» é notável. No entanto, o seu efeito só é visível quando o recluso está em liberdade. Há um vácuo adjacente ao recluso, na medida em que a escassez de programas inerentes a ex-reclusos é inexistente, ou seja, um recluso que se esforce para aprender na prisão, no momento

---

<sup>7</sup>Estudo: Correccional Services of Canada, de 1992, “Can educating adult offenders counteract recidivism?”-Retirado de: <http://www.csc-scc.gc.ca/research/005008-r22e-eng.shtml>

<sup>8</sup>Recomendação (89) 12, de 13 de Outubro, do Comité de Ministros do Conselho da Europa, 1989.

da sua saída não terá ninguém que o acompanhe (Seu, 2002). Trabalhar na prisão à luz de Webster (1997, p. 68) é indispensável:

*“Se é certo que o trabalho prisional mantém, com a nova concepção de ressocialização que caracteriza o atual modelo político-criminal, o seu papel de medida de tratamento, também não é menos certo que ele é, agora, concebido de maneira diversa. (...) A partir de agora, pretende-se tornar o delinquente num ser capaz de, no momento da sua libertação, participar na vida social, de se reintegrar, se assim o decidir”.*

Nesse sentido, trabalhar na prisão exibe duas direções:

*“De um lado, ele serve para a não-dessocialização do recluso durante o tempo em que está preso, visando, principalmente, minorar os efeitos prejudiciais do estabelecimento sobre esse preso. De outro lado, o trabalho pretende contribuir para a sua real ressocialização, embora se tenha que reconhecer que isso nem sempre é possível” (ibidem p. 69).*

Em Portugal, a Lei sobre Política Criminal para 2009/2011 (Lei n.º 38/2009, de 20 de julho), concretizadora da Lei-quadro da Política Criminal (Lei n.º 17/2006, de 23 de maio)<sup>9</sup>, inicia-se por indicar a importância da reintegração dos reclusos na sociedade fomentando o seu desenvolvimento e minimizando a rotulação.

*“Ressaltamos a necessidade da opção pela abertura da prisão à sociedade e, reciprocamente, da sociedade à prisão. Um dos elementos mais negativos das instituições carcerárias, de fato, é o isolamento do microcosmo prisional do macrocosmo social, simbolizado pelos muros e grades. Até que não sejam derrubados, pelo menos simbolicamente, as chances de “ressocialização” do sentenciado continuarão diminutas. Não se pode segregar pessoas e, ao mesmo tempo, pretender a sua reintegração. Todavia, a questão é mais ampla e se relaciona com a concepção de ‘reintegração social’”(Baratta, 1990, p. 3).*

À medida que os tempos se desenvolveram, o sistema prisional também evoluiu como observamos ao longo da revisão da literatura. Foi em 1979, que se assistiu a uma transformação no tratamento penitenciário, entrando em vigor o Plano Individual de Readaptação que teve como objetivo basilar o desenvolvimento de competências de ressocialização, atividades formativas, formação, trabalho, ocupação de tempos livres, medidas de preparação para a liberdade, entre outros (Santos, 2003)<sup>10</sup>. No que respeita

---

<sup>9</sup>Lei-quadro da Política Criminal- Lei n.º 17/2006 de 23 de maio, alterada pela Lei n.º 19/2008 de 21 de abril que aprova medidas para combate à corrupção e pelas leis n.ºs 51/2007 de 31 de agosto e 38/2007 de 20 de julho.

às políticas gerais com vista à reintegração, as principais estão inerentes à formação profissional, saúde e trabalho. Será uma verdadeira forma de transformação do ser humano, no desenvolvimento de competências com vista à sua reinserção no momento da sua saída para a vida em liberdade (Santos, 2003).

Relativamente ao estado de saúde, os reclusos têm o direito ao Serviço Nacional de Saúde, sendo que todos têm os mesmos direitos que a comunidade além muros. Vários pesquisadores reuniram informações inerentes ao trabalho na prisão e muitas dessas pesquisas mencionam que na Europa, nomeadamente em Portugal a ocupação laboral é reduzida e não cobre todos os sistemas prisionais. Outro problema são as qualificações baixas dos reclusos, como profere Moreira (1994, p. 146):

*“O trabalho foi um acidente de percurso na vida de boa parte dos homens que habitam a cadeia. A ausência de especialização, as baixas remunerações, as mudanças frequentes de emprego e os longos períodos de inatividade, constituem um lastro comum a quase todo o universo”*

A prisão não está ligada somente ao castigo, mas também, a práticas e reestruturação e reabilitação dos reclusos para a vida em comunidade. As Cartas e Declarações Europeias e Universais incitam para a propagação de condutas condescendentes para os direitos dos reclusos e tratamento prisional singular dos reclusos (Santos, 2003). Outra questão preponderante inerente aos familiares dos reclusos ou dos ex reclusos no que concerne à empregabilidade é o estigma que influencia a sociedade e, por isso, raramente uma pessoa emprega um ex recluso contribuindo para sua nefasta e metafórica reinserção. Assim, a prisão não se resume só aquele espaço, mas, indubitavelmente, muito além muros. Vislumbrando as nossas notas, é importante salientar as Recomendações para a Reintegração de ex Reclusos<sup>11</sup>:

*“Reintegração bem-sucedida de ex reclusos exige uma abordagem de gestão do caso, desde a detenção, passando pelo período de reclusão até ao momento de libertação e depois dele”.*

---

<sup>11</sup>Recomendações realizadas por um Grupo Diretivo Europeu de dez Estados-Membros: Bélgica, Países Baixos, Alemanha com França, República Checa e Grécia, Luxemburgo, Itália com Suécia e Áustria, Portugal, Polónia com Lituânia e Finlândia, Espanha, Reino Unido (Grã Bretanha) com Estónia, Reino Unido (Irlanda do Norte) com Letónia, Hungria e Irlanda, novos panoramas no contexto da iniciativa comunitária EQUAL. Dar ênfase as Recomendações(2006) do Comité de Ministros aos Estados Membros inerente ás Regras Penitenciárias Europeias (Homologadas pelo Comité de Ministros a 11 de janeiro de 2006, na sua 952ª reunião).

Na Europa, mormente em Portugal, as políticas de educação<sup>12</sup> são aplicadas para que os reclusos adotem capacidades laborais para que na sua saída a sua reinserção seja do ponto de vista dos serviços prisionais um fator para a não reincidência<sup>13</sup> e/ou prática de crimes. Outra questão correlacionada com a aquisição de conhecimento, a utilidade eletrónica seria uma mais-valia para os empregadores, em termos individuais e, por razões claras, o recluso deve apresentar-se como um ser singular e o seu tratamento deve ser compreendido nos moldes da singularidade.

Fazendo uma análise muito superficial sobre alguns países e sobre a reinserção dos reclusos, nomeadamente dos reclusos idosos, estabelecemos diversas pontes associadas à sua intervenção. No entanto, parece-nos que não há um paradigma direcionado aos reclusos envelhecidos, salvo nos Estados Unidos. Inerente ao caso francês a reintegração está assente numa prática familiar, além das consideradas tradicionais, a título de exemplo: formação e trabalho, foram construídos *pseudo* apartamentos no local das prisões, e os reclusos têm direito a estar com a família até 72 horas. Relativamente às pessoas mais debilitadas o sistema prisional francês, e nos demais, os estudos estão muito focados na saúde mental e psicológica do recluso, como podemos observar no documento<sup>14</sup> “*The French Prison System*”. Já, Lorito (2017) dos estudos que realizou, observou que a literatura tende a concentrar-se no diagnóstico e na saúde física. Inerente ao caso norueguês<sup>15</sup>, foca-se na sua reabilitação, atribuindo parte da culpa à sociedade, pois não lhe concedeu as oportunidades suficientes e necessárias para não adquirir um comportamento desviante. Rejeitando a punição e estratégias tradicionais, este modelo funde-se numa perspetiva mais próxima da vida em liberdade. Ao realizar uma revisão pelas notícias, observámos comentários proferidos por internautas que realçam que as prisões na Noruega são de carácter luxuoso. Não obstante a reincidência é menor, em comparação com outros países da Europa<sup>16</sup>. A prisão de

---

<sup>12</sup>O Comité de Ministros do Conselho da Europa (1989), legitimou a Recomendação (89) 12, de 13 de outubro, inerente ao ensino no sistema prisional. No caso Português a ocupação laboral é orientada pela Direção Geral dos Serviços Prisionais (DGSP), com ajuda de instituições estatais e não estatais.

<sup>13</sup>Estudo:Correcctional Services of Canada, de 1992, denominado “*Can educating adult offenders counteract recidivism?*”, menciona que se os reclusos participarem em ações de formação, a sua reincidência diminui 12%. Outro estudo:“*Effective regimes measurement research*”, sustenta que os reclusos que recusam qualquer tipo de formação são propícios a que aquando em liberdade cometam crimes.

<sup>14</sup>The French Prison System- Retirado de: <https://jjrec.files.wordpress.com/2014/04/rec20121.pdf>

<sup>15</sup>Kriminalomsorgen - Directorate of Norwegian Correctional Service- Retirado de: <http://www.kriminalomsorgen.no/information-in-english.265199.no.html>

<sup>16</sup>Notícia de jornal: Awebic-Retirado de: <https://awebic.com/democracia/tratar-presos-forma-humana-funciona>.

*Bastoy* é um verdadeiro programa pioneiro<sup>17</sup>. Por outro lado, temos os Estados Unidos com problemas sociais extensos, tendo uma representação significativa de reclusos, nomeadamente os reclusos mais velhos:

*“(...) Life in prison can challenge, but it can be particularly hard for people whose bodies and minds are being whittled away by age. Prisons in the United States contain an ever growing number of aging men and woman who cannot readily climb stairs, haul themselves to the top bunk, or walk long distances to meals or the pill line; whose old bones suffer from thin mattresses and winter’s cold; who need wheelchairs, walkers, canes, portable oxygen, and hearing aids; who cannot get dressed, go the bathroom, or bath without help; and who are incontinent, forgetful, suffering chronic illnesses, extremely ill, and dying”* (Hurley, 2014, pp.12-13).

Ainda que a realidade norte americana seja distinta da portuguesa, veja-se que existem vários programas inerentes ao envelhecimento: *“True Grit Geriatric Unit in Northern Nevada Correctional”* baseado num programa para pessoas a partir dos 60 anos, com atividades de ténis, música, basquete, entre outros, ou seja, desenvolvem competências cognitivas e sensoriais. Há acompanhamento e tratamento psicológico, essencialmente para os veteranos da guerra do Vietname. Outro programa, realizado pelo estado de Louisiana em Angola, *“The Sate of Louisiana Hospice Program at Angola”*, é gerido por reclusos voluntários que se disponibilizam ajudar e a dar suporte dentro da enfermaria da prisão, o programa não tem custos adicionais e os reclusos com patologias terminais são admitidos no programa, quando o prognóstico de vida é cerca de seis meses de vida. A cada recluso são atribuídos seis voluntários, (Hurley, 2014).

#### **1.4 A Intervenção da Educação Social no contexto prisional**

De acordo com o Relatório de Atividades e de Autoavaliação da DGRSP<sup>18</sup>, referente ao ano de 2017, foram criados em 2016, 15 programas que decorrem até ao momento *“com 253 aplicações, 11 delas constantes do catálogo de programas em vigor na DGRSP, designadamente:*

---

<sup>18</sup>Relatório de Atividades e Autoavaliação 2016.  
[http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/Documentos/DocumentosSite/Rel\\_Actividades/RI\\_ativ\\_2016/RA.pd](http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/Documentos/DocumentosSite/Rel_Actividades/RI_ativ_2016/RA.pd)

- ✓ *Programa de Intervenção dirigido a Agressores Sexuais*
- ✓ *Programa de Promoção de Competências Pessoais e Emocionais – Gerar Percursos Sociais*
- ✓ *Programa de Iniciação às Práticas Restaurativas – Educar para Reparar*
- ✓ *Programa de Promoção do Desenvolvimento Moral e Ético*
- ✓ *Programa de Treino de Competências para a Empregabilidade*
- ✓ *Programa de Motivação para o Tratamento de Comportamentos Aditivos*
- ✓ *Programa de Intervenção na problemática do Alcoolismo*
- ✓ *Programa de Intervenção dirigido a autores de Delitos Estradais - Estrada Segura*
- ✓ *Programa de Prevenção da Reincidência e da Recaída – Construir um Plano de Prevenção e Contingência*
- ✓ *Programa de Estabilização Emocional e Integração Institucional*
- ✓ *Programa Integrado de Prevenção do Suicídio.*

No que respeita ao Plano de Atividades 2017 da DGRSP<sup>19</sup>, deste fazem parte um conjunto de objetivos, constituindo uma estrutura solidificada no que concerne a todos os sistemas prisionais. Os objetivos expõem as várias áreas de intervenção e atribuições da Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais DGRSP – “*Na jurisdição penal, a execução de penas e medidas privativas de liberdade e na comunidade, aqui se inclui a vigilância eletrónica, e, na área da justiça juvenil, a intervenção tutelar educativa, que inclui a medida de internamento e medidas de execução na comunidade que se seguem em torno das seguintes orientações estratégicas:*

- ✓ *Consolidar a estrutura orgânica da DGRSP e otimizar a organização;*
- ✓ *Criar, implementar e generalizar o uso de tecnologias de informação e comunicação de suporte às atividades internas e com o exterior;*
- ✓ *Reforçar e modernizar as condições de segurança no sistema prisional;*

<sup>19</sup>Plano de Atividades 2017. [http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/Documentos/DocumentosSite/Pl\\_atividdds/Pl\\_ativ\\_2017.pdf](http://www.dgsp.mj.pt/backoffice/Documentos/DocumentosSite/Pl_atividdds/Pl_ativ_2017.pdf).

- ✓ *Racionalizar e modernizar a rede de estabelecimentos prisionais e de centros educativos às necessidades do sistema prisional e de reinserção social para o horizonte de uma década. Promover a equidade na prestação de cuidados de saúde aos cidadãos reclusos e jovens internados em centro educativo;*
- ✓ *Promover a racionalização e a priorização da atividade técnico-operativa em matéria de assessoria técnica aos tribunais no âmbito dos processos tutelares educativos e penais em articulação com as autoridades judiciais.*
- ✓ *Reforçar a orientação do tratamento prisional e do acompanhamento de penas e medidas judiciais de execução em meio comunitário para a reinserção social e prevenção da reincidência.*
- ✓ *Reforçar o sistema nacional de vigilância eletrónica.*
- ✓ *Consolidar a qualidade e incrementar a eficácia da intervenção tutelar educativa.”*

Estes objetivos visam a promoção de uma reintegração mais equitativa da sociedade. Consideramos que o sistema prisional deve adotar estratégias em conjunto com entidades externas, para amenizar toda uma exaustão inerente ao Estado. Os flagelos sociais, são perecíveis e o Estado não tem capacidade de erradicar em tempo útil estes flagelos que são a causa, maioritariamente, de muitas pessoas entrarem para a delinquência.

É neste contexto que a intervenção da Educação Social poderá contribuir de forma positiva para a reinserção de reclusos, sejam eles jovens, adultos e idosos. À luz de Sánchez (2003) importa salientar a existência de quatro categorias de análise em prol da Educação Social, que se baseiam nos âmbitos “sócio-assistencial”, “sócio-educativa”, “sócio-cultural” e, por fim, “sócio-económica”. Constatando-se na figura seguinte:

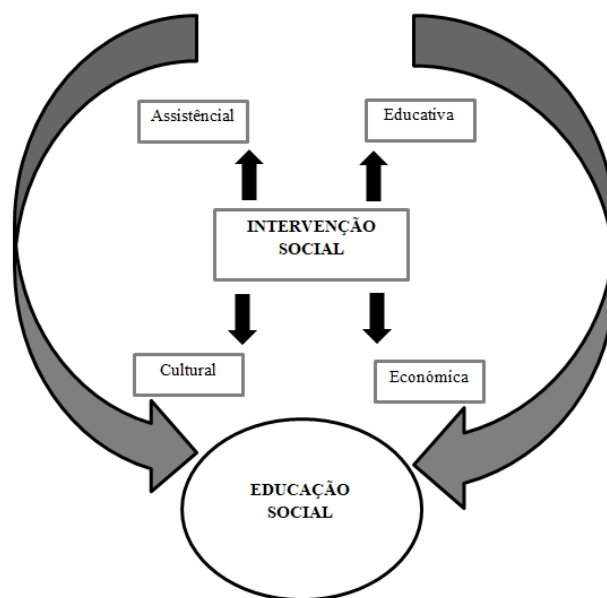


Figura 1 - As valências da intervenção da Educação Social (adaptado, Sanches, 2003)

Nesse sentido e segundo o autor mencionado, a categoria “sócio-assistencial”, envolve inúmeras intervenções emergentes, respeitantes aos indicadores fundamentais para a sobrevivência: uma alimentação saudável, saúde física e mental, tendo como intervenção as pessoas como ser individual ou grupal. No que respeita à “sócio-educativa” desenvolve intervenções distinta da assistencial, no que refere ao tempo de intervenção. Ou seja, não são tão imediatas pois um dos objetivos basilares é o desenvolvimento de comportamentos e ações/conduas e a procura por novos princípios. A intervenção “assistencial”, trabalha com indivíduos em particular ou em grupo, ultimando com outro objetivo que se funde na integração social e melhoria da qualidade de vida. Inerente à “sócio-cultural”, e segundo Sánchez (2003), esta intervenção deve acompanhar todas as outras, no sentido de difundir o envolvimento da cultura e o seu desenvolvimento inter-relacional. Os efeitos desta intervenção são visíveis num período de tempo, designado por paulatino. No que respeita à “sócio-económica”, alberga uma vertente passada dos anos setenta e busca o desenvolvimento de estratégias, como por exemplo, a procura por emprego.

Como as outras intervenções insere-se numa linha pessoal e grupal e o seu objetivo antevê a reinserção social. Outras particularidades relativas às intervenções, serão aqui elencadas:

- ✓ O envolvimento educativo com vista ao desenvolvimento da autonomia do indivíduo;
- ✓ Abrangência da cultura e sabedoria, proeminentes das ideologias de cada comunidade;
- ✓ A tipologia transformadora que se pode desenvolver através das ligações estabelecidas entre a pessoa e o grupo;
- ✓ Aplicação e instrumentos sociais, como a realização de entrevistas, questionários, entre outros;
- ✓ A educação não formal como forma de desenvolvimento de competências;
- ✓ A envolvência de uma intervenção mais dinâmica e interativa;

Segundo Carvalho e Batista (2004, p.7), em Portugal:

*“(...) a Educação Social surge como um domínio de ponta. Enquanto plataforma agregadora de perspectivas disciplinares e de projectos de intervenção, ela estabelece a relação entre o saber próprio do universo da pedagogia – esta, tradicionalmente ligada à educação escolar – e a experiência da acção no terreno do trabalho social.”*

Assim a Educação Social é um autêntico modelo que apresenta um sólido suporte de investigação, acompanhada de profissionais aptos. Sendo ela muito abrangente, deve aliar-se a outras áreas, nomeadamente no que se refere à psicologia, sociologia, antropologia, ou seja a criação de uma equipa multidisciplinar auxiliada por princípios claros e compactos e transportada por referências e práticas de intervenção apropriadas.

Carvalho e Baptista (2004), consideram ainda que, apesar da Educação Social se aliar às várias ciências supramencionadas, ressalta-se de uma forma autónoma. Posto isso, as áreas de intervenções socioeducativas, em contexto português têm sido, fortemente favorecidas, tendo como exemplo: educação de adultos, educação laboral, educação cívica, educação comunitária, educação e saúde, a educação intercultural. Por fim, uma educação em sistemas prisionais denominada educação prisional.

## 2. O Envelhecimento: um desafio do século XXI

O termo envelhecimento está ligado a todo um processo degenerativo, crescente e distinto (Fontaine, 2000). Este, não está correlacionado com um determinado momento, circunstância ou estado, fazendo parte da vida do ser humano. Contudo, não é possível identificar o seu princípio, devido a três fatores: a *idade biológica*, associada ao envelhecimento orgânico ou fisiológico, a *idade social*, que se refere ao papel, estatuto e aos hábitos da pessoa relativamente aos outros, sendo fortemente determinada pela cultura e pela história de um país e, por último, a *idade psicológica* que está ligada a competências comportamentais que a pessoa pode dispor na resposta às mudanças do ambiente, incluindo a inteligência, memória e motivação (Fontaine, 2000). No que diz respeito ao processo biológico, o envelhecimento associa-se a uma concentração significativa de anomalias celulares e moleculares. Com o passar do tempo, essas anomalias provocam perdas progressivas a nível fisiológico, e a predisposição para adquirir uma enfermidade e perder capacidades é uma ameaça. Na mesma ótica de pensamento de Fontaine (2000), a OMS (2005)<sup>20</sup> afirma que a terceira idade, inicia-se entre os 60 e os 65 anos, mas o processo de envelhecimento implica três fatores principais, nomeadamente, biológicos, psíquicos e sociais. Estes fatores determinam a velhice, acelerando ou retardando o aparecimento e o estabelecimento de doenças e de sintomas próprios da idade avançada. De acordo com Rosa (2012), na atualidade destacam-se dois conceitos basilares: o envelhecimento individual e o envelhecimento social que mesmo que se encontrem, são dois termos distintos. Posto isto, a autora menciona que no envelhecimento individual, podem identificar-se dois termos plausíveis e conciliáveis: o “*envelhecimento cronológico e o envelhecimento biopsicológico*”. Como o nome indica, o envelhecimento cronológico representa a idade, sendo para todo o ser humano um processo gradativo e inelutável do organismo. No que concerne ao envelhecimento biopsicológico, é distinto e apreciado de várias formas. Ou seja, depende de como é aceite e vivido pela pessoa. Cada ser humano evidencia atitudes de senescência de forma desigual e singular, nomeadamente no que respeita aos genes que nos fazem questionar de quando, realmente, a velhice surge.

---

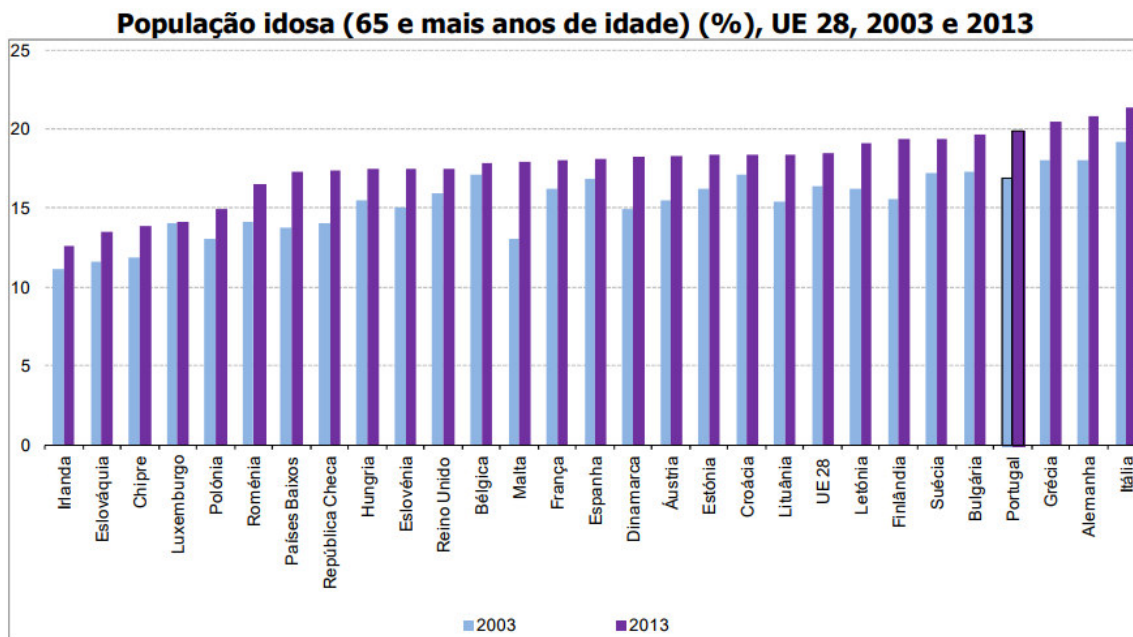
<sup>20</sup> Organização Mundial da Saúde (2005). *Envelhecimento Ativo: Uma política de saúde*. Brasília:

Organização Pan-Americana da Saúde- Retirado de

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf)

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2015)<sup>21</sup>, a população com mais de 65 anos entre 2003 e 2013 na União Europeia era de 18,5% e em Portugal era de 19,9%. Isso mesmo se pode constatar do gráfico 1, abaixo:

Gráfico 1: População idosa na União Europeia



Fonte: INE, I.P., Estimativas Anuais da População Residente e Eurostat

À luz dos dados da PORDATA (2015)<sup>22</sup> Portugal é o 5º país da Europa com uma taxa significativa de envelhecimento a seguir à Itália, Alemanha, Grécia e Bulgária. Fazendo uma análise do gráfico 2, podemos retirar algumas conclusões válidas com base em dados reais no que concerne ao envelhecimento na Europa/União Europeia, com mais ênfase em Portugal.

<sup>21</sup>Documento sobre: Envelhecimento da população residente em Portugal e na União Europeia. Dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística de 10 de julho de 2015.

<sup>22</sup> PORDATA-Retirado de: <https://www.pordata.pt/Europa/%C3%8Dndice+de+envelhecimento-1609>.

Gráfico 2: Percentagem de idosos 1960-2015 na Europa

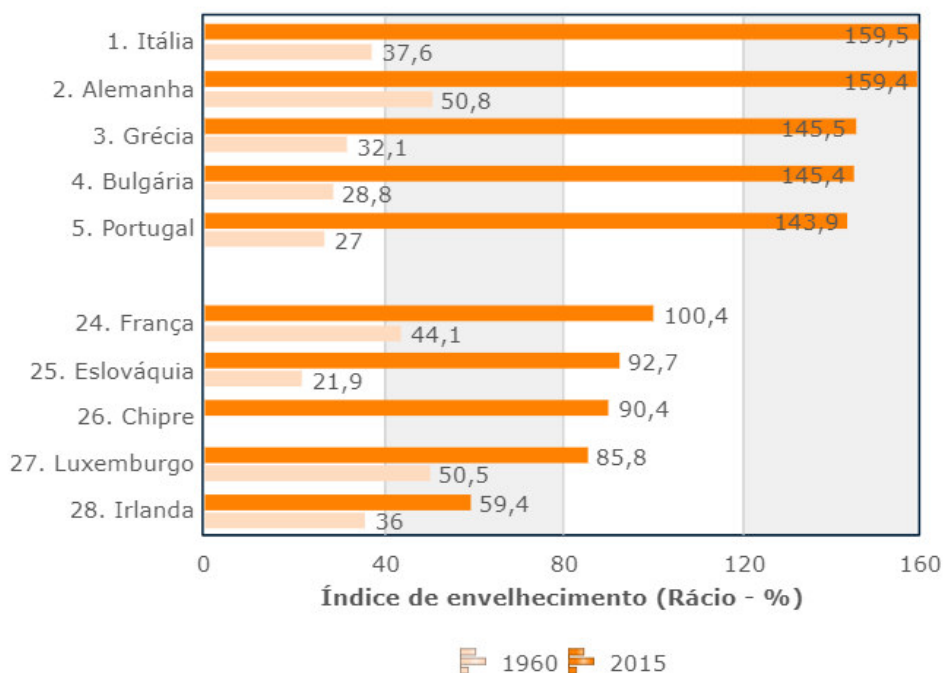


Tabela 1 -Países com mais de 10 milhões de habitantes com maior proporção de pessoas acima de 60 anos, (Nações Unidas, 2005)<sup>23</sup>:

tabela 1. Países com mais de 10 milhões de habitantes (em 2002) e com maior proporção de pessoas acima de 60 anos			
2002		2025	
Itália	24,5%	Japão	35,1%
Japão	24,3%	Itália	34,0%
Alemanha	24,0%	Alemanha	33,2%
Grécia	23,9%	Grécia	31,6%
Bélgica	22,3%	Espanha	31,4%
Espanha	22,1%	Bélgica	31,2%
Portugal	21,1%	Reino Unido	29,4%
Reino Unido	20,8%	Países Baixos	29,4%
Ucrânia	20,7%	França	28,7%
França	20,5%	Canadá	27,9%

Fonte: Nações Unidas, 2001.

<sup>23</sup> ENVELHECIMENTO ATIVO: UMA POLÍTICA DE SAÚDE/ World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005-Retirado de: [http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf).

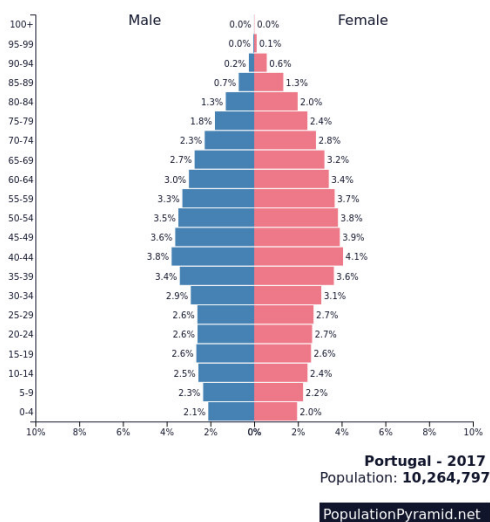
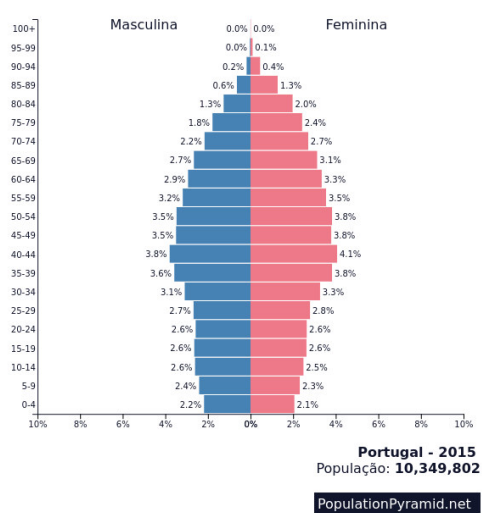
Desde sempre o envelhecimento teve uma correlação infundável com os países mais desenvolvidos. Espera-se que em 2025, Portugal não faça parte da tabela apresentada anteriormente (Nações Unidas, 2005)<sup>24</sup>.

## 2.1 Envelhecimento em Portugal

Em 2015, Portugal apresentava uma população envelhecida com um intenso foco nas idades acima dos 60 anos. Para dificultar o panorama, a pirâmide demográfica demonstra que a população jovem diminuiu desde 2015 até 2017 e, por conseguinte, a população idosa aumentou como, de seguida se pode observar nos gráficos 3 e 4:

Gráfico 3: População pirâmide sexo masculino/feminino em 2015, Portugal<sup>25</sup>

Gráfico 4: População pirâmide sexo masculino/feminino em 2017, Portugal<sup>26</sup>



Fonte: Pirâmides Populacionais do Mundo-Portugal-2015

Fonte: Pirâmides Populacionais do Mundo-Portugal-2017

Na visão de Louçã e Junqueira (2016), estima-se que em 2060 haja 307 idosos para 100 jovens. Relembrando as estatísticas de 2012, existiam 131 idosos por 100 jovens o que denota a rapidez do envelhecimento. Para agravar o cenário no decurso da

<sup>24</sup>ENVELHECIMENTO ATIVO: UMA POLÍTICA DE SAÚDE / World Health Organization; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005-Retirado de: [http://bvsm.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsm.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf).

<sup>25</sup>Pirâmides Populacionais do Mundo desde 1950-Retirado de: <https://www.populationpyramid.net/pt/portugal/2015/>.

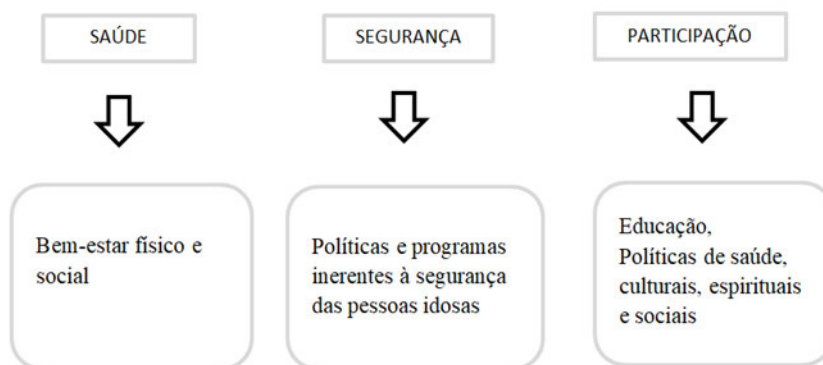
<sup>26</sup>Pirâmides Populacionais do Mundo desde 1950-Retirado de: <https://www.populationpyramid.net/pt/portugal/2015/>.

crise, decorrente da recessão proveniente da Troika, Portugal ficou mais pobre por consequência das medidas de austeridade. Quem partilha da mesma opinião dos autores supramencionados é Rosa (2012) que também menciona que a população está a envelhecer. Na atualidade, o grupo de 65 anos abrange um núcleo maioritário de pessoas, sendo que houve um aumento significativo dos idosos com 80 anos, existindo já meio milhão. Mesmo que os números de fecundidade aumentem, Portugal continuará a ser envelhecido, resultado de uma morte tardia, assim como das melhorias a nível tecnológico e científico.

### 2.1.1 O Envelhecimento Ativo

Após apresentar o envelhecimento em termos nacionais e universais, de uma forma sucinta, consideramos, completar este capítulo com uma breve alusão ao envelhecimento ativo e os seus programas e projetos. Sendo que, este deve ser compreendido através de três pilares fundamentais: saúde, segurança e participação (OMS, 2005), conforme demonstrado na figura 2.

Figura 2 - Pilares do Envelhecimento Ativo



Fonte: Da autora desta Dissertação (2017)

Como menciona Ferreira (2009), o envelhecimento ativo faz parte de toda a sociedade e tem como princípio basilar o aumento da esperança média de vida com qualidade. Porém, é importante que os idosos percebam o desenvolvimento das suas capacidades e que possuam interesse na participação presente e ativa nos assuntos relacionados com a sociedade, questões económicas, espirituais e cívicas. Para sumariar e, segundo a OMS (2005) o envelhecimento ativo resulta de fatores que incluem o

idoso, a família e o Estado. Este, deve ser visto em sentido holístico, incluindo os serviços médicos, sociais, pessoais, comportamentais e económicos.

De acordo com a OMS (2002), o envelhecimento ativo engloba princípios inerentes aos direitos humanos no que concerne às pessoas mais velhas com vista ao desenvolvimento da sua independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização. No que respeita aos desafios relativos às pessoas idosas, pode pensar-se que são um processo universal e nacional e, nesse sentido, o solucionar de tais desafios, será o desenvolvimento progressivo de políticas essenciais nos países.

Em Portugal, é possível identificar um conjunto de programas e projetos de envelhecimento ativo. Apresentamos, de seguida, alguns desses projetos a título meramente exemplificativo (Serviço Nacional de Saúde).<sup>27</sup>

**Programa:** “Nacional para a Saúde das Pessoas Idosas”.

O programa tem como objetivo, a contribuição e promoção do envelhecimento ativo ao longo da vida. Pretende também, um trabalho que desenvolva respostas que colmatem as necessidades dos idosos, assim como a sua participação na sociedade, saúde e autonomia.

**Programa:** “Alargamento do Programa Nacional de Promoção da Saúde Oral”.

O programa “Promoção da Saúde Oral”, inicialmente era direcionado a crianças e jovens. No entanto, em 2008 foi alargado a grávidas e idosos, nomeadamente idosos carenciados. Este programa está focado na prestação de cuidados de saúde oral, com vista ao bem-estar na vida.

**Projeto:** “Cidades Amigas das Pessoas Idosas”.

Este projeto tem como primordial princípio o envelhecimento ativo, por meio de condições de saúde, segurança e participação na sociedade, auxiliando, as pessoas idosas à medida que vão envelhecendo.

---

<sup>27</sup>Envelhecimento ativo - Programas e Projectos - Retirado de :<https://www.dgs.pt/saude-no-ciclo-devida/envelhecimento-ativo/programas-e-projectos.aspx> .

**Projeto:** “Vencer o Tempo nas Sete Cidades”.

O projeto tem como objetivo o desenvolvimento de laços, através do contacto telefónico e presencial uma vez a cada duas semanas na habitação dos idosos. Na mesma, realizam-se jogos, partilhas de experiências e passeios se o idoso aceitar.

**Projeto:** “Integra & Ajuda na Cidade Amiga”.

Tenciona transformar a cidade num local mais caloroso e hospitaleiro e, nesse sentido contribuir para uma participação na sociedade, melhorando a sua qualidade de vida.

Em termos globais os objetivos basilares dos programas e projetos, apresentam princípios que visam o desenvolvimento de competências inerentes à participação social, à prática de saúde oral, mental e física.

### **2.1.2 Doença e Saúde: complementaridades do envelhecimento**

Segundo Pereira (1987, p.165) estar doente não faz parte só de um processo individual, mas também social na medida em que a pessoa desenvolve sintomas provenientes do ciclo a que pertence. Desta forma, “(...) *sofrer uma doença, pensá-la, é situar-se em relação aos outros membros da sociedade da qual o doente faz parte*”. À luz de Hesben (1993, p.27) o ser humano não é homogéneo o que faz com que cada pessoa viva a doença de forma díspar, “ (...) *pois inscreve-se numa situação de vida única, animada por um desejo de viver também único*”. Do ponto de vista de Duarte (2002, p.13) “*a saúde é uma parte da cultura dos povos*” a doença e a sociedade andam de certa forma entrelaçadas, isto é, há uma ligação intrínseca nestes dois termos. Posto isto, verifica-se que há uma cultura enraizada, pensamentos, valores provenientes do seio a que pertencemos. A mesma autora menciona que “ (...) *estar saudável é uma construção social que ajuda a compreender o nosso lugar e o dos outros no mundo, daí que ser considerado saudável (...) torna-se um código moral*”. Inalterado e intrínseco, é o envelhecimento no quotidiano, sendo o ser humano obrigado a passar por este processo.

Adotada a definição de saúde, foi em Inglaterra nos finais do séc. XVIII que surgiram as primeiras apreciações ao sistema prisional. Os médicos iniciaram as suas

aplicabilidades nas prisões e alargaram as suas funções além muros (Tavares, 2010). Como é conhecido, o sistema prisional exhibe um panorama questionável e alarmante inerente à sobrelotação e falta de condições, criando hostilidade no que respeita à integridade física e moral, causando patologias graves nos reclusos (Sousa, Neto, Sousa & Silva, 2013 *cit in* Azevedo 2016 ). A partir dos anos 80, houve uma apreensão por parte do Conselho da Europa quanto às patologias na prisão, especificamente no que respeita às patologias de foro contagioso, a título de exemplo: VIH e hepatite B (Gomes, Duarte & Almeida, 2004).

A entrada do recluso considerado idoso na prisão, pode potenciar um agravamento do seu estado de saúde. As particularidades advindas da prisão, como as estruturas prisionais, sobrelotação, tristeza, isolamento, também contribuem para isso (Santos & Nogueira, 2014). No estudo desenvolvido por Gerardo (2017) é mencionado o relatório acerca da Reinserção Social dos reclusos, coordenado pelo Doutor Boaventura Santos e pela Doutora Conceição Gomes, afirmando que depois do recluso entrar na prisão deve proceder-se a um diagnóstico inerente às condições mentais. O relatório menciona que o *“(...) médico ou uma entidade competente deve verificar periodicamente o estabelecimento prisional e aconselhar o diretor sobre:*

- a) a quantidade, a qualidade, a preparação e o fornecimento de comida e água;*
- b) a higiene e limpeza da prisão e dos reclusos;*
- c) o saneamento, o aquecimento;*
- d) luz e a ventilação do estabelecimento prisional;*
- e) a adequação e a limpeza das roupas dos reclusos” (ibidem, p. 52 ).*

Para o Relatório Final da Comissão de Estudo e Debate da Reforma do Sistema Prisional, todos os sistemas prisionais devem:

- ✓ Manter os reclusos na categoria de utentes do Sistema Nacional de Saúde;*
- ✓ Proceder-se ao rastreio de doenças infecciosas à entrada e à saída do recluso;*
- ✓ Realização periódica de rastreios clínicos laboratoriais de carácter voluntário;*
- ✓ Fixar de visitas regulares de autoridades de saúde aos Estabelecimentos Prisionais ( ibidem, p. 41).*

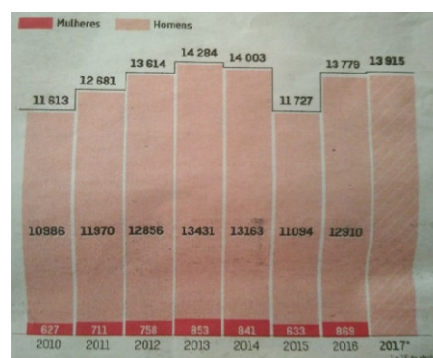
## 2.2 Envelhecimento em contexto prisional

Pode observar-se nos pontos anteriores que o envelhecimento aparenta ser um dos grandes problemas da atualidade. No seguimento de várias notícias, nomeadamente do **Jornal Expresso**<sup>28</sup> o sistema prisional português tem vindo a aumentar no que respeita às pessoas mais velhas, como podemos observar no Gráfico 5 e Figura 3.

<sup>29</sup>Gráfico 5: População prisional por faixa etária



<sup>30</sup>Figura 3 - Evolução da população prisional



Constata-se que o envelhecimento prisional tem aumentado significativamente. Por exemplo, no Reino Unido, a população prisional com mais de 60 anos aumentou oito vezes desde 1990, sendo que o aumento foi determinado por fatores demográficos, como o envelhecimento da população e fatores culturais, incluindo o tratamento dos transgressores em idade avançada (Senior *et al.*, 2013). O envelhecimento dos reclusos foi identificado como uma necessidade especial em relação aos cuidados de saúde física, mental e social (Atabay, 2009 e Di Lorito, 2017). Segundo o estudo de Di Lorito (2017), a experiência do recluso idoso na prisão é muito carente, tendo um inconsistente apoio físico, emocional e social por parte dos serviços prisionais.

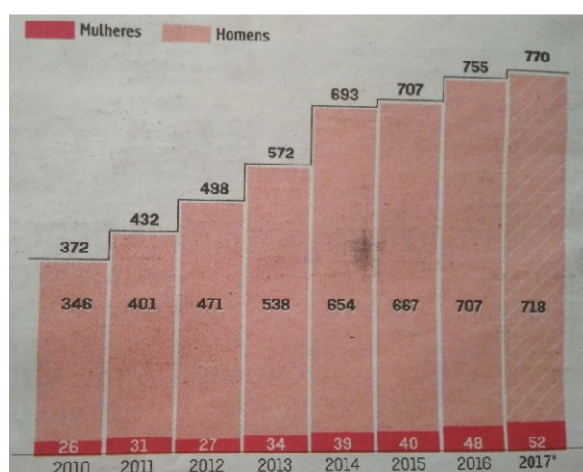
Considerando a investigação de Santos & Nogueira (2014), em Portugal evidencia-se a perceção negativa dos reclusos idosos quanto ao seu processo de envelhecimento, nomeadamente, a efetiva relação do envelhecer com as questões de saúde e incapacidade e, por conseguinte, o envelhecimento como perda de força e de vontade para continuar a viver. Nesta ordem de ideias, os estudos recentes revelam que a baixa condição económica e social, a falta de ocupação, a solidão, o isolamento social

<sup>28</sup>Jornal Expresso (2017)-Retirado de: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-01-14-Prisao-para-idosos-abre-na-Guarda>

<sup>29</sup>Direção Geral dos Serviços Prisionais, Estatísticas Anuais 2016- Retirado de: <http://www.dgsp.mj.pt/>

<sup>30</sup>Direção Geral dos Serviços Prisionais, números a 31 de dezembro de cada ano | Infografia Jornal de Notícias (JN)

e a depressão são as principais características da chegada à terceira idade. Costa (2007) refere que a população mencionada pratica atos criminosos devido às dificuldades sentidas no processo de adaptação ao envelhecimento, o baixo nível de escolaridade, a baixa condição económica, a inatividade, a solidão e o isolamento social podem ser fatores que desencadeiam o crime. Destacam-se, ainda, os casos de deterioração cognitiva e de desgaste físico-emocional, que constituem (...) “*características fundamentais dos que se tornam delinquentes pela primeira vez depois dos 65 anos*” (ibidem p.42). No final de 2016, no sistema prisional português havia 755 reclusos considerados idosos (ver Figura 4). Destes, 707 eram do sexo masculino e 48 do sexo feminino. Com base neste facto, percebemos que várias pessoas foram presas quando já tinham uma idade superior a 60 anos.



<sup>31</sup>Figura 4 - Evolução dos reclusos com 60 e mais anos

Com o avanço da idade, múltiplos problemas de saúde emergem, a falta de esperança e a possível perda de vínculo afetivo social (iremos observar mais à frente na revisão da literatura) são algumas das principais dificuldades enfrentadas pelos reclusos idosos. Os desafios da Reinserção Social são enormes e os Serviços Prisionais têm uma tarefa complexa em ocupar e monitorizar os reclusos idosos (Costa, 2007, David, 2015, Gomes, 2003, Gonçalves, 2014, Santos & Nogueira, 2014), entre outros.

Nos Estados Unidos<sup>32</sup>, as condições prisionais não são adequadas para lidar com as patologias que vêm com a idade. A pesquisa *Human Rights Watch* descobriu que, nos Estados Unidos, os direitos dos reclusos idosos foram violados por uma combinação de

<sup>31</sup>Direção Geral dos Serviços Prisionais, números a 31 de dezembro de cada ano | Infografia Jornal de Notícias (JN)

<sup>32</sup>See Human Rights Watch, “Old Behind Bars: The Aging Prison Population in the United States,” January.2012-Retiradode :[https://www.hrw.org/sites/default/files/reports/usprisons0112webwcover\\_0.pdf](https://www.hrw.org/sites/default/files/reports/usprisons0112webwcover_0.pdf)

recursos limitados, nomeadamente no que diz respeito às: resistências e mudanças inerentes a regras políticas de longa data; falta de apoio de funcionários e o insuficiente apoio interno para as necessidades exclusivas das prisões. Com a idade, os reclusos idosos tornam-se mais frágeis ou doentes, os propósitos da prisão, neste caso, já não são atendidos através de continuação da prisão. Nesse sentido, os reclusos idosos são menos propensos a cometer crimes adicionais após a sua libertação do que os reclusos mais jovens, devido às suas incapacidades, fragilidades, deficiências ou doença. Com esta panóplia de factos, a prisão irá impedir a reabilitação e, uma alternativa à prisão seria a libertação condicional.

Em termos gerais, o tema reclusos tidos como idosos foi debatido num congresso de criminologia, localizado em Budapeste 1899 (Pollack, 1941), mas Duncan em 1931, realizou uma pesquisa inerente ao crime cometido por reclusos idosos. No que respeita à investigação o autor estudou e correlacionou factos entre a idade e o crime de reclusos de uma prisão no Texas (entre estas datas 1906-1924). Duas das conclusões retiradas da pesquisa, baseiam-se na diminuição do crime depois dos quarenta anos, mas não o seu final. A outra conclusão correlata que os delitos criminais mais graves eram cometidos por idosos (Duncan, 1931).

Na revisão da literatura, é possível identificar duas categorias de reclusos, designados como *first time* ou *new elderly* e *career* ou *chronic* (Aday, 2003). Por seu turno, apresentando a primeira categoria de reclusos *first time*, está inerente aos indivíduos que, pela primeira vez foram presos, mesmo numa etapa da vida mais inoportuna. Normalmente e segundo Aday (2003), os delitos mais frequentes estão correlacionados com homicídios, delitos sexuais, violência doméstica, entre outros (Aday, 2003). No que respeita à adaptação, estes reclusos são os que mais apresentam dificuldades, nomeadamente no que concerne às hostilidades advindas dos grupos que se formam na prisão. Não obstante, estes reclusos apresentam motivos de aproximação e proteção familiar que numa eventualidade poderão sair em liberdade condicional Morton (1992). Tendo em consideração aos fatores relativos à saúde, há frequentemente um abalo das capacidades e aparecimento de patologias, decorrentes do envelhecimento Smyer & Gragert (2006). No que diz respeito à segunda categoria *career* ou *chronic* fazem parte de um grupo de reclusos que durante anos, entraram e saíram da prisão imensas vezes, o que significa que com o passar dos anos surge o envelhecimento e passam a ser considerados reclusos idosos (Aday, 2003). Segundo Morton (1992) os reclusos que entram e saem da prisão reúnem defesas no que concerne à sua adaptação.

Por outro lado, as ligações familiares tornam-se melindráveis e a sua saúde, torna-se frágil.<sup>33</sup>

### 2.2.1 Ser idoso vs ser recluso: interpretações a considerar

A transmutação condenatória no que concerne às políticas penais, gerou um crescimento nos padrões de reclusão nas sociedades atuais e progressistas. Inerente aos países da Europa, é originado pelo impacto do efeito *stock*, que está correlacionado com a ampliação constante das penas para os delitos de grande escala. Já nos Estados Unidos da America, acontece uma ampliação das penas para os delitos de pequena escala. Este último padrão busca o “*endurecimento das penas de prisão para transgressões definidas como graves ou que mais alarme social provocam*”. Consoante Tubex e Snacken (1995), “*esta dupla tendência na evolução recente da política penal em vários países ficou conhecida por dualização ou bifurcação*” (cit in Silva 2018):

*“(...)por um lado a redução do recurso às penas curtas de prisão, substituindo-as por medidas alternativas (quando os tribunais cumprem essa intenção); por outro, três aspetos: (i) o agravamento das longas penas, (ii) o aumento do recurso a longas penas (logo, um maior número de condenados a penas longas) e, (iii) para uma pena de igual duração no passado, um tempo maior de reclusão, quer dizer, não só as penas sentenciadas são mais longas, como são cumpridas mais extensamente (por exemplo, pela concessão mais tardia da liberdade condicional), o que potencia a hipertrofia prisional (Cunha, 2015, p.185).*

Independentemente do tipo de crime cometido e da história criminal do recluso considerado idoso, estar preso e ser idoso ao mesmo tempo não é fácil. Para muitos reclusos, lidar com o processo de envelhecimento em si pode ser difícil e incompreensível (Aday, 2003). Algumas investigações deste autor estudaram os efeitos de fatores institucionais e pessoais na adaptação de reclusos considerados idosos no sistema prisional, apoiando a noção de que este grupo exhibe diferentes padrões de adaptação. Embora seja escassa, a investigação de Aday (1994) abordou os problemas específicos enfrentados pelos vários tipos de reclusos mais velhos, incluindo os considerados idosos.

---

<sup>33</sup> É importante salientar que, mesmo tendo uma análise referente à literatura, temos que a considerar uma visão isolada. Sendo que, os dados necessitam de serem analisados consoante a prisão que os reclusos estão inseridos.

Para examinar a transição da vida antes da prisão para a vida na prisão, Aday realizou um estudo de caso com 25 reclusos considerados idosos com a idade média de 68 anos. A investigação realizada encontrou um novo paradigma o "novo idoso" recluso. Foram registados fatores associados à entrada num estabelecimento prisional de segurança máxima pela primeira vez em reclusos em final da vida. Reclusos mais velhos indicaram, regularmente, que vivenciam um tipo de choque cultural. A título de exemplo um testemunho de um recluso visto como idoso: "*Eu estava num estado de espírito quando cheguei pela primeira vez à prisão que eu não conseguia nem pensar (...) sentia-me mais como um vegetal (...) como se fosse um completo estranho para mim mesmo*" (Aday, 1994 p. 84). Da mesma forma, Santos (1995, p.39) observou que "*(...) na prisão é comum encontrar sentimentos como o choque, desesperança, impotência, medo, depressão, ódio, tristeza, frieza e solidão. É como se fosse atingido por um comboio a alta velocidade.*" A maioria dos reclusos descreve essa transição para a prisão como "difícil". Outros idosos reclusos relataram que uma das primeiras tarefas é superar uma variedade de estigmas associados com a prisão tardia. Ter vivido a maior parte das suas vidas como cidadãos-modelo sem qualquer detenção anteriormente, superar a vergonha de ter encaminhado para atividades criminosas pode ser um desafio. Como a maioria dos idosos reclusos é detido por crimes violentos, como assassinato ou crimes sexuais, as reações da sociedade podem ser duras. Por exemplo, quando crimes sexuais são cometidos contra membros da família, os conflitos com a família são típicos. Indicadores de culpa, depressão e vergonha são frequentemente evidentes nestes presos. Como um recluso idoso relatou durante uma conversa na investigação de Aday: "*Viver a mentira que me trouxe aqui (...) o que as pessoas que me conhecem vão pensar de mim é o problema mais difícil que tive de superar*" (Aday, 1994, p.84). São imensos os reclusos que proferiram sobre os seus pensamentos inerentes ao suicídio nesta investigação e, chegando mesmo um deles a recusar-se a alimentar-se, o que o levou a ficar numa cadeira de rodas durante o primeiro mês de prisão. Um exemplo repetido para alguns dos reclusos mais velhos é, simplesmente retirar-se de um estado depressivo e aprender a lidar com a sua própria dor. Velhos, frágeis e vulneráveis, estes reclusos normalmente entram na prisão com medo da vitimização. Os reclusos idosos que entram na prisão pela primeira vez podem ser particularmente vulneráveis à intimidação por outros grupos, nomeadamente os mais jovens e mais fortes. O estabelecimento prisional presenteia com uma nova subcultura; um novo padrão de regras e linguagem que pode ser difícil para um grupo tão frágil como os idosos. Pela primeira vez na sua vida, os

indivíduos mais velhos estão agora num sistema em que têm de se subordinar a ter a uma ocupação restrita e ordenada de rotina, assim como a ausência de criatividade (Aday, 2003).

Na vida antes da prisão os reclusos considerados idosos estão acostumados a viver e trabalhar com grupos separados, a vida na prisão não permite a separação dessas facetas da vida além muros. Como se encontram isolados da comunidade no final da sua vida, muitos dos reclusos estão conscientes da rejeição proveniente da sociedade, levando a frustrações e perda de esperança. No que respeita à família, o recluso idoso mantém uma relação próxima com os membros da família, dependendo de uma variedade de motivos, incluindo o motivo do crime realizado. Na investigação mencionada anteriormente, alguns dos entrevistados relataram estarem divorciados depois de terem cometido crimes sexuais ou outros crimes violentos contra membros da família. Estes reclusos mencionam episódios frequentes de tristeza e sentimentos de inquietação e vazio que são, normalmente, associados a depressões. Os reclusos idosos neste estado psicológico têm mais propensão em envolver-se em estados de sono e permanecem bastante desinteressados. Outros podem ter episódios de ansiedade e dificuldade em permanecer calmos e/ou sob controlo. A salientar que nem todos os reclusos idosos reagem exatamente da mesma maneira ao efeito da institucionalização (Aday, 2003), uns reagem positivamente, enquanto que outros reagem negativamente, nem todas as instituições prisionais exercem o mesmo impacto (Stinchcomb & Fox, 1999).

A mencionar que alguns reclusos simplesmente têm uma capacidade maior de resiliência. Alguns reclusos idosos que aceitaram o facto da sua prisão pelo crime cometido, ajustam-se melhor à vida na prisão. A título de exemplo temos o testemunho de uma senhora com cerca de 60 anos : *"Eu cometi um crime horrível (...) tive um colapso nervoso e matei a minha sogra. Devo ser punida pelo meu crime e aceito que vou morrer aqui. Ainda, outros reclusos reclamam sobre os cuidados de saúde, mas não é assim tão mau"*(Aday & Nation, 2001, p.15). Um recluso mais velho comparou a vida na prisão com o início de um novo emprego. Por outras palavras, existe a integração numa nova estrutura social e, através de um processo de socialização, um ajustamento à sua nova posição na vida. Noutra perspetiva, alguns reclusos buscam as vantagens da prisão. Como um recluso mais velho mencionou, *"aqui não se paga a renda e não existe qualquer despesa com comida"* (Williams, 1989, p. 42). Outro testemunho também relata uma posição positiva da prisão quando afirmou: *"Eu tenho*

*uma irmã numa casa de repouso onde paga cerca de 2000 dólares por mês (...) Olhe para isso e veja como eu estou. Não me custa nada"* (Williams, p.43). Para alguns reclusos idosos, a prisão pode ser um refúgio ou um lugar que se sintam em segurança dos perigos da vida no mundo além muros. Apesar das críticas à vida dos reclusos Aday (1994) descobriu que a maioria dos novos reclusos idosos fazem uma transição bem-sucedida para a vida na prisão. Como declarou outro testemunho: *"Estou feliz por estar aqui e vivo"*. Outro sentiu alívio quando foi preso. *"Se eu estivesse do lado de fora, provavelmente estaria morto agora"*. Finalmente, um agressor sexual mais velho, cumprindo uma pena de dez anos, resumiu a noção de prisão como uma casa que está longe do seu lar (Aday, 1994). *"Não faz muito tempo, sentei-me e analisei a minha situação. Não poderia trabalhar fora, e certamente não gostaria de ter nada para fazer. Estou melhor aqui do que estaria em qualquer outro lugar (...) tenho amigos aqui, e dou-me bem com praticamente toda a gente (...) os meus medicamentos e tudo está aqui quando eu preciso (...) Não posso reclamar sobre o preço também (...) Se eles me deixassem tirar uma semana e gastá-lo com minha família, eu voltaria feliz."* (p.89)

Nesse sentido, a prisão para alguns reclusos considerados idosos pode num certa maneira, apresentar uma alternativa tão boa ou melhor do que a vida fora da prisão. A diminuição da saúde, rapidamente forçaria muitos a trocar o ambiente prisional por um lar. Mas a maioria, possivelmente escolheria a prisão ao invés de um lar. Um indivíduo vindo de uma situação vulnerável e sem acesso a cuidados de saúde, os reclusos mais velhos que não teriam acesso às suas necessidades básicas como alimentação, medicamentos, casa e roupa, iriam pensar na sua decisão. Para muitos, a vida na prisão pode ser uma melhoria significativa no seu padrão de vida.

### **2.2.2 A idade e o crime: qual o caminho de investigação e intervenção?**

Inúmeros são os estudos que fazem a ponte entre a idade e o crime (Greenberg, 1985; Hirschi & Gottfredson, 1983; Piquero & Mazerolle, 2001), esses fundamentos explicativos salientam para a ligação *"dos indivíduos na criminalidade na transição entre a adolescência e a idade adulta, iniciando o seu declínio a partir daí."* (cit in Silva, 2018, p.18).

Debruçando-nos sobre o capítulo *"Old Age in Crime"* do livro de Aday (2003), numerosos estudos propuseram uma relação sociológica entre a idade e o crime (Greenburg, 1985; Hirschi & Gottfredson, 1983 e Piquero & Mazerolle, 2001). Segundo

o autor, em todas as sociedades a idade cronológica é considerada importante na medida em que nos permite observar certas pistas inerentes à fase individual do ciclo e, por seu turno, leva a algumas expectativas comportamentais. Hirschi & Gottfredson (1983) mencionam que a conduta criminal diminui com a passagem da idade. No que respeita aos estudos dos autores supramencionados, mencionam que, efetivamente, há uma inerência *“entre a idade e a quebra de regras na prisão. Isto reflete-se no bom comportamento prisional dos/as reclusos/as idosos/as uma vez que este é isento de, na maioria das vezes, de medidas disciplinares”* (cit in Silva, 2018, p.18)

Em tempos, o comportamento criminal sempre foi, maioritariamente, associado ao grupo etário mais novo, e nesse sentido os investigadores e legisladores nos Estados Unidos assumem que os crimes realizados pelos mais jovens são mais sérios e perigosos para o tecido da sociedade do que os crimes cometidos por pessoas mais velhas. No entanto, nos últimos anos, o aumento da população idosa no sistema prisional levou a diversas questões importantes. Enquanto que no passado estávamos habituados a ver os idosos como vítimas, hoje em dia vemos os idosos como transgressores. Efetivamente, uma das investigações no campo da criminologia refere-se ao aumento considerável dos transgressores mais velhos (Anderson, 1997; Kratcoski & Babb, 1990; Morton, 1993; Rothman e Dunlop, & Entzel, 2000, Smyer, Gragert e LaMere, 1997 cit in Aday, 2003). No que respeita ao perfil criado pelos meios de difusão de informação os idosos delinquentes praticam crimes inerentes à fraude fiscal; viação e conduta desodernada, Porém ultimamente, os idosos estão a cometer crimes graves, da mesma dimensão que os crimes considerados pelos mais jovens.

Flynn (2000) identificou vários fatores que demonstram o necessário para explorar o crime referente aos idosos. O crime realizado pelo idoso necessita de ser, cuidadosamente, examinado para se desenvolver plenamente um perfil descritivo inerente ao transgressor mais velho. Recorrendo à análise dos padrões inerentes ao idoso transgressor, auxilia como ponto de partida para identificar características distintas a título de exemplo, indagar as diferenças nas características sociais, pessoais e de criminalidade, podendo fornecer informações úteis para os funcionários da prisão, estabelecendo políticas adequadas. Em segundo lugar, uma melhor compreensão da atividade criminosa na vida adulta pode levar a uma maior compreensão das necessidades especiais do envelhecimento da população em termos holísticos. Só são permitidas tais afirmações se, investigações forem realizadas em torno da problemática “idosos transgressores”, podendo perceber-se essencialmente as causas, sejam elas

inerentes a problemas estruturais que estão, efetivamente, subjacentes à sociedade ou problemas associados ao processo de envelhecimento ou, também, devidos aos dois fatores. Em terceiro lugar, o autor menciona as políticas públicas no que concerne à diminuição das atividades criminosas na vida adulta. Nesse sentido, são necessárias evidências empíricas para estabelecer políticas e procedimentos bem sucedidos para sua implementação. E, para finalizar, em quarto lugar, os resultados das investigações e os desenvolvimentos teóricos a partir do estudo dos padrões de crime de idosos podem levar a perspectivas fidedignas no que concerne à controvérsia de idade e crime. Além disso, com uma maior compreensão dos padrões de crime de idosos, espera-se programas proactivos ligados à comunidade que podem diminuir os crimes violentos. Para concluir, mais uma vez, tendo presente as enormes diferenças entre a realidade americana e a portuguesa, os padrões de raciocínio e as ilações retiradas dos estudos dos autores referenciados poderão ser aplicadas e analisadas à luz do sistema prisional nacional. Certamente que as tipologias de crimes e penas aplicáveis são distintas. Mas, ainda assim, com os necessários ajustamentos, parece-nos que as conclusões são similares.

## **Parte II**

### **3. Metodologia de Investigação**

#### **3.1 Problemática e objetivos de investigação**

O envelhecimento populacional emergiu de forma veloz, proveniente de fatores demográficos e culturais (Senior *et al.*, 2013), englobando também a transgressão a partir dos sessenta anos (Santos & Nogueira, 2015). A revisão da literatura referente ao envelhecimento em contexto prisional possibilitou a compreensão da problemática da investigação. Di Lorito (2017) refere que, na atualidade, a experiência do recluso tido como idoso na prisão é muito carente, tendo um inconsistente apoio físico, emocional e social por parte dos serviços prisionais e que as investigações se desenvolvem ao nível de um ponto de vista mais físico e mental. Em termos universais, o número de reclusos aumentou freneticamente, no Reino Unido, Estados Unidos, Irlanda e Austrália (Santos & Nogueira, 2015). Nesse sentido, um dos objetivos da investigação baseia-se na auscultação da perspetiva dos reclusos idosos relativamente à sua trajetória em contexto prisional, desde a fase da sua entrada na prisão até às perspetivas após a saída desta. Os estudos relacionados com as perspetivas dos reclusos tidos como idosos são escassos, considerando a revisão da literatura efetuada no contexto português. Dessa forma, estudar e procurar outros caminhos de pesquisa é essencial para a compreensão do fenómeno.

A investigação teve como objetivo principal, analisar e compreender as perspetivas dos reclusos considerados idosos sobre a sua detenção, cruzando as suas perspetivas com as perspetivas dos profissionais que trabalham diariamente com eles. Assim, reconhecer a problemática constitui a primeira fase do processo de investigação, que se baseia na realização de um conjunto de perguntas de partida (Quivy & Capenhoudt, 1992). As questões, buscam pontos de vista a investigar, valendo-se de veículo à pesquisa. No que respeita a Quivy & Capenhoudt (1992), o caminho para a realização das questões de partida passam por três parâmetros pertinentes: compreensibilidade, que se funde na clareza das questões; viabilidade, ou seja com características reais; e, por fim, a relevância que se traduz no estudo concreto da investigação e não de juízos de valor. Nessa concordância, a problemática do envelhecimento prisional transportou para uma afincada introspeção para a realização

das questões de investigação e concretização de metas por nós delineadas. Veja-se então de seguida quais as questões e objetivos.

1. Como é que os reclusos considerados idosos e profissionais do contexto prisional vêm e compreendem o fenómeno do envelhecimento?
2. Quais são os processos psicológicos e sociais que podem levar a um ajustamento bem ou mal sucedido do recluso considerado idoso?
3. Quais são os programas, implementados pelo Sistema Prisional Português, de apoio aos reclusos considerados idosos?
4. Como é que os reclusos idosos descrevem a sua experiência antes da entrada na prisão e após a sua adaptação à prisão?
5. Quais são as perceções dos reclusos idosos e dos profissionais acerca da Reinserção Social?

No que se refere aos objetivos, foi definido como **objetivo geral**:

- ✓ Compreender as perspetivas dos reclusos considerados idosos e dos profissionais de um estabelecimento prisional masculino.

Relativamente aos **objetivos específicos**, foram delineados os seguintes:

- ✓ Descrever e compreender a vida de um recluso idoso na prisão;
- ✓ Identificar práticas e estratégias de apoio aos reclusos idosos implementadas pelo Sistema Prisional Português;
- ✓ Conhecer as perceções dos profissionais do sistema prisional relativamente à vida de um recluso tido idoso;
- ✓ Confrontar perspetivas entre profissionais do sistema prisional e reclusos considerados idosos;
- ✓ Compreender a motivação para uma possível entrada num programa de reinserção específico;
- ✓ Identificar expetativas futuras e reintegração na sociedade

### 3.2 Opções metodológicas

Nas Ciências Sociais têm-se verificado diferentes padrões de pesquisa que se fundamentam na investigação qualitativa e investigação quantitativa. A investigação qualitativa centra-se numa perspectiva construtiva e exploratória.

“(…) a palavra *qualitativa* implica uma ênfase em processos e significados que não são examinados nem medidos rigorosamente, em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência” (Denzin e Lincoln, 1994, p.4).

Esta abordagem é também denominada na revisão da literatura como a teoria da interpretação tradicional (hermenêutico), (Denzin & Lincoln, 2000; Creswell, 1998; Crotty, 1998 e Shaw, 1999). Para fundamentar as particularidades essenciais no que concerne à investigação qualitativa, recorreremos ao quadro síntese apresentado por Fernandes (2011), com as necessárias adaptações.

Quadro 2 -Particularidades da Investigação Qualitativa (adaptado de Fernandes, 2011)

Dimensão	Particularidades
Subjetividade	- Elementos subjetivos da conduta social envolvendo o conhecimento e existência do contexto dos sujeitos.
Posição do Investigador	- Intervenção do investigador face ao propósito investigado. Tendo o investigador um papel crucial, deve assumir uma postura clara e conforme às suas competências de investigação. Para o entendimento profundo do caso subentende-se que a partilha de vivências entre o investigador e os investigados seja importante na medida em que permitem uma melhor observação.
Formato da Investigação	- O plano da investigação ocorre de forma evolutiva, ou seja, trazendo novos elementos e considerações. - À medida do desenvolvimento da investigação, o investigador permitisse, em paralelo, realizar elementos no que concerne à teoria, conceções e suposições;
Recolha dos Dados	- Recolha dos dados dinâmica, com métodos e técnicas flexíveis e na junção, conciliando construção, análise prévia e observação.
Análise dos Dados	- Engloba a verificação, observação, comparação e fundamentação dos factos.

Na investigação quantitativa (Bell 2004, p.19) os “*investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles*”. Sendo apontada por “*tradicional, positivista, racionalista, empírico-analítico ou empiricista*” (Latorre, Del Rincón & Arnal, 1996; Scott & Usher, 1996; Mertens, 1998 e Shaw, 1999). Ou seja, a forma de

investigação quantitativa é concreta, uma vez que permanece, independentemente do sujeito. Ainda que as metodologias qualitativas e quantitativas se classifiquem como oponentes, não invalida que não se complementem. Nesse sentido, empregando-as de um ponto de vista claro e conciliado, irá de certo modo trazer mais benefícios ao estudo.

O trabalho apresentado agora baseia-se numa investigação qualitativa. Desta forma, o seu contexto é exploratório e descritivo (Bogdan e Bilken, 1994). Os investigadores qualitativos “(...) *estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística*” (Bell, 2004, p. 20). Posto isto, não seria possível enveredar por uma investigação quantitativa devido às suas especificidades e, nesse caso, os objetivos do investigador não seriam alcançados. De salientar que, os objetivos e questões de partida são, essencialmente, de natureza qualitativa, pelo seu teor exploratório, procedendo-se, posteriormente a um estudo caso como plano de investigação.

### **3.3 Contexto do estudo**

#### **3.3.1 Estabelecimento Prisional do estudo**

Cabe antes de mais, tecer algumas considerações acerca dos condicionantes inerentes ao estudo apresentado nesta dissertação. Por motivos de confidencialidade e reserva, o EP objeto de estudo e a sua população integrante não serão identificados. A ética e o sigilo profissional da investigadora obrigaram a esse anonimato, aliado à necessidade de manter a privacidade de alguns dados e depoimentos. O Estabelecimento XXXXXXXXXX está localizado no Norte de Portugal. A prisão está dividida segundo várias valências que passamos a elencar: recluso em cumprimento de pena em dias livres; regime comum; regime aberto no interior; inimputáveis em cumprimento de penas relativamente indeterminadas com a medida de segurança na Clínica de Psiquiatria e Saúde Mental. Para além do mencionado, a prisão detém mais dois edifícios inerentes à Unidade Livre de Drogas e Casa de Acolhimento que se destina a reclusos em regime aberto no exterior. Esta estrutura prisional foi considerada obsoleta pelo Relatório sobre o Sistema Prisional e Tutelar, Setembro de 2017.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Olhar o Futuro Para Guiar Ação Presente - Relatório sobre o Sistema Prisional e Tutelar. Setembro de 2017 - Ministério da Justiça.

Figura 5 - Estruturas do Estabelecimento Prisional do estudo

Área	Estado Geral de Conservação				
	Mto Bom	Bom	Aceitável	Deficiente	Graves deficiências
Conservação					
Construção Civil				x	
Inst. Elétricas				x	
Inst. Mecânicas				x	
Infra Estruturas				x	

Tipo de alojamento disponibilizado	
Cela individual	77%
Camarata	23%

Lotação	Lotação oficial	Ocupação em 10 de Maio/2017	Taxa de ocupação
Género			
Masculino	374	510	136,36%

Trabalham no estabelecimento, um total de 181 trabalhadores, 125 guardas, 13 funcionários que estão relacionados com as funções técnicas, (Diretor, administradores prisionais, técnicos superiores, técnico e assistente religioso). Fazem ainda parte do sistema prisional 17 assistentes técnicos, 9 assistentes operacionais, 1 guarda florestal, 4 médicos e 12 enfermeiros. No que respeita ao Relatório do Observatório Permanente da Justiça Portuguesa, houve um aumento considerável dos reclusos no sistema prisional, que se deveu ao crescimento representativo do crime, nomeadamente o furto qualificado e o tráfico de droga. No ano de 2016, precisamente em fevereiro, existiam no Estabelecimento prisional geral, cerca de 13 281 homens e 836 mulheres (Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais, 2016). O número de reclusos no sistema prisional investigado era de 493, em 09/11/2017, sendo que 63 cumprem prisão por dias livres. A fim de manter o anonimato dos reclusos idosos participantes neste estudo e, por questões de organização interna e de segurança do próprio estabelecimento, o acesso e a disponibilidade de dados informativos e, que seguramente iriam complementar ou até mesmo, fundamentar algumas das conclusões aqui tecidas, foi fortemente limitado.

### 3.3.2 Participantes no estudo

Com a participação de um assessor do Diretor do estabelecimento prisional sob estudo, foi elaborada uma lista geral de potenciais participantes. Relativamente aos técnicos, a amostra recolhida foi aleatória tentando-se, tanto quanto possível, recolher um membro representativo de cada classe profissional. No que aos reclusos idosos diz

respeito, foram selecionados inicialmente, um total de 45, sendo que 21 deles são inimputáveis, facto que condicionou a aplicabilidade de uma entrevista com resultados credíveis. Dos 24 restantes, 3 deles viram a sua entrevista considerada inválida por falta de consistência no discurso e nas respostas.

Com o objetivo de caracterizar os participantes da investigação, capazes de proporcionarem resultados válidos, organizou-se um conjunto de variáveis sócio-demográficas, como sexo, idade, ano de escolaridade e área de estudos. A amostra referente à tabela 2 é constituída por 21 reclusos considerados idosos com especificidades similares, nomeadamente na saúde. Os idosos entrevistados apresentam problemas sensoriais e cognitivos graves, dificultando a recolha e transcrição dos dados. Todos eles, têm nacionalidade portuguesa e o local de residência predominante situa-se no norte de Portugal. A maioria dos participantes concluiu o primeiro ciclo e cometeram o crime depois dos 60 anos. O crime predominante é a violência doméstica, seguida pelo abuso sexual de menores. Para finalizar, os princípios éticos foram cuidadosamente, assegurados em toda a fase da investigação. Antes de todas as entrevistas foi pedida autorização para a gravação e a informação sobre a proteção dos dados. Contrariamente ao que se pensava inicialmente, todos os reclusos considerados idosos sentiram confiança na investigadora, sendo um ponto positivo da entrevista.

Tabela 2 - Caracterização dos reclusos idosos participantes no estudo

#	Sexo	Idade	Estado Civil	Habilitações	Detenção	Causa da detenção
R1	Masculino	72	Casado	4º	7 Anos	Abuso Sexual de Menores
R2	Masculino	75	Viúvo	Curso de Cerâmica	6 Anos	Abuso Sexual de Menores
R3	Masculino	65	Casado	2º	6 Anos	Abuso Sexual de Menores
R4	Masculino	66	Divorciado	2º	7Anos	Roubo
R5	Masculino	77	Casado	4º	7Anos	Fraude Fiscal
R6	Masculino	69	Divorciado	4º	8 Anos	Tentativa de Homicídio
R7	Masculino	66	Casado	4º	3Anos	Fraude Fiscal
R8	Masculino	66	Casado	4º	3 Anos e 9 Meses	Acidente de Viação
R9	Masculino	63	Divorciado	3º	3 Anos e 4 Meses	Violência Doméstica
R10	Masculino	60	Casado	7º	6 Anos	Tráfico Droga
R11	Masculino	69	Solteiro	7º	6Anos e 3 meses	Abuso Sexual de Menores
R12	Masculino	78	Solteiro	Licenciado	7Anos	Tentativa de Homicídio
R13	Masculino	65	União de facto	4º	2 Anos e 3 meses	Violência Doméstica
R14	Masculino	72	Casado	4º	5 Anos	Abuso Sexual de Menores
R15	Masculino	62	Divorciado	4º	4Anos	Roubo
R16	Masculino	72	Divorciado	4º	5 Anos	Tentativa de Homicídio
R17	Masculino	65	Viúvo	4º	4Anos	Violência Doméstica
R18	Masculino	61	Casado	6º	2 Anos	Violência Doméstica
R19	Masculino	63	Divorciado	4º	3 Anos	Violência Doméstica
R20	Masculino	61	Separado	4º	3 Anos e 6 Meses	Fraude Fiscal
R21	Masculino	66	Divorciado	2º	2 Anos e 2 Meses	Violência Doméstica

Fonte: Da autora da Dissertação (2017)

Relativamente aos profissionais do estabelecimento prisional que participaram no estudo, a Tabela 3 apresenta a caracterização dos 3 técnicos do sistema prisional e de um técnico Especialista em Sistemas Prisionais. As entrevistas aos técnicos foram importantes para estabelecer um confronto de respostas com os reclusos, ajudando a consolidar esta investigação, tornando-a mais completa e fundamentada. De referir, que os princípios éticos foram também nestas entrevistas cuidadosamente assegurados

Tabela 3 - Caracterização dos Técnicos do Sistema Prisional participantes no estudo

#	Idade	Habilitações	Profissão atual	Outra profissão existente	Anos de trabalho
T1	Dados não fornecidos	Ensino Superior	Especialista em Sistemas Prisionais	Técnico Superior de Reeducação	Dados não fornecidos
T2	60	Curso de guarda prisional	Guarda prisional	Empregado fabril	33 anos
T3	59	Ensino Superior	Adjunto do diretor	Técnico de Reeducação	31 anos
T4	45	Ensino Superior	Técnico de Reeducação	Guarda Prisional	24 anos

Fonte: Da autora da Dissertação (2017)

### 3.4 Técnicas e Procedimentos de Recolha dos Dados

Foram vários os procedimentos de recolha de dados tidos em consideração para a realização de um estudo. Iniciou-se com uma análise documental e legislativa para uma fundamentação adequada. De seguida, elaborou-se um conjunto de perguntas para constituir o guião da entrevista aos reclusos a partir dos 60 anos e aos profissionais do EP. Houve ainda, uma observação não participativa no momento da realização das entrevistas e durante os intervalos dos reclusos no EP. Por último, foi organizado um conjunto de conversas informais, especialmente com os guardas prisionais que permitiram, sobretudo, a recolha de notas de campo e a compreensão das personalidades dos reclusos idosos.

#### 3.4.1 Análise documental

Segundo Lüdke & André (1986) a análise documental contém informações relevantes no que concerne a uma instituição, pessoas ou sociedade. Informações essas

que são inerentes ao passado e/ou ao presente, sendo considerado, um método de recolha de dados pertinente para o levantamento de informação. A análise da legislação existente e das normas e regulamentos relativos ao sistema prisional, foi uma das etapas mais relevantes. Sendo um contexto totalmente novo para a autora deste trabalho, houve um esforço maior por parte desta para o acompanhamento e realização da revisão da literatura e da investigação. Sousa (2009, p.88) fundamenta a sua visão, mencionando que a análise documental faz *“um procedimento indirecto de pesquisa, reflexivo e sistemático, controlado e crítico, procurando dados, factos, relações ou leis sobre determinado tema, em documentação existente”*. A oportunidade de descobrir, verificar e entender faz parte das vantagens desta técnica, assim como a recolha de informação inerente a acontecimentos e/ ou fatos muito mais amplos ao invés de uma pesquisa mais diretiva. Como menciona Sousa (2009, p. 88):

*“Embora se baste a si própria como metodologia de investigação, ela está quase sempre presente em todos os trabalhos de investigação, (...), sobre a forma de revisão bibliográfica, fazendo uma abordagem de todos os estudos teóricos e investigações que se sucederam no campo em que se processa a investigação”*.

A análise documental dos processos individuais auxiliou no conhecimento dos reclusos idosos, nomeadamente, no que se refere aos seus dados sociodemográficos, conhecimento do crime cometido, a duração da pena e o estado de saúde do recluso, detetando, possíveis problemas físicos e psicológicos.

### **3.4.2 Entrevista**

A entrevista foi o método principal de recolha de dados deste estudo. A escolha deste método deve-se ao facto de para melhor entendermos a realidade prisional e a forma como os reclusos idosos nela vivem, a interação e a proximidade foram fatores a ter em conta. A mera entrega de um questionário a preencher pelos reclusos idosos seria dificultada, pois são pessoas reservadas e que não falam abertamente da sua vida passada, atual e futura, sem a presença física de um interlocutor que, de alguma forma, os ouça, troque impressões e até mesmo os deixe falar mais à vontade sobre outros assuntos. A escolha por entrevistas pessoais foi assim, sem dúvida, uma mais-valia assinalável para este estudo.

Todavia, foram assinaladas várias restrições e limitações fortemente relacionadas com o uso do método da entrevista, nomeadamente, a deseabilidade social, comunicação não verbal, características do entrevistador, gravação de áudio e local onde decorreu a entrevista. Aiás, na sequência de Bryman (2004) e Kvale (1996.) que também apontam estas condicionantes. No decorrer das entrevistas, houve alguns constrangimentos como, por exemplo, o uso do gravador. Os idosos reclusos têm, na maioria, problemas de audição e de linguagem, o que dificultou a recolha e análise dos dados, assim como os ruídos vindos do exterior. Todo o investigador deve estar preparado para as adversidades da entrevista e resolução espontânea de problemas que possam surgir. Salienta-se que a investigação deve estar atenta às particularidades do sujeito entrevistado. Nesse sentido, e nas palavras de Lüdke & André (1986, p. 38) “(...) quanto mais informado sobre o tema em estudo e o tipo de informante que irá abordar, maior será, certamente, o proveito obtido com a entrevista”.

Enfatizando o facto de cada investigação e cultura serem distintas, terá de agir-se consoante o contexto e a subjetividade do investigador (McMilan & Schumacher p.427):

*“La subjetividad disciplinada es el cuestionario personal del investigador y el uso de la empatía personal experimental en la recopilación de datos. La subjetividad facilita la relación entre los participantes. La autorreflexión sobre las propias opiniones, las preferencias personales y las predisposiciones teóricas pueden resultar positivas para cualquier tipo de investigación. La subjetividad disciplinada recuerda a muchos investigadores que quien investiga forma parte de la situación, del contexto y de los fenómenos sociales que él o ella pretende comprender”.*

O investigador deve ser objetivo, independentemente do seu pensamento, religião, cultura e etnia na análise dos dados. Contudo, é necessário que haja um poder de reflexão adequado e minucioso para uma correta validação dos dados, o que na justa proporção acarreta também alguma subjetividade.

### **Entrevista aos Reclusos Idosos**

O guião da entrevista para os reclusos considerados idosos, foi organizado de acordo com as seguintes diretrizes (ver Tabela 4), sistematizado em quatro grandes dimensões: a) Vida antes da prisão, com o intuito de perceber a trajetória do recluso face à família, trabalho e motivações pessoais, nomeadamente os objetivos de vida; b)

Adaptação à prisão, analisar os primeiros dias dos idosos reclusos e analisar os comportamentos entre os demais grupos de reclusos; c) Vida na prisão, identificando possíveis programas, trabalho e *hobbies* inerentes aos reclusos e analisar as motivações para a aceitação da vida na prisão; d) Vida após prisão, tentando entender a visão do recluso idoso face à sua saída e motivações para participar (ou não) num programa.

Tabela 4 - **Reclusos:** guia da entrevista e dimensões

<b>Dimensão/Tópico</b>	<b>Objetivo</b>
Procedimentos éticos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informar sobre a entrevista e os objetivos</li> <li>• Solicitar permissão para gravar a entrevista</li> <li>• Criar uma atmosfera positiva de confiança</li> </ul>
Vida antes da prisão	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a trajetória profissional do recluso antes da entrada da prisão</li> <li>• Identificar a visão do recluso inerente à família</li> <li>• Identificar metas e objetivos pessoais antes da prisão</li> <li>• Identificar os motivos que levaram à realização do crime</li> </ul>
Adaptação à prisão	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrever o processo de adaptação à prisão</li> <li>• Identificar estratégias bem ou mal sucedidas referentes à adaptação</li> </ul>
Vida na prisão	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender como os reclusos passam o tempo na prisão</li> <li>• Identificar aspetos positivos e negativos da vida prisional</li> <li>• Analisar as relações entre reclusos e os profissionais que trabalham diariamente na prisão</li> <li>• Analisar a participação em atividades e programas que favoreçam a reintegração dos reclusos</li> </ul>
Vida depois da prisão	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a motivação para uma possível entrada num programa de reinserção</li> <li>• Identificar expectativas futuras e reintegração na sociedade</li> <li>• Analisar aspetos relacionados ao envelhecimento</li> </ul>

Fonte: Da autora da Dissertação (2017)

### **Entrevista aos Profissionais do Sistema Prisional**

No que respeita aos profissionais do sistema prisional, as entrevistas foram organizadas e realizadas após a recolha de dados junto dos reclusos a partir dos 60 anos, com a finalidade de se assinalarem pontos em comuns e divergentes, confrontando as perspetivas principais dos reclusos entrevistados com as dos técnicos. Das respostas dos

reclusos idosos, retiramos palavras-chave, consideradas as principais problemáticas da investigação e formámos categorias ou dimensões para o guião da entrevista aos profissionais, nomeadamente, as seguintes categorias: a) envelhecimento; b) laços familiares e afetivos; c) condições oferecidas; d) reeducação; e) programas de reinserção. As entrevistas decorreram no mês de setembro de 2017 (ver Tabela 5).

Tabela 5 - **Profissionais do sistema prisional:** guia da entrevista e dimensões

<b>Tópicos</b>	<b>Objetivos</b>
Procedimentos éticos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informar sobre a entrevista e seus objetivos</li> <li>• Solicitar permissão para gravar a entrevista</li> <li>• Criar uma atmosfera positiva de confiança</li> </ul>
Envelhecimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender a perspectiva dos profissionais face aos reclusos idosos</li> <li>• Compreender as relações entre os profissionais e reclusos idosos</li> <li>• Analisar a influência do Plano de Reabilitação num idoso recluso</li> <li>• Analisar estratégias dos profissionais inerente ao envelhecimento prisional</li> </ul>
Laços familiares e afetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar mecanismos implementados pelo sistema prisional inerente à comunicação familiar</li> <li>• Compreender os 5 minutos telefónicos estipulados pelo Estado português</li> <li>• Analisar a opinião pessoal dos técnicos profissionais</li> </ul>
Condições oferecidas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber como funciona o sistema de alimentação na prisão</li> <li>• Analisar as opiniões dos profissionais quanto à alimentação</li> <li>• Compreender as condições oferecidas pela prisão a um recluso idoso</li> </ul>
Reeducação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar as opiniões dos profissionais quanto à reinserção social</li> <li>• Compreender estratégia, práticas e implementação de programas que visam o envelhecimento</li> <li>• Compreender se os idosos na prisão por serem um público diminuto detêm a mesma atenção do que os demais reclusos</li> </ul>
Programa de reinserção	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender as questões subjacentes para a elaboração de um programa pós saída</li> <li>• Identificar as etapas e a motivação de um idoso recluso para a entrada de um programa</li> <li>• Analisar as opiniões dos profissionais quanto à viabilidade de um programa de reinserção</li> </ul>

Fonte: Da autora da Dissertação (2017)

### 3.4.3 Observação não participante

Na visão de Sampieri, Collado & Lucio (2006, p. 356) a observação como técnica de recolha de dados “*consiste no registo sistemático, válido e confiável de*

*comportamento ou conduta manifestados*”. Neste estudo, especialmente a observação não participante tornou-se importante na medida em que se observou, os reclusos idosos quando estes estavam na entrevista, especialmente nos momentos inerentes a emoções que não dá para transportar para o papel. Há situações que é necessário ver, sentir e observar. Nem sempre os reclusos idosos falam de situações de felicidade com alegria e nem sempre os reclusos falam de situações tristes com tristeza, como aconteceu nesta investigação. Outra situação assinalável, foi a observação nos recreios da prisão, verificando-se que os mais idosos encontram-se mais isolados dos mais jovens. Claramente que a idade foi um fator base de investigação e comparação, não obstante a observação ter auxiliado a completar a análise desta informação. O tratamento e comportamento dos guardas perante os reclusos idosos foi também observado, nomeadamente, na forma como interagem.

#### **3.4.4 Conversas informais e notas de campo**

As conversas informais foram importantes na investigação dado que, antes de cada entrevista os guardas referiram certos aspetos de personalidade dos reclusos, e formas de relacionamento. Os guardas têm um papel fundamental no sistema prisional, uma vez que é com eles que os reclusos estão na maioria do tempo. Várias vezes, os entrevistados falarem de assuntos e situações que não estavam no plano da investigação e passaram a fazer parte da entrevista. As entrevistas abertas têm essa particularidade clara e espontânea, ao conduzir o entrevistado para um ambiente amigável. Silva (2004), menciona que se o entrevistado se sentir com liberdade para exprimir certos fatos e situações, essas opiniões de certa forma podem ser importantes para a investigação.

Numa investigação um diário é crucial na medida em que, no momento da análise dos dados é preponderante rever certos instantes. Como mencionam Vázquez e Angulo (2003, p.39).

*“O diário é a expressão diacrónica do percurso da investigação que mostra não apenas dados formais e precisos da realidade concreta, mas também preocupações, decisões, fracassos, sensações e apreciações da pessoa que investiga e do próprio processo de desenvolvimento; recolhe informação do próprio investigador/a e capta a investigação em situação”.*

As emoções estão subjacentes às entrevistas, e fazem parte de um material importante no que respeita à análise dos dados. Como referem McMillan & Schumacher (2005, p. 464) “ *El entrevistador, también, realiza apuntes de campo sobre el lenguaje corporal no verbal del entrevistado y sus gestos, que ayudan a interpretar los datos verbales. Las anotaciones de campo incluyen descripciones del contexto de la entrevista*”. É imprescindível clarificar numa entrevista a informação não-verbal que ocorre no momento. Segundo os mesmos autores, as anotações inerentes a expressões faciais, gestos, movimentos, podem-se transformar em dados verbais. Seguem-se um exemplo de notas de campo, com a opinião do guarda sobre o recluso antes de entrar na sala de entrevista e as anotações da investigadora no decorrer da mesma:

Quadro 3 - Notas de campo da investigadora

<b>Notas de campo sobre um recluso, segundo a perspetiva de um guarda</b>
1. Educado
2. Não fala muito
3. O crime foi por violência doméstica
4. Um recluso inquieto
<b>Notas de campo sobre um recluso, segunda a perspetiva da investigadora</b>
1. Expressões de tristeza
2. Choro
3. Sempre a mexer no gravador; inquietação
4. Demonstra muita sensibilidade quando se fala na família; gagueja; fica ofegante

Fonte: Da autora da Dissertação (2017)

Existem certas ilações que só poderemos retirar, de facto com notas de campos. A partir da análise dos dados, podem fazer-se ligações de comportamento que não se poderiam fazer, utilizando apenas o gravador. A entrevista é importante, mas em conjunto com outras técnicas de recolha de dados, torna-se ainda mais eficaz.

### **3.5 Técnicas e procedimentos de análise dos dados**

À medida que se avaliam os dados, há aspetos que se repetem entre eles, palavras, comportamentos, atitudes, pensamentos e factos.

*“O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida, escreve palavras e frases que*

*representam estes mesmo tópicos e padrões. Estas palavras ou frases são categorias de codificação”*(Bogdan & Biklen, 1994, p. 221).

Como referem Bogdan & Biklen (1994), quando se procede à análise de dados é importante criar dimensões, categorias e subcategorias para a sua interpretação dos dados. No nosso caso, por exemplo, após a obtenção das respostas dos reclusos, procedeu-se à codificação das frases, transformando-as em dimensões e categorias. À luz de Bardin (1988) sobre a categorização dos dados, esta deve ser sustentada e deve adotar certas características no que diz respeito à “*exclusão mútua, homogeneidade, exaustividade, pertinência, produtividade e objetividade*”. A “*exclusão mútua*” revela que um dado, não pode fazer parte de mais nenhuma categoria, ou seja deve estar inserido apenas numa. A “*homogeneidade*” significa que a sua organização e sistematização deve ser alicerçada e fundamentada num único critério de classificação. A “*exaustividade*” deve, consoante os objetivos da análise, conseguir categorizar todas as ideias significativas. A *pertinência* está inerente ao conjunto de categorias realizadas. Estas devem fazer sentido e serem úteis em termos de objetivos e quadro teórico. No que respeita à “*produtividade*”, as categorias podem ser úteis, se revelarem bons resultados em termos conclusivos, em hipóteses novas e informação justa ou exata. E, por fim, temos a “*objectividad*” que destaca para a imprescindibilidade de uma unidade de registo que deve ser da responsabilidade de uma só categoria, independentemente do investigador que exerce a sua codificação. Fazendo um vislumbre, a análise de conteúdo identifica-se com as tipologias aqui referidas por Bardim (1988).

Neste estudo de caso, devido à qualidade da amostra e à realidade sob análise, ainda que as características anteriormente apresentadas possam não ter sido exaustivamente seguidas ou aplicáveis não deixaram de estar presentes

### **3.6 Considerações éticas**

Gostin, Vanchieri e Pope (2007), sustentam que, pelos fatores inerentes à falta de liberdade, vida particular e independência, a investigação com reclusos, enfrenta delineamentos prudentes, sendo estas investigações as que mais riscos possuem. As questões e procedimentos éticos foram tidos em conta durante todas as fases do plano de investigação. Foi enviada uma carta ao Diretor Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais apresentando o Protocolo de Investigação e o pedido de autorização para desenvolver a investigação no contexto selecionado da prisão. Uma vez obtida a

confirmação da autorização para o estudo, a fase da recolha de dados foi iniciada e realizada por um período de três meses, (julho, agosto e setembro de 2017) . De acordo com Lima (2006, p.139) no que diz respeito às considerações éticas, estas fazem parte de todas as etapas relativas à investigação:

*“(...) desde a escolha do tema e a definição das questões de pesquisa, passando pela seleção dos participantes, até ao modo de acesso ao terreno, à forma de recolha dos dados, aos procedimentos de análise adoptados, à redacção do texto e à própria publicação dos resultados.”*

Os investigadores na área da Educação devem assumir um papel prudente no decorrer da investigação. O modo como interagem com os sujeitos de investigação exige um cuidado no que diz respeito às considerações éticas (Miles & Huberman, 1994; Tuckman, 2005, Kvale, 1996, Flores, 2003 e Lima, 2006). Ou seja, o investigador deve assumir um papel protetor, compreendido como *“uma obrigação duradoura para com as pessoas com as quais se contactou”* (Bogdan & Biklen, 1994, p.78). Também as considerações éticas, devem contribuir para legitimar toda a investigação, de modo a garantir a assertividade metodológica. Parece-nos de extrema relevância mencionar que os investigadores, em contextos prisionais, devem essencialmente ter prudência para as possíveis questões que possam, durante o plano de investigação, surgir. A proteção do recluso será sempre o objetivo basilar no que respeita as considerações éticas, assim como, possíveis advertências que possam surgir na investigação pelo fato da sua colaboração. Vanchieri & Pope (2007), mencionam que investigar em contextos prisionais será, em sentido lato, uma mais-valia para os reclusos e não propriamente uma ameaça. Ou seja, estes estudos poderão, em certa medida, levar a um entendimento das pessoas em reclusão, por parte da sociedade, propiciando o debate na sociedade (Braga, 2014).

Os reclusos têm conhecimento sobre a sua participação (voluntária), o consentimento informado e a segurança de toda a informação proveniente da investigação. Nesse sentido, Israel & Hay (2013) afirmam que o consentimento informado tem vindo a tornar-se deficitário. Porém, nesta investigação, o consentimento informado foi obtido de forma simples por parte dos reclusos idosos, sobretudo, devido à forma de como a autora das entrevistas interagiu com os entrevistados, assumindo um papel natural sem descurar as considerações éticas.

### **3.7 Limitações do estudo**

Ao longo de todas as etapas da investigação acontecerem restrições e limitações que serão aqui abordadas. Não obstante a própria natureza de investigar, as limitações foram assumidas como evolutivas. A etapa mais difícil foi, sem dúvida, a realização das entrevistas aos reclusos na medida em que são um público muito sensível. Dessa forma, foi importante expressar atenção e compreensão perante todas as situações que surgiram no momento das entrevistas. A necessidade de conversar, por parte dos reclusos, era notória, mesmo sabendo da natureza da investigação e o papel da entrevistadora, as conversas paralelas surgiam permanentemente, sendo uma forma de escape para os reclusos idosos, visto que passam a maior parte do tempo sozinhos na cela ou nos corredores do estabelecimento prisional. Contudo, certas conversas paralelas não foram desperdiçadas, pelo contrário, trouxeram nova informação, nomeadamente ao nível dos laços familiares. Os problemas psicológicos devido aos crimes cometidos são visíveis. Houve uma situação em que um recluso idoso esteve uma hora a falar do crime, por mais que a investigadora tentasse que a entrevista tivesse um fio condutor, a conversa terminava sempre no crime (a recorrência de pensamentos e palavras referenciadas por Bogdan & Bilklen, 1994). Foram pensadas novas estratégias de investigação para aquele recluso e a entrevista foi realizada por partes, em vários dias diferentes, para alcançar a informação necessária. Outra parte assinalável foram os problemas cognitivos e sensoriais. Idosos com demências, problemas de fala e audição constituíram um ponto negativo para a transcrição das entrevistas. Três entrevistas foram anuladas pela falta de compreensão e todos os problemas mencionados notaram-se fortemente nas entrevistas, reforçando a necessidade das notas de campo aliadas à entrevista. Os ruídos externos e a observação dos reclusos mais novos à porta da sala de entrevistas exigiu à investigadora uma atitude visual de imposição.

A escassez de bibliografia inerente às perspetivas dos reclusos considerados idosos e dos profissionais técnicos do sistema prisional foi também uma das limitações ao presente trabalho, pelo que tentámos na revisão da literatura abordar conceitos mais abrangentes e generalistas. Gostaríamos de ter obtido uma entrevista por parte dos serviços clínicos do EP. Uma abordagem mais aprofundada faria com que a entrevistadora compreendesse a forma como os serviços clínicos lidam com o envelhecimento na prisão. No entanto, a falta de tempo dos serviços clínicos e a própria logística não nos permitiu conseguir essa informação. Porém, em estudos futuros

esperamos incluir essa perspectiva na nossa análise. Por fim, um apontamento sobre os sentimentos revelados ao longo do processo, não pode deixar de ser realizado. Houve momentos, no decorrer das entrevistas aos reclusos idosos em que estes choraram e nesse sentido é necessário uma neutralidade obrigatória por parte de quem entrevista. Ou seja, não se deve mostrar-se uma abundante sensibilidade, nem demonstrar demasiada frieza sendo difícil por vezes, encontrar um ponto de equilíbrio. Um sorriso, uma palavra de gentileza e conforto não afetou a investigação, aliás provou ser uma alavanca para criar confiança.

## **Parte III**

#### **4. Apresentação dos Resultados**

Este capítulo apresenta, numa primeira parte, a análise e discussão das entrevistas realizadas aos reclusos considerados idosos (R), que se encontram organizadas em diferentes categorias, agrupadas de acordo com as quatro fases de análise. Apresentam-se, ainda, vários excertos e depoimentos decorrentes das entrevistas realizadas, dando assim voz aos próprios reclusos com idades a partir dos 60 anos. Posteriormente, serão apresentados os resultados das entrevistas realizadas junto dos profissionais técnicos, nomeadamente, o profissional Especialista em Sistemas Prisionais (T1), o Guarda Prisional (T2), o Adjunto do Diretor do Estabelecimento Prisional (T3) e o Técnico de Reeducação (T4). Procurou-se obter uma perspetiva abrangente dos resultados, identificando as similitudes e diferenças, estabelecendo assim uma visão global do fenómeno analisado.

No que diz respeito à análise dos dados das entrevistas realizadas aos reclusos do estabelecimento prisional em análise, foi efetuada uma análise de conteúdo da transcrição das entrevistas, com a identificação das principais categorias e subcategorias. Foi elaborada uma matriz, com as respetivas unidades de codificação associadas a cada uma das categorias. Este processo foi realizado exclusivamente de forma manual, sem recorrer a tratamento informático, como seria o caso da utilização de um *software* adequado para esse efeito (e.g. NVIVO, MaxQDA, etc.). De seguida, apresentamos um quadro (exemplo) do procedimento realizado no processo de análise de conteúdo de modo a proceder à identificação das categorias de análise. As três grandes categorias relativas à análise dos dados provenientes das entrevistas reclusos do estabelecimento prisional são as seguintes: a) A vida antes da prisão; b) A vida durante a prisão; e, por último, c) A vida depois da prisão. O conteúdo das entrevistas aos profissionais do estabelecimento prisional pode ser consultado, na íntegra, na seção dos Anexos deste trabalho.

**Quadro 4 -EXEMPLO DE MATRIZ DE ANÁLISE DE CONTEÚDO** Perspetivas dos Reclusos Idosos  
**Tema:** Perspetivas dos Reclusos Idosos

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Unidade de Registo</b>	<b>U. codificação</b>
A. A vida antes da prisão	A <sub>1</sub> . A vida pessoal e profissional	Situação pessoal e profissional	<p><i>“Eu comecei a trabalhar com 13 anos como serralheiro (...)”</i></p> <p><i>“Sou industrial desde os 13 anos de idade (...)”</i></p> <p><i>“Eu fui casado segunda vez. O primeiro foi um casamento normal e dou me bem com a minha mulher mas divorciei-me (...)”</i></p>	R1 R5 R19
	A <sub>2</sub> . O crime e os seus motivos	O crime cometido e arrependimento	<p><i>“(...) estou aqui por causa dela. Só queria computadores (...)”.</i></p> <p><i>“Estou arrependido, eu era um lutador contra isto( fraude fiscal) e caí na teia”.</i></p>	R1 R5
B. A vida durante a prisão	B <sub>1</sub> . Acolhimento e adaptação à prisão	Os primeiros tempos na prisão	<p><i>“(...) começou a ficar noite, comecei a ver onde é que eu ia dormir, onde é que eu ia comer (...)”.</i></p> <p><i>“Os meus primeiros dias foram, não foram nada do outro mundo. Já andei na guerra (...)”.</i></p>	R3 R2
	B <sub>2</sub> . O papel da família e das visitas	A envolvimento dos laços familiares e afetivos	<p><i>“Tive um apoio fantástico da família. Tenho ideia que foi o apoio familiar que não me levou a cometer um exagero (...)”.</i></p> <p><i>“Tenho um amigo que me visita sempre, vai buscar a minha mulher a casa e vem aqui com a namoradinha que eu lhe apresentei (...)”.</i></p>	R3 R10
	B <sub>3</sub> . O dia-a-dia na prisão	Trabalho, atividades, alimentação e tratamento prisional	<p><i>“Gosto de música e leio muito. Portanto, leio mistério”.</i></p> <p><i>“ A comida é das coisas piores aqui (pausa) aqui é o piorio. Às vezes até vai para trás, vem mal confeccionada”.</i></p> <p><i>“Aqui dentro trabalho na construção, não frequento nenhum programa, trabalho todos os dias. Recebo 1,20 por dia e metade vai para a reserva”.</i></p>	R11 R19 R19
C. A vida após da prisão	C <sub>1</sub> . Apoios à reeducação e reinserção social dos reclusos	Frequência em programas de reinserção e após a saída da prisão	<p><i>“ Aqui andava na escola, andava nas artes, na música, no inglês (...)”</i></p> <p><i>“Não frequento nenhum programa que visa a saída, nada me foi proposto mas eu não sei se há ou não há”.</i></p>	R6 R10
	C <sub>2</sub> . A idade e as perspetivas sobre o envelhecimento	O processo de envelhecimento observado em primeira pessoa	<p><i>“dificuldades a nível motor, vulnerável a nível emocional”.</i></p> <p><i>“É um envelhecimento natural. Estou a envelhecer naturalmente, não me preocupo com nada. Sou um indivíduo sensível, se eu vir um indivíduo mal, eu sinto-me mal, também”.</i></p>	R9 R14

Fonte: Da própria autora da Dissertação (2017)

## 4.1 Perspetivas dos Reclusos: a vida antes, durante e após a reclusão

### 4.1.1 A vida pessoal e profissional antes da entrada na prisão

A maioria dos reclusos entrevistados tinha, antes da entrada na prisão, uma vida profissionalmente estruturada, casamentos longos e uma boa relação familiar. Algo que merece a nossa atenção é o facto de os reclusos divorciados referirem que têm uma relação cordial com a ex. esposa, mesmo depois de voltarem a casar.

R19: *“Eu fui casado segunda vez. O primeiro foi um casamento normal e dou-me bem com a minha mulher mas divorciei-me, o que eu queria mais na minha vida era ficar com a minha primeira mulher. Não há nada que chegue à primeira mulher”.*

Os reclusos divorciados evidenciam apreço pela ex esposa. Relativamente aos filhos, têm entre dois a três filhos e um relacionamento afável e de união. Por seu turno, com a entrada para a prisão, os reclusos mais velhos refletem sobre o seu papel na parentalidade, tal como mencionado em Granja (*et al.*, 2013).

Apenas um recluso não tinha qualquer tipo de contacto com os filhos. O corte familiar era total devido ao crime (violência doméstica). Neste caso, os filhos não tinham a perceção da violência, um pelo facto da sua ausência, pois reside noutro país e, o outro, porque é deficiente motor e está institucionalizado.

Relativamente à vida profissional, sabemos que o trabalho assume um papel fundamental na vida do ser humano, sendo nele que os indivíduos se focam para atingir parte da estabilidade económica e social (Giddens, 2004). Relativamente aos reclusos entrevistados, há uma trajetória profissional que os acompanha desde muito cedo, uns por motivos financeiros, outros por opção.

R5: *“Sou industrial desde os 13 anos de idade, tinha um tio que era solteirão que tinha uma fábrica, numa certa altura quando eu tinha 13 anos ele disse abre os olhinhos e anda para aqui, foi por isso que eu não fui estudar, isto é para ti. Aos 18 anos viajei o mundo e a partir dali eu fiquei com a fábrica”.*

R1: *“Eu comecei a trabalhar com 13 anos como serralheiro. Saí de lá e fui para a Suécia<sup>35</sup> para máquinas para trabalhar madeira, estive lá 11 anos. Depois fui 13 meses para a Suíça e vim no enxurro 25 de abril. Depois trabalhei em assistência técnica (...) agora, ultimamente estava a trabalhar na minha filha, ela tem um restaurante”.*

Constatamos que a maior parte dos entrevistados tinha uma atividade profissional, embora sendo de natureza precária, antes da sua entrada na prisão. O número elevado de anos de trabalho bem como o baixo nível de escolaridade (predominantemente, o 4ºano) são aspetos comuns aos vários reclusos entrevistados. É visível nas entrevistas a importância do trabalho na trajetória de vida do recluso e a motivação de alguns para, após a sua saída, regressarem ao que construíram ou ao que deixaram por concretizar. Os reclusos idosos também referem a agricultura como segunda opção, caso não consigam arranjar trabalho na área idealizada.

R20: *“Sou capaz de ir para Espanha para trabalhar”.*

R21: *“Vou trabalhar para a agricultura, não vou parar, não vou, vou continuar. Vou trabalhar até, pronto, até dizer assim, já não posso mais”.*

R5: *“Trabalhei muito com as caves do país, tenho muitos amigos. Tenciono abrir uma coisa pequenina de cortiça com três clientes para sobreviver”.*

R1: *“Quando sair daqui vou tentar ver se ainda tenho uma atividade. Vou fazer um trabalho porque eu fui muito ligado ao catering, vou tentar fazer nessa área e colaborar com algumas empresas”.*

A importância do trabalho é referido por todos os entrevistados, apresentando uma "perspetiva positiva" idealizada e mencionada por Santos e Nogueira (2015).

Quando questionados sobre os seus objetivos de vida antes da entrada na prisão, verificamos que as respostas eram essencialmente focados no trabalho, segundo referiram os reclusos. Quando confrontados com esta questão, notou-se que a palavra

---

<sup>35</sup> Todos os nomes, cidades e países aqui descritos são fictícios de modo a salvaguardar a identidade dos reclusos idosos.

“objetivo” levava a algum pensamento interno e a resposta não foi de imediato. Por vezes, o silêncio constituiu o maior problema na resposta. Talvez por isso, um objetivo intrínseco que ultrapassa o pensamento mobilizador do recluso considerado idoso seja o trabalho.

R17: *“O meu objetivo era sempre trabalhar. Eu estou aqui há 22 meses, fez agora dia 6, trabalho quase há 21”.*

R8: *“Os meus objetivos eram trabalhar até à reforma porque eu nunca quis a invalidez, quis sempre trabalhar”.*

Além do trabalho, não ficou definido se os reclusos têm outras perspetivas no que concerne aos objetivos de vida e se os sabem clarificar. Portanto, pode-se concluir que o trabalho é um objetivo importante antes da prisão e depois da prisão.

#### **4.1.2 O crime e os seus motivos**

Procuramos compreender o crime e os motivos do que desencadearam o crime por parte dos reclusos entrevistados. Verificou-se uma diversidade de crimes, no entanto, o abuso sexual e a violência doméstica predominam. No que respeita ao abuso sexual, além do abuso com penetração, existe abuso físico e emocional e nenhum dos reclusos aqui mencionados confirma o crime como um ato de violação intencional, mas sim corrosivo por parte dos abusados. Outros alegam que o ato foi combinado para a extorsão de dinheiro.

R14: *“(…) aconteceu a partir dos 13, durou 3 anos. Isto era só à segunda-feira, eu ia, era a minha folga. Eu ia lá ao supermercado e dava-lhe assim umas coisinhas para durante a semana para ela levar para a escola, depois sentávamo-nos e ela começa-me a apalpar”.*

Algo que chamou a atenção foi a forma detalhada como os abusadores sexuais falam abertamente do crime, recorrendo a pormenores do momento, que não serão aqui expostos. A emergente “*vitimização por outros*”, foi reportada por indivíduos que tendem a canalizar a culpa do crime cometido sobre pessoas ou circunstâncias externas e impossíveis de controlar (Santos & Nogueira, 2015)

R2: “(...) eu ficava lá numa camita a dormir. Ora bem, os rapazes não se importavam de lá estar, queriam era liberdade, montou-se lá outra barraca e eles ficavam lá a dormir, um tinha 17 e outro tinha 16. Um dia à noite às 11 horas, eles foram tomar banho e viram-me nu em cima da cama. Eles queriam que eu lhe desse 100 mil euros e eu peguei num pau (...)”.

No que respeita ao crime de violência doméstica, a mulher, na opinião do agressor, possui a maior culpa pela conduta exercida pelo marido ou ex marido. A título de exemplo:

R19: “(...) estou aqui por causa dela. Só queria computadores, internet e saía e não me dizia onde ia, até que antes de vir preso parti o carro dela todo”.

Relativamente aos restantes crimes, o sentimento de vitimização é similar. Contudo os reclusos entrevistados que praticaram delitos de fraude fiscal são os que assumem, não na totalidade, o crime cometido recorrendo sempre à inocência por algum motivo. No que diz respeito ao arrependimento, esta pergunta foi realizada duas vezes em duas fases distintas. Primeiro, logo na primeira fase de entrevista em que perante o crime, os reclusos não admitiram a culpa, nem arrependimento. O facto de não assumirem o crime, nem demonstraram a compreensão da punição e responsabilidade (Gonçalves 2002), pode significar que não estão preparados para reentrar na sociedade. A mesma pergunta foi realizada no final da entrevista e as respostas foram diferentes.

R5: “Estou arrependido, eu era um lutador contra isto (fraude fiscal) e caí na teia”.

O ARREPENDIMENTO 6  
UM PEDIDO DE DESCULPA NÃO É GARANTIA QUE SE SEJA DESCULPADO  
A PALAVRA É APENAS UMA ADMISSÃO DE CULPA E DE ARREPENDIMENTO,  
POR UM ERRO COMETIDO; É UMA EXPRESSÃO DE PÉSAR.  
"PORQUÊ - PORQUÊ - PORQUÊ" QUE, O PROCESSO NÃO É ROBERTO!

Figura 6 - Testemunho escrito de um recluso idoso (R14)

### 4.1.3 Acolhimento e adaptação à prisão

Em concordância com alguns dos estudos efetuados em Portugal (Gonçalves, & Gonçalves, 2012), é possível identificar quatro tipos de adaptação, onde os dois principais se fundem nos “*bem adaptados*” e os “*mal adaptados*”. Os bem adaptados, frequentemente, não tiveram no passado problemas delituosos, pertencendo a uma faixa etária a partir dos 30 anos e têm um comportamento apropriado. Por seu turno, os mal adaptados, adquirem um comportamento abusivo inerente às regras prisionais evidenciam atitudes “antissociais”. A entrada no sistema prisional provoca um “*choque emocional para reclusos e familiares, choque inerente à ruptura com toda a vida afectiva e social a que indivíduo estava conectado*” (Moreira, 2008, p.100). Na sua maioria, os reclusos idosos entrevistados mencionam a tristeza como sentimento principal após a sua entrada na prisão.

R3: “*O meu genro veio aqui trazer-me, começou a ficar noite, comecei a ver onde é que eu ia dormir, onde é que eu ia comer. Toda aquela mecânica, digo-lhe com sinceridade foi das situações que eu se tivesse um buraco metia-me. Fiquei completamente perturbado*”.

Muitos dos entrevistados estiverem na Guerra do Ultramar mencionam que criaram resiliências que foram fulcrais na sua adaptação. Afirmam também que a prisão, em comparação com situações transatas de guerra, é considerada indulgente.

R1: “*Eu sou daquelas pessoas que já cumpriu tantas missões que tenho que aguentar. Já cumpri missões em pior circunstância, onde não tinha nem cama e nem comida. Comparado com o que passei, isto não é nada*”.

R2: “*Os meus primeiros dias foram, não foram nada do outro mundo. Já andei na guerra, fui sargento enfermeiro na tropa, curei muitas doenças, operei de urgência muitos rapazes para tirar balas dos intestinos. Estou habituado a coisas difíceis. A minha vida sempre foi muito difícil. Os pedófilos têm muito má receção porque andam atacar crianças de dois anos, três*”.

Os abusadores sexuais ou pedófilos têm um perfil dramático visto pelos outros reclusos. Por conseguinte, o acolhimento torna-se um fator negativo. A tendência para o isolamento é explícita para precaução de segurança pessoal. Além disso, como menciona Santos e Nogueira (2015), a "idade" é uma das subcategorias mais relevante nesta dimensão, já que os reclusos idosos não se identificaram com os grupos etários restantes, logo, tendem a isolar-se. A tentativa de suicídio não está muito presente nesta amostra, apesar de dois reclusos mencionarem que pensaram em fazê-lo. Um deles refere que ainda pensa em cometer, caso não seja na prisão irá ser quando sair.

*R6: "A adaptação custou muito, foi uma desfeita muito grande. Eu já pensei em suicidar-me. Ao princípio quando estava em Braga. Uma vez nas giletas de fazer a barba, lâminas para cortar os braços e depois pensei o que é que eu vou resolver com isso. Agora já estou mais calmo. Isto é muito duro aqui dentro, há pessoas boas aqui mas também há outras que não interessam a ninguém. Aqui a malta nova são uns desastrados, não se consegue viver muito bem com eles".*

Os mais velhos também sentem que os mais novos são uma ameaça. Porém, depois dos primeiros dias, os reclusos idosos sentem-se capazes de ultrapassar os aspetos mais negativos e levarem o seu dia-a-dia normalmente. Pensámos que a fase de incompatibilidade prisional atenua devido à assimilação e consciência da prisão na vida do recluso idoso.

Relativamente aos momentos marcantes na prisão, os reclusos idosos retratam, na maioria momentos negativos e inerentes à violência. Segundo Abreu (1998, p.33) a atitude agressiva surge devido a uma situação de frustração e daí surge a "*capacidade ou potencialidade, provocar malefícios, ofensas prejuízos ou destruições, materiais ou morais, a outra pessoa ou a si mesmo*". À luz de Gomes (2012) é característico da prisão, a violência e situações de hostilidade constantes, designando-se como um fator para a sua "*sobrevivência*". Há uma correlação linear entre a violência dos mais jovens para com os mais velhos, a que nos leva a pensar que os reclusos mais jovens possuam frustrações no que respeita à prisão e canalizam essa malevolência obsessiva e imersiva para os reclusos mais velhos e isolados. Daí os idosos não apreciarem certos reclusos mais jovens pelo facto de situações como esta.

R18: “ *velho não te aguentas*”.

Nenhum dos reclusos do sistema prisional tem a legitimidade para conhecer o crime dos demais. No entanto, quando uma pessoa mais velha, punida por abuso sexual, entra pela primeira vez numa prisão, para criar certas situações, instalam na prisão o rótulo de “*Violas*” (abusador sexual).

R12:“*Violência direta não, mas tive que me virar para alguns e dizer para o processo prisional ser publicado para ver quem era violador. Tudo para extorquir dinheiro, tabaco, cafés. Extorquir tudo que é necessário. Muitos desgraçados andam para aí assim. Têm que pagar aquele e a este e alguns até lhes batem*”.

A extorsão de dinheiro dentro da prisão é mencionada por alguns reclusos idosos, extorsão por parte dos mais jovens tendo em vista o seu próprio benefício.

R4:“ *O momento mais marcante é estar preso (choro). Sim, quando cheguei ao pavilhão A perguntaram-me se eu era pedófilo e um mandou-me uma chapada. Nunca mais tentaram. Aqui são todos meus amigos e eu sou deles. Preocupo-me em ir ali ao bar e pagar um cafezinho a todos. Quando tenho dinheiro no cartão*”.

Percebendo esta analogia do “*Preocupo-me em ir ali ao bar e pagar um cafezinho a todos*”, está subjacente o medo de ser maltratado e precavendo a sua segurança pessoal, o recluso adota estratégias de defesa. Segundo outro recluso há situações abusivas intolerantes.

R11:“*Num dia em que eu estava no recreio, tava sozinho e sem nenhum camarada da minha ala e começaram a meter-se comigo a atirar pedrinhas. Todos eles mais novos, mais de dez. Portanto começaram a mandar garrafas de água, depois eu saí do local onde eu estava e fui sentar-me nuns degraus que dá visibilidade ao campo de futebol (...) de momento vai um elemento por trás de mim e dá-me uma chapada na zona do ouvido, que hoje em dia, ainda tem sequelas. Fui para outro local e tava sossegado e apareceu um indivíduo, pega numa garrafa de água e manda-me pela cabeça abaixo, não só água mas terra e além disso levei outra bofetada aqui na testa*”.

A humilhação é, portanto, visível por parte dos mais jovens dependendo do crime. Se o recluso idoso cometerem um crime de tráfico de droga já é tratado de uma forma distinta (segundo os guardas em conversas informais). A entrada também se considera um momento marcante inerente a todas as informações repentinas de assimilação da prisão.

*R6: “O momento mais marcante foi quando entrei, eu sei que tinha feito asneira mas pensei que me iam por de pulseira eletrónica em casa. Quando a juíza disse que tinha que vir para aqui, eu até parece que nem os pés nos chão tinha. É uma desfeita muito grande eu já tinha 64 e meio(...)depois vim perto do Natal, dia 12 de Dezembro, atão é que custou quando chegou o Natal, já cá passei 5 Natais dentro e a ver se não passo este porque estou a preparar a precária”.*

Por último, deve reforçar-se a ideia de que as saídas precárias são pontos positivos pela emoção do encontro com a liberdade. Porém, os reclusos entrevistados acentuam muito a parte negativa, e por isso o meio envolvente inerente à prisão parece representar essa frustração negativa.

#### **4.1.4 O papel da família e das visitas**

Vários estudos mencionam que a envolvência dos laços familiares na prisão, em certa medida, são benéficos para o recluso no período da pena (La Vigne, Naser, Brooks & Castro, 2005 e Naser & Visher, 2006). Para os reclusos entrevistados, a família é o ponto central de todo o trabalho para uma reinserção positiva. Todos, à exceção de três, declararam as visitas dos familiares e telefonemas como um grande momento de ansiedade, alegria e emoção.

*R3: “Tive um apoio fantástico da família. Tenho ideia que foi o apoio familiar que não me levou a cometer um exagero (suicídio), eu acho que nunca pensei nisso porque tive um fio condutor que era os meus netos. E, portanto cada vez que eu ficava triste, eu começava a lembrar-me dos miúdos”.*

Acredita-se portanto, que um apoio da família no período inicial da pena seja crucial na fase de adaptação do recluso idoso e a preservação das conexões familiares durante o momento de reclusão poderá ser um fator de prevenção de ruturas que podem

levar a reincidências (Gonçalves & Gonçalves 2012). Relativamente às visitas aos reclusos, à exceção dos mencionados anteriormente, estas são regulares. Em muitos dos casos, comparecem todas as semanas. Os familiares que não o podem fazer, deve-se sobretudo a problemas financeiros.

R10: *“Tenho um amigo que me visita sempre, vai buscar a minha mulher a casa e vem aqui com a namoradinha que eu lhe apresentei. Grande amigo, trata-me de tudo, ajuda-me em tudo. Tudo depende do que a gente semeia, tudo que tenho nada é meu. É evidente que de cem amigos, vou aproveitar um, mas esse um fica. Para mim amigo é uma palavra muito forte”.*

O recluso em questão menciona que a família não são só os laços sanguíneos. Por vezes, um amigo faz parte da família sem o ser. Normalmente, o corte nos laços familiares deve-se à natureza do crime praticado, sendo isso mais notório perante a violência doméstica e a tentativa de homicídio.

R19: *“ Não vem ninguém estou mentalizado, tenho uma irmã na Alemanha e outra em França mas esses já não vem cá há mais de dez 10 anos. Tenho um neto, gostaria de conhecer (o recluso começou a chorar). Escrevi (pausa) uma vez uma carta, mas não responderam, (para quem?) para o meu filho mais novo, tem 27 anos”.*

Nos três casos observados sem visitas, esta pergunta despertou uma certa dramatização subjacente. Ou seja, os reclusos sentem falta da família, mas não o querem admitir. Porém, as expressões emocionais como baixar a cabeça e chorar cria uma certa dissonância nas respostas dadas pelos reclusos idosos. Outra questão que chamou a nossa atenção foram os 5 minutos de telefonema que cada recluso tem para falar com a família e pelo telefone que não são bem aceites pelos mesmos.

R3: *“A pior coisa que existe aqui dentro nem é a má alimentação, nem é as más instalações. É o problema dos 5 minutos, acho que é ridículo para quem não quer que as pessoas percam os laços familiares. Dizem que a pessoa tem que ter os laços familiares, em 5 minutos como é que, tenho 3 filhos e uma esposa, como é que em cinco minutos. Faço a minha chamada ao final da tarde, os 5 minutos para a minha mulher, ela antes fala com a filha, fala com o filho e diz olha está tudo*

*bem, o Nuno<sup>36</sup> foi trabalhar, a Marta está para Lisboa, se isso não é corte familiar, eu sinceramente não sei o que é. Não sei como houve alguém que pensou que dando só 5 minutos por dia a uma pessoa para falar com a família, resolve o problema dos laços familiares”.*

Este tema será uma questão central a colocar aos profissionais técnicos do EP, nas entrevistas realizadas. Nas estatísticas nacionais, não há uma demonstração da ligação entre a família e o recluso. Há ausência de um “*modelo de recolha de informação estatística*” que nos elucidaria sobre a agregação familiar e a conexão com a vida na prisão, criando obstáculos e bloqueios no que concerne à intervenção nessa área (Granja, Cunha & Machado, 2013).

#### **4.1.5 O dia-a-dia na prisão**

Esta dimensão é importante na medida em que nos dá a perceção do dia-a-dia dos reclusos considerados idosos. A maioria dos reclusos entrevistados não trabalha na prisão, sendo que o primeiro fator está associado à idade superior a 65 anos. Um recluso com reforma, segundo os entrevistados, só pode trabalhar voluntariamente, ou seja, têm a opção de receber o dinheiro da reforma ou o do trabalho realizado na prisão.

R15: “*Chego aqui, já para começar se quiser ir para a oficina trabalhar não posso receber a pensão de invalidez. Se quisesse ir trabalhar para a oficina, tinha que ir de graça, não faço nada”.*

Como não recebem qualquer tipo de gratificação, os reclusos acabam por não ter motivação para trabalhar. Em segundo lugar, porque possuem patologias físicas que os impedem e, em terceiro lugar, consideram a quantia paga pelo trabalho realizado insatisfatória.

R19: “*Aqui dentro trabalho na construção, não frequento nenhum programa, trabalho todos os dias. Recebo 1,20 por dia e metade vai para a reserva. É um fundo que existe para quando a gente for embora (pausa) por mês fico com 20 euros”.*

---

<sup>36</sup> Todos os nomes presentes neste trabalho são fictícios

Muitos reclusos até aos 65 anos trabalham, porque têm benefícios perante a pena, mas depois de receberem a reforma optam por ficar na cela a ler ou a ouvir música pelo facto de a recompensa não ser adequada. Há outros que querem trabalhar mas (com menos de 65 anos) lamentam-se pela falta de oportunidade ou pela condição do trabalho oferecida.

R4: *“Sabe qual foi o trabalho que me deram ao fim de dois anos? E eu fui obrigado a não negar porque senão martelam-me agora quando meter a precária, andei dois anos, e o trabalho que eles me arranjaram depois de saberem que sou uma pessoa que do velho faço novo. Puseram-me a fazer limpeza. É uma humilhação para mim”.*

Certos reclusos sentem-se desanimados para trabalhar e estudar na prisão devido à idade, pois sentem que nada irá ajudar, na sua saída. Seu (2002) confirma esta perspetiva:

*“ A eficácia da educação e formação dentro da prisão é medida pelos efeitos exercidos aquando da saída dos reclusos. No entanto, muitas vezes, não existe coordenação entre os programas de ensino e formação em meio prisional com iguais oportunidades existentes em meio exterior. Também não existem programas de apoio a ex-reclusos que lhe permitam continuar os estudos depois de saírem da prisão, inviabilizando, assim, algum do esforço, quer do recluso, quer dos sistema prisional (ibidem, p.50).*

Muitos reclusos idosos na maioria do seu tempo, leem livros, vêem televisão, ouvem música sendo interessante e visível o gosto pela leitura e pela música no seu dia-a-dia. Não obstante os que não têm televisão no quarto ou rádio pagam o “aluguel” da televisão/ rádio a outros reclusos.

R11: *“Gosto de música e leio muito. Portanto, leio mistério”.*

R5: *“Ocupo os meus dias na cela. Oiço a televisão”.*

R12: *“Procuro ler mas já não consigo ler em condições. Às vezes ainda vou à biblioteca ler um bocadinho do jornal. Também me traziam livros mas já desistiram, começava a encher isto tudo cheio de livros”.*

Em termos de saúde, constata-se que os problemas visuais e auditivos condicionam a vida dos reclusos entrevistados na prisão. No que respeita à alimentação, é o fator mais desfavorável, quanto à sua confeção, quer quanto à sua preservação, não havendo contradição de ideias no que respeita a cada entrevistado. Esta constatação é também retratada por Valente (2017).

R12: *“A comida eu julgo que é suficiente mas é mal confeccionada. O mal é ser mal confeccionada porque aquilo preparado numa casa por alguém, teria outro aspeto e outro sabor”.*

R19: *“Péssima é das piores coisas que pode haver. Há animais que devem comer melhor que nós. Muito melhor que nós”.*

R9: *“A comida é das coisas piores aqui (pausa) aqui é o piorio. Às vezes até vai para trás, vem mal confeccionada”.*

R21: *“A comida uns dias é boa e outros dias não. Se for peixe nem vale a pena comer, só sopa. O peixe vem com mau aspeto. A maioria das pessoas, também só come a sopa. Aquilo que eles mandam para a gente comer não se faz”.*

Um das questões colocadas aos profissionais técnicos do EP está relacionada com as lacunas inerentes à alimentação/ nutrientes e como se poderá suprir esta falta dos reclusos idosos, visto que têm necessidades especiais de tratamento. Quanto às questões relativas à roupa e higiene, consideram que é relativamente favorável. Alguns reclusos enviam a roupa para os familiares, outros pagam para lhes limparem a cela e lavar a roupa.

R6: *“A roupa, tenho um rapazito que é do Gerês, conhecemo-nos aqui dentro e é ele que ma lava. Eu dou-lhe, pago, não é pagar, agradeço-lho com um frasquinho de café, um quilo de açúcar, faço-lhes um jeito e ele faz-me a cama à sexta-feira, é bastante meu amigo e eu sou dele”.*

Porém é notável que a mobilidade não permite aos idosos reclusos uma higiene eficaz. Em conversa informal, um guarda mencionou que um recluso idoso não tomava banho há 7 meses por motivos de falta de mobilidade. Tratava-se de um recluso com 91 anos que foi entrevistado mas que devido às suas características linguísticas, a entrevista não reuniu condições para ser incluída no nosso estudo.

Os profissionais do estabelecimento prisional têm um papel fundamental no que respeita à adaptação e reinserção do recluso. Além do mencionado, o técnico de reeducação tem uma função com o recluso de entreajuda, para que este adote uma conduta positiva em sociedade. Assim o tratamento prisional que está correlacionado com a “(...) *acção levada a cabo junto do delinquente, com vista a tentar modelar a sua personalidade com o objetivo de o afastar da reincidência e favorecer o seu enquadramento social*” (Pinatel cit. in Barroso & Abrunhosa, 1992, p.55). Numa visão holística, o recluso necessita de um acompanhamento experiente em prol do desenvolvimento das suas capacidades e o tratamento prisional percorre estes traços de modo a integrar o recluso, seja idoso ou não, na sociedade. Observando as respostas dos reclusos idosos, na sua maioria, é notável o descontentamento face ao Técnico de Reinserção Social (TRS).

R9: “*Se quer que lhe diga ainda não o vi desde que cá cheguei. Estou aqui há dois anos, não o conheço*”.

R8: “*Nunca ninguém me chamou para nada nem para saber se estava bem se estava mal*”.

R4: “*Não faz um trabalho (positivo) porque desde do princípio que me assustou logo e acho que não é a melhor maneira de trabalhar. Você vai cumprir isto tudo até ao fim porque você, não tente nem pense que vai embora a meio da pena*”.

A investigação realizada por Valente (2017) revela também a insatisfação dos reclusos face ao trabalho desenvolvido pelos técnicos de reeducação. É também conhecido o problema financeiro das prisões portuguesas, em contratar profissionais. Consequentemente, faltam recursos humanos para um grande número de reclusos. No que concerne ao papel do médico e do enfermeiro, considerando a idade avançada dos nossos entrevistados, estes não apresentam um grau de satisfação elevado.

R14: *“De vez enquanto vou é raro ir ao médico. Positivo não tenho de nada, ninguém gosta, eu chego à beira dele e digo sr. doutor doí-me aqui, doí-me aqui, acolá, tenho tonturas, tenho qualquer coisa e ele não ausculta”.*

R16: *“Queria que ele me mandasse ao hospital que tenho aqui uma hérnia. É como lhe digo ele diz que vai fazer e nada, ele nem sequer ausculta uma pessoa”.*

Apesar de nem todos estarem insatisfeitos com o médico, usam expressões como “é bom”, nem chegando a fundamentar as respostas, sendo palavras muito superficiais sem grande conteúdo de reflexão, mesmo havendo persistência por parte da entrevistadora. Pelo contrário, com os enfermeiros, a satisfação por parte da maioria é notável, talvez devido ao tempo disponível que permanecem com os reclusos idosos. O médico está no EP apenas duas vezes por semana durante a manhã e os enfermeiros estão todos os dias, noite e dia. Portanto, o tempo despendido é mais alargado e flexível e os reclusos sentem mais atenção por parte deste grupo clínico.

R6: *“ São boas pessoas, eles às vezes toleram aí coisas, porque aqui as pessoas pensam que eles são nossos criados, nós temos que os respeitar. No outro dia quando tinha a tensão baixa e fui às enfermeiras, são assim umas rapariguinhas novinhas (...) e puseram-me a soro, trataram bem de mim”.*

Relativamente aos guardas é explícita a satisfação por todos os reclusos, existindo vários entrevistados detidos pelo crime de abuso sexual, que exprimem apreciação para com os guardas prisionais pela forma como os protegem. Este aspeto é também retratado por Gonçalves (2002).

R6: *“Dou-me bem, eles são educados connosco, só que nós também temos que ser com eles”.*

R15: *“ São pessoas à maneira, são pessoas de respeito, em XXX eram mais brutos.”*

No entanto a maioria concorda que no sistema prisional deveria haver diferença de tratamento consoante a idade.

R15: *“Os guardas a nível de tratamento são iguais, não ouvem muito uma pessoa de idade, são iguais. Na minha opinião deveria haver uma diferença de tratamento”*.

Há reclusos idosos que mencionam uma atitude mais sensível na entrada para o refeitório pelo motivo da falta de mobilidade mas não é suficiente. De acordo com o Decreto-Lei nº 3/2016, de 9 de Janeiro, *“(…) é responsabilidade de garantir a segurança e ordem das prisões, à observância da lei e regulamentos prisionais (...) e participar na ressocialização dos prisioneiros”*. Em Portugal, os guardas prisionais passam por um programa de treino com dimensões de ressocialização específicas. Pensámos que o programa esteja a produzir algum efeito, corroborando pelas opiniões dos entrevistados.

#### **4.1.6 Apoios à reeducação e reinserção social dos reclusos**

Relativamente aos apoios à reeducação dos reclusos idosos consideramos pertinente perguntar se participaram, participam ou tencionam participar em algum programa ou atividade cujo objetivo seja a reeducação. São diversas as respostas sendo que a maioria preferia trabalhar do que frequentar um programa/atividade na prisão.

R18: *“ Programa não quero. Quero é trabalhar”*.

Muitos dos reclusos não acreditam na “capacidade de regeneração da prisão” (Nogueira e Santos 2015). Acreditámos que a idade seja um fator predominante para a insatisfação dos reclusos idosos na aceitação de programas e atividades que visam a sua saída. Observámos também a desistência por parte dos que frequentam programas e considerámos que seja por falta de motivação conjunta. Ou seja, se o núcleo de amigos não frequenta, o recluso que frequenta acaba por desistir porque não se sente motivado para continuar.

R6: *“ Aqui andava na escola, andava nas artes, na música, no inglês e nos computadores. Mas agora desisti porque eu prefiro ir para o ginásio”*.

Este recluso preferiu ir para o ginásio porque o núcleo de amizades mais próximo dele estava no ginásio. Outros referem que nunca lhes foi dito nada.

R10: *“Não frequento nenhum programa que visa a saída, nada me foi proposto mas eu não sei se há ou não há”.*

R8: *“Frequentei em XXX sobre estrada segura e frequentei lá também um programa da cruz vermelha. Gostava de estar em XXX”.*

Sobre outro ângulo, não há simpatia por programas e atividades realizados.

R3: *“ Já frequentei aqui e não tenho necessidade nenhuma, um programa relacionado com ver filmes, fazer joguinhos”.*

R1: *“Não, (ironia) o meu programa é tomo o meu cafezinho, deito-me a fazer palavras cruzadas, depois ponho-me a pé e ponho-me a andar de bicicleta”.*

Acreditamos que a DGRSP esteja dotada de programas e atividades, não obstante não agradam a todos os reclusos, como observamos nas respostas dadas. Para finalizar, as saídas precárias não são mencionadas por todos os reclusos idosos. Porém, os que as mencionam sentem-se injustiçados porque acreditam que os demais reclusos beneficiam mais das saídas precárias. Em conclusão as saídas precárias são insuficientes.

Procuramos saber as **respostas sociais e programas de reinserção existentes** para os reclusos após a saída da prisão. Neste ponto, procuramos compreender se há algum tipo de programa de reintegração fora da prisão e se, efetivamente, os reclusos idosos estão dispostos a frequentá-los. No que respeita aos entrevistados, consideravelmente, sentem-se capazes para ultrapassar todas as adversidades tendo família, trabalho, reforma e casa. Por vezes sentem-se ofendidos. Pensámos que o preconceito é um fator negativo associado ao programa de reintegração, em que se revelam sentimentos de vergonha para com o resto da sociedade.

R10: *“Não estou a ver um programa de reinserção. Não matei ninguém, não violei ninguém, não abusei de criança nenhuma, tenho 60 anos, não vamos pensar em coisas, nós sabemos que com 40 anos para trabalhar já somos velhos. Somos*

*portugueses, somos velhos aos 40 anos. Quer dizer eu saio da cadeia tenho 60 anos, vou seguir, vou seguir o quê? Uma ocasião, estava lá fora e foram me atribuídos uns 49 euros. Nunca levantei nenhum. Quando tiverem que me por lá fora, ninguém se vai preocupar de reinserção, nem ninguém vai arranjar nada, valha-me deus. Eu, é que tenho que arranjar. Não cometi erros, não tenho nada para mudar. Quando sair, no mesmo dia estou a trabalhar”.*

Os apoios externos com vista à reinserção são reprováveis pela maioria dos reclusos idosos e o trabalho continua a ser a principal fonte de reinserção. No mesmo seguimento, põe em causa as ajudas oferecidas a um recluso idoso depois da sua saída, colocando a questão quanto à sua existência.

*R10: “Um exemplo: eu tive com um rapaz que o puseram na rua e no dia seguinte já estava preso outra vez porque não tinha onde ficar. Uma pessoa aqui tem que se esforçar muito senão o cérebro fica de tal maneira. Fomos um lixo que a polícia tira da rua, custa mas é verdade. Aqui eu sou um preso como os outros e a sociedade não me vê de maneira diferente”.*

A discriminação proveniente da sociedade cria relutâncias dramáticas que afetam profundamente os reclusos entrevistados. A palavra solidão, subjacentemente está presente nesta categoria para os reclusos que não têm família e casa.

*R16: “Só queria que me ajudassem, mas não sei. Gostava que houvesse um programa porque assim não estava só. Mas ir para o lar é a mesma coisa. Já escrevi ao meu genro a ver se podia contar com eles, preferia”.*

Quando se aproxima a saída consideramos que alguns dos reclusos, que não tinham uma boa relação com a família, tentem uma reconciliação mandando cartas, muitas sem resposta. Uma curiosidade oportuna está relacionada com os entrevistados quando mencionam que os demais necessitam de um programa de apoio, isto é, concordam que os restantes reclusos carecem de uma ajuda na sua saída, mas não admitem que também precisam.

R19: “ *Não preciso. Os outros precisam porque não têm família e não têm quem os ajuda lá fora. Alguns já vão fazer asneiras que é para voltar para dentro. A casa deles é aqui*”.

Evidenciamos que, além do estigma, fora de muros generalizado pela sociedade, há um outro, indisfarçável entre os reclusos entrevistados. A falta de conhecimento sobre os programas de reintegração é outra lacuna encontrada pois os reclusos entrevistados não estão certos quanto à sua existência.

R9: “*Não penso no dia da minha saída, falta muito. Falta dois anos e tal. Não vou ter ninguém à minha espera, não sei para onde vou, ainda não pensei (choro) para casa não posso ir (pausa) eles tem que me arranjar aqui uma solução, não há programa. (pausa) penso em ir para o trabalho e passar o tempo o melhor possível*”.

Além do trabalho, como já mencionado a família, direta ou indiretamente, está presente em todos as fases do processo de reclusão, seja na sua adaptação, na vida na prisão e na sua saída.

R15: “ *Eu penso que em outubro vou embora. Vou para casa da minha mulher. Eu tenho família. A minha mulher disse-me que a família é para toda a vida*”.

R19: “*Vou passear. Vamos ver se me vou juntar (para a ex. e primeira esposa). Os meus irmãos vêm me aqui buscar. Estou ansioso que chegue lá fora. Vou jantar com eles e vou-lhe pagar o jantar*”.

R6: “ *Tenho um filho que quer que eu vá para França o outro quer que vá para Andorra mas eu agora depois de velho não vou ir para França nem para Andorra*”.

Agora a questão será se a família estará disponível para os acolher, verdadeiramente, após a saída. Muitos ainda pensam em construir sonhos que foram deixados para trás.

R2: “*Ainda estou a pensar em montar um restaurante, é um sonho desde criança*”.

Este entrevistado tem 75 anos, passou parte da sua vida a trabalhar e deseja continuar quando sair, porém não referiu esse sonho como um objetivo de vida. O lar também é uma opção para os reclusos idosos que não tenham família e casa. Porém, a relutância é explícita. Em relação a outras respostas, há pausas constantes e vários pensamentos fluem de um modo superficial *“sei lá, vou para casa da minha filha (...)vou passear(..)vou para casa do meu patrão”*. Além dos depoimentos mencionados, não é visível, nos entrevistados, planos futuros, à exceção do trabalho. Acreditamos numa inconsciência desta resposta (trabalho). São visivelmente notórias as demências e a falta de mobilidade. Nesse sentido, e consoante as características apresentadas, será difícil a concretização idealizada inerente ao trabalho. Numa investigação de Visher *et al.*, (2003) evidenciou-se que os reclusos mais velhos têm uma predisposição de perceberem ou reconhecer os seus obstáculos após a saída. No entanto, nesta amostra, os reclusos idosos não demonstram ter a verdadeira percepção das dificuldades.

#### **4.1.7 A idade e as perspectivas sobre o envelhecimento**

A “idade”, considerando a pesquisa de Santos e Nogueira (2015), transmite a percepção negativa dos reclusos entrevistados acerca do seu processo de envelhecimento. Nas entrevistas, houve uma grande diversidade de respostas por parte dos reclusos idosos. Confrontados com esta questão, houve silêncio. Na mesma ótica dos autores Nogueira e Santos (2015), descrevem uma resistência ao envelhecimento, travando uma luta constante contra este.

R14: *“É um envelhecimento natural. Estou a envelhecer naturalmente, não me preocupo com nada. Sou um individuo sensível, se eu vir um indivíduo mal, eu sinto-me mal, também”*.

Por outro lado, os reclusos assumem que existe uma tristeza associada ao cárcere e os problemas físicos formam esta simbiose, envelhecimento emocional, ou seja, os reclusos sentem-se tristes e consideram que esse fator possa ser o envelhecimento.

R18: *“Cansado e sinto-me desmoralizado da vida. Sinto-me cansado. Como diz o outro já me sinto velho sem necessidade nenhuma”*.

R10: *“dificuldades a nível motor, vulnerável a nível emocional”*.

R9: *“Sinto o envelhecimento (pausa) de ano para ano, dores no corpo todo, um bocado triste”*.

A tristeza e problemas emocionais são a principal resposta dada pelos reclusos. Mesmo havendo insistência por parte da entrevistadora, é um assunto que lhes causa algum constrangimento. Consideramos que os reclusos entrevistados, quando se deparam com a questão inerente ao envelhecimento, a consciência elucida-os para outros aspetos relacionados com os planos passados, a família, o crime e a morte. Desse modo acabam por aludir a certos factos que não fazem parte do envelhecimento. A título de exemplo.

R6: *“A gente está a envelhecer de ano para ano. Eu as vezes penso assim, eu estou a passar aqui os dias melhores da minha vida é quando eu estava bem, estava reformado, já não tinha tanta canseira, já podia descansar mais um bocado. Eu nunca tive férias na minha vida, eu trabalhava sempre para ter mais umas coroas e construir uma casa e nunca tinha tempo para parar. Às vezes penso que estou aqui à espera de morrer”*.

R16: *“Estou mais velho, das pernas e de estar mais tempo parado. Quando sair olhe penduro-me numa árvore e olhe tenho que morrer. Quando sair vou à campa da minha mãe e vou à junta, ponho aquilo tudo direito, vou ao armador e ponho-me numa árvore e pronto. Escolho o meu final”*.

Como observamos, os reclusos idosos recorrem muito ao silêncio, parecem fazer naquele momento uma introspeção de vida passada e futura. Não foi claro se os reclusos idosos se aperceberam do envelhecimento e se têm uma perceção real da idade e do impacto do envelhecimento no seu ciclo de vida. Relativamente à prática de desporto, reclusos idosos responsabilizam-se pela prática de exercício físico ao ar livre, mesmo que seja com pouca intensidade, como caminhadas no estabelecimento prisional, mas ficam relutantes quanto à ida para o ginásio, não se sentindo com vontade.

## **4.2 Perspetivas dos Profissionais do Sistema Prisional**

No que diz respeito à análise dos dados das entrevistas realizadas aos profissionais do sistema profissional, foi efetuada uma análise de conteúdo da transcrição das entrevistas, com a identificação das principais categorias e subcategorias. Foi elaborada uma matriz, com as respetivas unidades de codificação associadas a cada uma das categorias. De seguida, apresentamos um quadro (exemplo) do procedimento realizado no processo de análise de conteúdo de modo a proceder à identificação das categorias de análise. As seis grandes categorias relativas à análise dos dados provenientes das entrevistas aos profissionais do estabelecimento prisional são as seguintes: a) Envelhecimento; b) O papel da família e dos laços afetivos; c) Condições oferecidas e privação do contexto prisional; d) Atividades e programas de reinserção; e, por último, e) Preparação da saída e da vida em liberdade. O conteúdo das entrevistas aos profissionais do estabelecimento prisional pode ser consultado, na íntegra, na seção dos Anexos deste trabalho.

**Quadro 5 - EXEMPLO DE MATRIZ DE ANÁLISE DE CONTEÚDO** Perspetivas dos Profissionais do Sistema Prisional  
**Tema:** Perspetivas dos Profissionais do Sistema Prisional

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicadores</b>	<b>Unidade de Registo</b>	<b>U. codificação</b>
<b>A. O envelhecimnto dos reclusos</b>	A <sub>1</sub> . Condições do sistema prisional	Situação dos reclusos mais velhos e preocupações com o envelhecimento	“Eu não fico muito constrangido com o envelhecimento dos reclusos e por uma razão simples: os tribunais portugueses não mandam prender idosos por bagatelas penais (...)”.	T3
			“Sempre houve velhos na prisão e esses cometem crimes mais graves. O envelhecimento é um facto, as pessoas duram muito mais tempo e as doenças inerentes ao envelhecimento, também (...)”.	T1
<b>B. O papel da família e dos laços afetivos</b>	B <sub>1</sub> . Chamadas telefónicas e visitas	Situação prisional face às visitas e chamadas telefónicas	“Se nas revistas nós já apanhávamos telemóveis e não haviam os 5 minutos, ao porem os 5 minutos rigorosos, mais empurraram entre aspas o telemóvel a entrar”.	T2
			“(…) Há aí reclusos que têm famílias com 4/5/6 filhos, têm pai, mãe e têm esposa e os 5 minutos não chegam”.	T4
<b>C. Condições oferecidas e privação do contexto prisional</b>	C <sub>1</sub> . Necessidades fisiológicas	Alimentação e saúde	T1: “Compete aos serviços clínicos, olharem para as situações de precaridade de saúde e alimentação dos que estão em regime comum (...)”.	T1
			“Desde que entraram há uns anos para cá as empresas e eu falo aqui porque não conheço os outros EP. Várias vezes que a comida foi para trás e eu não acredito que um responsável daqui não, da direção, não acredito que não contatem a ASAE (...)”.	T2
<b>D. Atividades e programas de reinserção social</b>	D <sub>1</sub> . O PIR e os seus pressupostos	As atividades e programas que fazem parte do PIR do reclusos idosos	“Eu fiz um PIR para uma pessoa com essa idade ( 60/70 anos) e o que eu propus foi um trabalho adequado à idade dele, por e.g. fazer limpeza da biblioteca (...)”.	T4
			“Faz parte dos técnicos arranjar atividades que se adaptem à capacidade dos mais velhos. Eu fui técnico de reeducação durante muitos anos e tive abertura para realizar programas e projetos”.	T1
<b>E. Preparação da saída e da vida em liberdade .</b>	E <sub>1</sub> . Programas ao longo da pena e de reinserção, após a saída	Os recursos do sistema prisional inerente à reinserção	“As principais problemáticas são arranjar quem os receba (...)”.	T4
			“Deveria criar-se uma casa de apoio temporária que permitisse apoiar e orientar as pessoas que após a saída da prisão, não tenham encontrado um rumo para a sua vida”.	T1

Fonte: Da própria autora da Dissertação (2017)

#### 4.2.1 O envelhecimento dos reclusos

Cruzando as perspectivas dos reclusos com as dos técnicos, há um entendimento comum no que concerne à interpretação do conceito envelhecimento. Tanto os reclusos, como os técnicos, revelam várias incertezas face à questão, não sendo, portanto, linear uma explicação concreta do envelhecimento, fundamentando-se em aspetos situacionistas e exemplos. Apresentamos, de seguida, uma das respostas do Adjunto do Diretor da EP, a respeito da questão do envelhecimento.

*T3: “ Eu não fico muito constrangido com o envelhecimento dos reclusos e por uma razão simples: os tribunais portugueses não mandam prender idosos por bagatelas penais. Os idosos com que tenho trabalhado no EP e que vêm presos pela primeira vez, ou cometeram homicídios, ou abuso sexual de menores, fraudes de uma dimensão importante e de forma que vêm presos por meros mecanismos de restauro social, ou seja, não podiam ficar em liberdade”.*

Nesse sentido, como substituição à prisão, o Adjunto do Diretor foi questionado sobre a opção da pulseira eletrónica, considerando que os reclusos idosos entrevistados sofrem de patologias graves e o EP é considerado “obsoleto”, podendo isso prejudicar a sua permanência (dos reclusos idosos).

*T3: “Depende do crime, pode não garantir a segurança do cidadão, depois de ter cometido um homicídio na comunidade. O crime do colarinho branco cria um forte impacto nas comunidades a aplicação de uma pena de execução na residência ou uma pessoa que roubou bastante mais do que esses jovens que estão aí a cumprir penas por furtos. Os tribunais, grosso modo, não as conheço a todas, atribuem as penas para atingirem paz social. Não vejo negligência relativamente ao ser humano, não vejo abuso, na aplicação da pena de prisão. Só tenho trabalhado com idosos em situações de crimes com grande impacto na sociedade”.*

Relativamente à visão do guarda prisional relativamente ao envelhecimento, este referiu aspetos essencialmente do dia-a-dia na prisão e do modo como interage com os reclusos em idade sénior. Foi possível verificar a diferença de tratamento entre um recluso mais jovem e um recluso mais velho por parte do guarda prisional.

T2: *“Eu tenho aqui um velhote, um senhor idoso que tem 91 ano que na hora da refeição é sempre o primeiro (...) quando dão ordem para ir para o refeitório, ele é o primeiro a ir e faço outra coisa, quando vejo alguém de muletas, ou alguém mais idoso, não é só este, eu chamo-os para a frente e ponho-os cá fora e são os primeiros a sair com os outros a ficarem lá dentro. Portanto, eu dou prioridade às pessoas mais idosas que vêm para o refeitório e para qualquer outra coisa”.*

Na perspectiva do Especialista em Sistemas Prisionais, o envelhecimento sempre existiu no sistema prisional e tem tendência a agravar-se com a entrada na prisão, uma vez que as pessoas quando entram na prisão, grande parte já vem com patologias que se agravam ao longo da pena. Outro aspeto importante é o drástico envelhecimento, durante o tempo de permanência não prisão. Não se pode comparar uma pessoa com 60 anos na prisão a uma pessoa com 60 anos em liberdade. Como refere Aday (2003), na prisão os reclusos têm um envelhecimento muito acelerado decorrente de diversos fatores inerentes à situação da reclusão. Há patologias que desenvolvem depois da entrada na prisão, em conjunto com as que já traziam.

T1: *“O envelhecimento é um facto, as pessoas duram muito mais tempo e as doenças inerentes ao envelhecimento, também. A título de exemplo: demências, mobilidade, entre outros. Tudo isto, não é exceção no sistema prisional. Porém, as pessoas envelhecem mais rapidamente se estiverem inativas e as patologias mentais que acontecem depois de serem presos. O desenvolvimento cognitivo e sensorial dos reclusos idosos passa pela prática desportiva, ter estímulos para se ocuparem e revitalizarem os laços familiares, ter uma alimentação adequada, ter atenção às questões psicológicas e mentais”.*

Porém, a prática de desporto, segundo a opinião da maioria dos reclusos entrevistados, passa por caminhadas no EP porque não simpatizam com o ginásio ou porque as máquinas não são adequadas. O técnico de reeducação menciona a importância da formação na área da gerontologia.

T4: *“Era bom termos formação nessa área para estarmos preparados para quando viesse alguém. Mesmo ter uma terapeuta só para essas pessoas”.*

Na mesma ótica, este técnico acredita que, a partir de uma certa altura, quando não há apoio familiar, os idosos pensam que a prisão é possivelmente um “lar” e cometem delitos criminais.

*T4: “Muita gente (a partir dos 60) começa a não ter muito apoio familiar e depois a ideia que passa lá para fora é de comida e roupa lavada, não estou a dizer que são muitos, mas muitos pensarão que é melhor estar aqui dentro do que estar lá fora”.*

Nos meios de comunicação tem-se falado numa prisão na Guarda só para reclusos idosos. Na perspetiva do técnico de reeducação, estes não devem estar todos juntos porque os mais jovens, em certas situações, ajudam os mais velhos.

*T4: “Às vezes há quem queira separar as pessoas mais idosas num só sítio ou só numa casa e eu acho que eles deviam estar como estão, misturados com os outros”.*

*T3: “Nos refeitórios, a realidade é que as filas são muito grandes e às vezes os próprios presos resolvem isso com facilidade. Eles próprios dão lugar aos mais velhos”.*

Portanto, na visão dos técnicos é importante no dia-a-dia dos reclusos idosos a presença dos mais jovens para possíveis ajudas que os reclusos idosos necessitem. Por outro lado, alerta-se para um envelhecimento dos trabalhadores do sistema prisional.

*T3: “É necessário quando as sociedades entram em crise económica, é necessário repensar algumas coisas e esta do envelhecimento dos trabalhadores prisionais é uma. Relativamente aos guardas, isso já está garantido. O guardas reformam-se aos 60 anos, mas o staff prisional: técnicos de reeducação, médicos, enfermeiros que trabalham uma vida em ambiente prisional, não está pensado e era necessário”.*

Com a idade de reforma a aumentar, na mesma perspetiva a Adjunta do Diretor, não está a ver um técnico com 67 anos a realizar planos individuais de reabilitação para um jovem de 20 anos, até porque há uma fatídica exaustão dos técnicos a nível emocional ao longo dos anos. Entende-se, nesse sentido, que o sistema prisional carece

de políticas, formação e programas de modo apoiar os reclusos considerados idosos e os técnicos do sistema prisional.

#### **4.2.2 O papel da família e dos laço afetivos**

Como mencionam Granja, Cunha & Machado (2013), é inexplicável não constar nas estatísticas um método de ligação à família. Como podemos intervir sem uma explicação fidedigna e holística no que concerne aos laços familiares na prisão? Nesta investigação, a maioria dos reclusos a partir dos 60 anos refere a importância primordial da família, mas será que há políticas de aproximação da família aos reclusos idosos?

*T3: “Olhe é o que é possível com a sobrelotação dos EP para garantir que todos tenham acesso (telefone)”.*

As sobrelotações dos estabelecimentos prisionais são um problema transversal e, ainda que essa pergunta tenha sido realizada, foi rapidamente respondida por alguns quando referem que estão quatro numa cela. Na mesma linha, o Adjunto do Diretor considera o seguinte:

*T3: “Antigamente (os telemóveis) tinham livre acesso mas eram filas enormes e alguns não conseguiam telefonar. O que o legislador fez foi: garantir oportunidades de acesso tendo em conta as circunstâncias dos EP. Portanto ninguém acha que eles devem falar 5 minutos. As pessoas não se importavam que falassem uma hora, desde que tivesse condições para todos falarem”.*

No seguimento da entrevista, foi questionado se o sistema prisional adotava alguma medida tendo em vista a aproximação do laços familiares e afetivos dos reclusos. Contudo, parece não fazer parte das intenções do sistema prisional, pelo menos a partir dos depoimentos obtidos, homologar sobre o aumento do tempo das chamadas telefónicas.

*T3: O que é certo, é que no Natal não redobram o número de equipamentos. Todos nós sabemos que é muito pouco. A grande questão é que é preciso dotar os EP de equipamentos que não existem neste momento para poderem mudar isso”.*

T1: *“É evidente que não concordo com tal posição e deveria ser alterada, portanto, devem ser concedidos ao recluso 10 minutos”.*

O guarda prisional menciona que a partir do momento em que entrou em vigor o DL dos 5 minutos de chamadas, passou-se a encontrar mais telemóveis nas celas. Na verdade, os 5 minutos de chamada são diminutos, o que ficou claro nas respostas dadas pelos reclusos idosos.

T2: *“Se nas revistas nós já apanhávamos telemóveis e não haviam os 5 minutos, ao porem os 5 minutos rigorosos, mais empurraram entre aspas o telemóvel a entrar. Há aí reclusos que têm famílias com 4/5/6 filhos, têm pai, mãe e têm esposa e os 5 minutos não chegam. E depois foram aplicados os 5 minutos, precisamente, muito próximo do Natal. Muitos é nessa altura que ligam para as famílias, nessas alturas até se demora mais porque estão familiares de outro país”.*

Segundo o guarda, os serviços de reinserção ajudavam, anteriormente, as famílias mais pobres com oferta de senhas de transporte para visitarem os reclusos.

T2: *“Há vinte e tal anos atrás até as senhas do autocarro pagavam às famílias muito pobres que não tinham dinheiro e a parte da reinserção pagava nessa altura as senhas dos autocarros para vir visitar os reclusos e isso acabou com o tempo”.*

Na sua maioria, os reclusos idosos têm visitas de duas em duas semanas. Outros, uma vez por mês devido a questões monetárias e de transporte. Neste sentido, é importante realizar programas externos, voluntariado e estágios, que desenvolvam projetos de investigação-ação, que aproximem os familiares e amigos aos reclusos. A grande questão é que, ao longo de grande penas, os laços vão se dissolvendo e os reclusos idosos quando saem, poderão não ter família para cuidar deles. É uma questão que iremos abordar mais à frente neste trabalho.

#### **4.2.3 Condições oferecidas e privações do contexto prisional**

No que respeita ao Regulamento Geral dos Serviços Prisionais, os reclusos têm direito aos principais elementos inerentes às necessidades fisiológicas, especificamente,

comida, roupa lavada e cama individual. As respostas entre os reclusos e os técnicos parecem confirmar a existência de um conjunto de lacunas a melhorar.

Vejamos, os reclusos idosos entrevistados, na maioria, preenchem um quadro de tratamento especial por vários fatores associados a complementos vitamínicos. Portanto, as refeições deveriam ser primordiais, indo ao encontro dessa necessidade. Quanto ao Especialista dos Sistemas Prisionais nesta matéria.

*T1: “Compete aos serviços clínicos, olharem para as situações de precaridade de saúde e alimentação dos que estão em regime comum. Quanto ao reforço alimentar dos idosos, se o médico prescrever uma dieta especial, deve ser cumprida a restrição”.*

Em tempos, as famílias dos reclusos levavam alimentos para a prisão, mas essa vantagem foi diminuindo e as famílias só podem levar até 1kg. Não obstante, e continuando na visão da especialista dos sistemas prisionais, existem certas falhas das empresas que fornecem os sistemas prisionais que poderiam ser colmatadas com a alimentação vinda de casa.

*T1: “A alimentação trazida de casa, terá que ser aliviada, na minha opinião, e de algum modo iria preencher as lacunas da alimentação provenientes das empresas.*

Já na opinião do Adjunto do Diretor, não há nada a fazer porque o fornecimento das refeições é feito por empresas externas e o sistema prisional nada tem a ver com essa imposição.

*T3: “A refeição prisional foi vendida a empresas privadas e portanto são empresas privadas que pelo preço baixo ganham um concurso e depois, às vezes os preços são tão baixos que acabamos por ter problemas com o cumprimento dos contratos ao longo do tempo e não podemos dizer que as refeições prisionais são de elevada qualidade.”*

Contrariamente, o Especialista dos Sistemas Prisionais refere que.

*T1: “Tem que haver uma pressão por parte dos E.P, junto dos fornecedores de refeições”.*

No entanto o Adjunto do Diretor profere que, mesmo não sendo as refeições de qualidade.

*T3: Podemos dizer que são equilibradas em termos de ingredientes. Têm a presença de cereais, legumes, peixe e de fruta e de carne”.*

Baseando-nos nas afirmações dos técnicos, acreditamos que a entrega ao setor privado veio dificultar a questão inerente à alimentação dos reclusos em geral, nomeadamente dos reclusos idosos pelas especificidades de saúde observadas.

*T3: “Entrega ao privado que tem que ter lucro com a atividade desta área de serviço e depois a comida na prisão tem um valor que não é mensurável para uma pessoa que está em liberdade. A alimentação tem um valor muito simbólico porque a privação de liberdade deixa o ser humano em privação de tudo. E a alimentação deixa este vazio. Como lá fora acontece, mas aqui acontece de uma forma premente e diária.”*

Portanto, colocamos esta mesma questão ao guarda prisional que nos confirmou as respostas dadas pelos reclusos idosos.

*T2: “ Desde que entraram há uns anos para cá as empresas e eu falo aqui porque não conheço os outros EP. Várias vezes que a comida foi para trás e eu não acredito que um responsável daqui não, da direção, não acredito que não contatem a ASAE porque isto entre o Estado e a Direção Geral e estas empresas, eu não tenho medo de falar, isto há grandes negócios”.*

O guarda sensibiliza para a falta de valores morais das empresas para com os reclusos e menciona que o peixe é mal confeccionado, tal como referido anteriormente pelos reclusos.

*T2: “Eles esquecem-se que apesar de eles serem delinquentes, de serem criminosos, estão a pagar um crime porque foram condenados, mas são seres humanos. O peixe? Estes jovens zero, quem come o peixe são as pessoas mais idosas, do campo. O peixe, meu Deus às vezes. Eu sei que não é mesma coisa confeccionar para meia dúzia de pessoas, mas estas empresas têm que estar*

*preparadas. Houve uma vez que eram 20h da noite e o fecho é as 19h e eles estavam a ir para o refeitório para comer porque o chefe mandou a comida para trás”.*

Outra questão é a falta de higiene de alguns reclusos que, segundo a opinião do guarda prisional entrevistado, a parte dos serviços clínicos deveria cobrir certas necessidades do regime comum. Há reclusos com falta de mobilidade, a título de exemplo com canadianas e próteses, dificultando as tarefas diárias de limpeza de cela e íntima.

*T2: “ Há um recluso com 91 anos que não toma banho há 7 meses, quem me diz é um idoso que está com ele na cela. Eu não sei como é que vou dizer esta frase mas é falta de alguém daquele lado (clínica) que venha aqui. Tem aqueles incapacitados da clínica que são obrigados a ir tomar banho, deveria ser o mesmo deste lado, deveria haver uma vigilância para os mais idosos daquele lado, a nível de enfermeiros, auxiliares, (da clínica em geral) sobre esta gente idosa”.*

#### **4.2.4 Atividades e programas de reinserção social**

O artigo 5º do Código de Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade, determina a intervenção no sistema prisional como:

*“ (...) um conjunto de atividades e programas de reinserção social que visam a preparação do recluso para a liberdade, através do desenvolvimento das suas responsabilidades, da aquisição de competências que lhe permitam optar por um modo de vida socialmente responsável, sem cometer crimes e prover às suas necessidades após a libertação, favorecendo a aproximação progressiva à vida em liberdade” (Artigo 5.º).*

Dada a variedade de respostas obtidas no que respeita a esta questão, prevalece a ideia de que o Plano Individual de Readaptação (PIR) não está preparado para uma pessoa a partir dos 60 anos. A este respeito, o Técnico de Reeducação refere:

*T4: Eu fiz um PIR para uma pessoa com essa idade (60/70 anos) e o que eu propus foi um trabalho adequado à idade dele, por e.g, fazer limpeza da biblioteca, não dá muito mas, sei lá, trabalhar numa copa, entregar o guardanapo*

ou o pão a quem passa mas isso implica se calhar estar duas horas de pé ou então estar na cozinha sentado a fazer os reforços para a noite. Eles recebem um saquinho, com um sumo, uma sande e fruta. Sentados a embalar isto é um trabalho manual que não cansa. Não há condições no PIR (para uma pessoa mais velha). Temos que nós adaptar o PIR às pessoas”.

É responsabilidade do Técnico de Reeducação adaptar o PIR às particularidades de cada recluso, sendo este revisto todos os anos. Porém, se existir ao longo do ano um programa, atividade e formação, é perguntado ao recluso se eventualmente quer participar.

T4: “Cada caso é um caso diferente, as atividades de A, não são as mesmas de B ou C, aqui é uma casa muito mais fechada. Eles generalizam o PIR e nós adaptamos. O PIR é revisto de ano a ano (o PIR deste EP, o geral, não é revisto há anos) e se não estiver a ser cumprido na íntegra temos o cuidado e nós mesmo, temos anotações no próprio processo a dizer se precisa de trabalho, que precisa disto etc. o PIR no fundo é o que guia vida do recluso aqui dentro”.

Procedemos, no âmbito deste estudo, à análise geral do PIR no E.P. considerado, verificando as suas principais características e planos de readaptação<sup>37</sup> (ver em anexo 7 o documento na íntegra).

Figura 7 - Plano Individual de Readaptação

REPÚBLICA PORTUGUESA  
Ministério da Justiça  
Direção-Geral dos Serviços Prisionais

Aprovado em Conselho Técnico  
de: / /  
O Director

Homologado em:  
/ /  
O Juiz

PLANO INDIVIDUAL DE READAPTAÇÃO\*

NOME:  
N.º MECANOGRÁFICO:

ESTABELECIMENTO PRISIONAL: Santa Cruz do Bispo  
TÉCNICO: \_\_\_\_\_  
DATA: \_\_\_\_\_

\* O Plano Individual de Readaptação é elaborado a partir de uma avaliação realizada por áreas específicas, que resulta da avaliação do recluso, das suas necessidades, das acções a desenvolver, o tempo previsto para a sua aplicação e os recursos necessários a sua concretização.

DSEEFARS/2304

<sup>37</sup> Fornecido pelo Adjunto do Diretor do Estabelecimento em estudo em 22 de Setembro de 2017

Não obstante, o Técnico de Reeducação referiu-se a todos os reclusos em geral e não, somente, aos envelhecidos. Não há na prisão atividades, formação e programas que englobem o envelhecimento, nomeadamente, envelhecimento ativo. O técnico de reeducação afirma que na entrada dos reclusos:

*T4: “(...) Fazemos a entrevista e vemos as qualificações que ele tem, se fizer falta ir para a escola, propomos que ele vá para a escola”, se o recluso não tiver condições económicas para sobreviver na prisão, propomos a curto prazo colocá-lo a trabalhar. Se por exemplo está cá por violência doméstica, ou problemas de álcool, aconselhamos um programa adequado para o problema mais específico que ele tem”.*

Confrontando os reclusos considerados idosos com o delito criminal de violência doméstica, em nenhuma entrevista consta que frequentaram algum tipo de programa inerente a esse crime. Somente um recluso entrevistado frequentou um programa de estrada segura na prisão de XXX. Ainda que o número de idosos seja diminuto em relação aos mais jovens poderá vir a aumentar nos próximos anos, ou seja, os que estão na prisão continuam e há novas entradas de reclusos com 60 e mais anos. Entretanto, os que tinham 55/58 anos já terão mais de 60 anos. Os técnicos encontram certos obstáculos e inconvenientes, na medida em que as políticas são exíguas. No entanto, e segundo o Especialista dos Sistemas Prisionais, parte do trabalho da reeducação, compete aos Técnicos de Reeducação e à sua criatividade.

*T1: “Faz parte dos técnicos arranjar atividades que se adaptem à capacidade dos mais velhos. Eu fui técnico de reeducação durante muitos anos e tive abertura para realizar programas e projetos”.*

Na opinião do Adjunto do Diretor, a reinserção está inerente aos problemas de cada país e à visão que a sociedade dará ao recluso quando este sair da prisão. Afirma ainda, que faz parte do Estado adotar políticas que exerçam competências de reinserção.

*T3: “(...) as questões da reinserção social têm muito a ver com as condições dos países. Vai um preso para a rua em que o desemprego no país é uma ferida social muito grande e o patrão prefere dar emprego ao que nunca esteve preso em lugar do que esteve na cadeia, não é? Isto é uma pescadinha de rabo na boca. Se não*

*tivermos políticas sociais eficientes e de grande importância, as questões da reinserção acabam por se misturar com as sociais”.*

O guarda prisional trabalha no sistema prisional estudado há 32 anos. Acarreta consigo um longo período de observação e introspecção e afirma que não acredita na reinserção. Sustenta que, quem não tem família e apresenta um comportamento positivo, deveria desfrutar de uma saída condicional como os demais. Por isso, não acredita na Reinscrção Social:

*T2: “Eu não acredito na reinserção hoje em dia, muito fácil. Quando alguém não foi de saída precária e quando tem todas as condições para ir a casa e não vão. Eu pergunto assim, imaginemos que um tal recluso até tem família em França e que até tem um comportamento super exemplar, não merece ir a casa porque não tem uma casinha para ficar, mas tem um comportamento exemplar”.*

Por outras palavras, o guarda prisional refere certas fragilidades advindas do Sistema Prisional inerentes às saídas precárias. Certos reclusos idosos lamentavam-se pela mesma situação. Aliás, evidencia-se nas expressões faciais um desconforto relacionado com as saídas precárias.

Questionando certas atitudes e envolvência no terreno dos Técnicos de Reinscrção, na opinião do Especialista dos Sistemas Prisionais:

*T1: “Pensei sempre que a parte da reinserção está muito ocupada com a burocracia e penso que não disponibiliza tempo suficiente para o trabalho no terreno, com vista à reinserção e a prevenção da reincidência. Há muito trabalho a fazer e a progredir nas comunidades que vão receber o recluso após o cumprimento da pena ou durante a liberdade condicional”.*

O Técnico de Reeducação chama a atenção para a necessidade de admissão de mais técnicos para suprir certas necessidades existentes na prisão e compreende as queixas por parte dos reclusos idosos, mencionando que necessitam de mais atenção.

*T4: “O problema é que é um técnico, às vezes, para 100/200 pessoas e depois além disso é a burocracia e os papéis e as estatísticas, estou a ser o mais sincero possível, faz-se o atendimento, tem que se colocar o registo no SIP e depois faz-se o atendimento e é*

*preciso fazer três ou quatro diligências. O ideal seria arranjar mais técnicos, ou seja um menor número de reclusos por técnico. Os idosos são mais apelativos e então precisam mais de atenção é natural que se queixem que não falamos com eles todos os dias”.*

O Técnico de Reeducação refere também a importância da prática de exercício físico, adequado, na prisão para os reclusos mais velhos com vista à melhoria de funções sensoriais e cognitivas.

*T4: “Seria ideal, não há, um tipo de ginástica duas horas ou três semanais para atividades desportivas dedicadas só a pessoas daquela idade. Não vamos pôr uma pessoa de 70 anos a jogar futebol com rapazes de 20. Atividades terapêuticas, por e.g, temos aí na clínica uma atividade que uma empresa traz as tampinhas, as tampas das garrafas, todas misturadas e eles têm que separar isso por cores e se calhar para as pessoas de idade, adaptava-se e não é um trabalho pesado e estimula o cérebro e o pensamento e acabam por estar ocupados”.*

O técnico afirma que o regime comum sofre com a inexistência de atitudes que visam o desenvolvimento do ser humano. Do outro lado, temos o trabalho na prisão que segundo Wester (1997) é indispensável. No entanto, os reclusos idosos com reforma não podem trabalhar, se o fizerem não podem auferir da reforma, não obstante poderem fazer trabalho voluntário.

*T4: Os reclusos na reforma não podem trabalhar, desde que façam de maneira livre e voluntária”.*

Sendo que os reclusos idosos não concordam com esta imposição como já foi referido na análise dos dados. Existem programas direcionados a pessoas jovens ou com idade média. Mais uma vez o sistema prisional carece de políticas, programas e legislação para as pessoas mais velhas.

*T4: “Temos programas de prevenção para os mais novos que é feito 12 meses antes deles saírem”.*

#### 4.2.5 Preparação da saída e da vida em liberdade

Quando os reclusos, em geral, estão longos períodos na prisão no momento de se confrontarem com a sociedade, pode suceder um “desculturamento”, que por consequência deixa o indivíduo inapto para a vida em liberdade (Goffman, 1961/2001; Gonçalves, 2008 e Adams, 1992). Inerente a um programa de reinserção é notório que a maioria dos técnicos anseia por um programa a prisão, por várias razões plausíveis. Uma delas é a família. Passamos a explicar. Os reclusos idosos durante o percurso de pena têm visitas assíduas dos familiares, nomeadamente dos mais próximos. Contudo, no momento da sua saída há circunstâncias associadas ao crime, à disposição familiar, confiança, entre outras, que conduzem a um afastamento da família.

T4: *“As principais problemáticas são arranjar quem os receba, muitas vezes têm apoio da família durante o período que estão cá dentro mas depois quando saem não, mas compreende-se e.g, eu não posso deixar o meu emprego para ir tomar conta do meu pai e vir para a minha casa porque foi lá que cometeu o crime. É complicado embora a família os queira apoiar, mas não os quer receber em casa”.*

Muitos dos reclusos idosos entrevistados têm a família como ponto de referência, mas o grande problema é a disposição familiar para recebê-los depois da pena terminar. Denotámos no confronto de respostas, o sentimento de confiança do recluso na prisão que pode ser enfraquecido na sua saída e acarretar problemas inerentes à sua reintegração e poderem voltar a cometer um crime para regressarem à prisão. Por outro lado, o sistema prisional está encarregue de enviar o processo para a Segurança Social e alertar para as possíveis necessidades. No entanto, existe a impossibilidade de resolver a situação devido aos inúmeros pedidos que a Segurança Social tem. Na perspectiva do Especialista dos Sistemas Prisionais.

T1: *“Na minha opinião, não competindo, mas deveria competir à reinserção social. As pessoas saem com risco de voltarem a reincidir. Devem ser contactadas instituições de solidariedade social que têm respostas de apoio a estas situações limite. Devem ser informados os reclusos que podem recorrer a instituições”.*

Quando a Segurança Social não dá resposta, os técnicos de reeducação tentam arranjar um lar para os reclusos idosos. O técnico entrevistado chega mesmo a afirmar que é uma das coisas que lhe “tira o sono”.

T4 “ *A Segurança Social está cheia de pedidos e às vezes estamos na véspera da pessoa ir embora e não sabemos para onde vai e isso às vezes tira-me um bocadinho o sono e os da parte da clínica, dos inimputáveis, além de não terem família são pessoas que precisam de uma instituição especializada no problema deles e é muito complicado, mas, nós, com seis meses de antecedência tentámos alertar a Segurança Social mas é onde houver vagas e depois são encaixados*”.

O Técnico de Reeducação defende que deveria haver um programa ou uma casa de transição para os reclusos com vários tipos de problemas e laços familiares cortados, com vista a uma reinserção positiva na sociedade.

T4: “*Eu defendo que deveria haver uma casa de saída de reclusos que não têm família, uma casa de transição para quando saíssem não iam diretamente para a rua e durante uns meses, (...) ajudar arranjar casa e as pessoas idosas precisam de muita mais ajuda.*”

Apesar disso, o Adjunto do Diretor acredita que não podemos manter uma sociedade em plena intervenção, havendo auxílio por parte dos serviços quando estes vão de precária, mas não quando saem definitivamente.

T3: “*quando saem lá fora em liberdade condicional, são acompanhados pelas equipas de reinserção social e essa orientação vai existindo. Quando saem em liberdade definitiva, saem sem qualquer tipo de acompanhamento. Mas isto, não se pode titular um ser humano para além da pena. O ser humano pode ser titulado em liberdade condicional, mas para além da pena não pode porque senão criamos uma sociedade de intervenção sobre o cidadão que nunca mais acaba. No fim da pena, são encaminhados para a segurança social que depois poderá fazer este tipo de acompanhamento mais social*”.

O Especialista dos Serviços Prisionais, também partilha da mesma opinião que o técnico de reeducação e menciona que deveria criar-se uma casa de apoio temporária (casa de saída).

*T1: “Deveria criar-se uma casa de apoio temporária que permitisse apoiar e orientar as pessoas que após a saída da prisão, não tenham encontrado um rumo para a sua vida”.*

Na mesma opinião, o guarda refere:

*T2: “Não há uma ajuda lá fora quando eles saem da cadeia. Há muitos que não têm lar e na saída, os técnicos deveriam antecipar-se a isso e apalpar terreno. Era um programa de reinserção lá fora para os encaminhar, eles chegam lá fora, depois de tantos anos de entra e saí e até que chega a um ponto em que dizem assim: não, estou melhor lá dentro. É por isso que eu não acredito na reinserção social. As técnicas preocupam-se se eles têm condições de ir a primeira vez de precária, mas não se preocupam em precaver a saída deles no final da pena”.*

Portanto, verificando as respostas dadas por cada técnico, a maioria concorda que deva existir um espaço de transição. Consoante os crimes praticados, os reclusos idosos estão um grande período desprovidos de liberdade, criando inadaptações. Verifica-se também, que a família em certos casos não é determinante quanto ao acolhimento dos reclusos idosos na sua saída.

## 5. Análise e Discussão dos Resultados

### 5.1 A reclusão em idade sénior: problemas e desafios

Depois da análise dos resultados e dos seus confrontos, foi possível identificar algumas conclusões que vão ao encontro da literatura consultada. De uma forma geral, este estudo apresenta um contributo relevante para a compreensão das perspetivas dos reclusos considerados idosos no Sistema Prisional Português, assim como das pessoas que lá trabalham diariamente. Procuramos responder a todas as questões de partida, estando consciente de que mais poderia ter sido feito ao nível da recolha de dados. No entanto, sendo um tema pouco explorado e investigado do contexto português, julgamos que os dados obtidos junto dos participantes do estudo ficaram aquém do que se pretendia numa fase inicial.

Em jeito de síntese, gostaríamos de enunciar os principais resultados da investigação, assim como discutir algumas possíveis respostas ao fenómeno do recluso idoso.

Como refere Santos e Nogueira (2015), as perspetivas sobre o **trabalho** são encaradas de forma “positiva”. Considera-se que o trabalho é o fundamento de toda a motivação dos reclusos idosos, seja antes da prisão, durante o período de reclusão e após a prisão como perspetivas futuras, considerando-o como um objetivo de vida. Pensámos que este padrão se deva ao facto dos participantes iniciarem a sua vida profissional muito cedo, devido às imposições familiares e dificuldades económicas. Uma sugestão dentro do estabelecimento prisional, seria os reclusos idosos mesmo recebendo a sua pensão ou reforma na prisão, recebessem uma gratificação pelo trabalho realizado dentro de muros. Seria uma forma eficaz de proporcionar a motivação (que não há) para a ocupação do tempo livre e, essencialmente, o desenvolvimento de competências cognitivas e sensoriais. Para a concretização desta perspetiva, o PIR teria que se adequar ao recluso idoso e a legislação alterar-se ou adaptar-se.

**A vitimização pela realização do crime** é notória, como demonstrado em Santos & Nogueira (2015), independentemente da idade, referem a fatores externos para a indulgência do crime. É visível nesta amostra essa particularidade, nomeadamente no que concerne ao crime sexual. Na atualidade, **os crimes cometidos por idosos estão**

**agravar-se** e, se antigamente os crimes eram considerados um grau 5 numa escala de 0 a 10, hoje em dia essa escala aumentou para 7 ou até mesmo 10. Nem todos os profissionais dos sistema concordam com certas penalizações e decisões; porém, se estes reclusos idosos estão, efetivamente, na prisão é para garantir a paz social. Como observámos, os entrevistados cometeram crimes graves, com predomínio do abuso sexual de menores. É necessário traçar as características do perfil do recluso idoso, desenvolvendo investigações, de maneira a auxiliar o progresso de programas direcionados a reclusos idosos com vista a princípios de intervenção e reinserção.

**A ligação familiar** é determinante no período de reclusão e após a saída, contudo há situações consideradas, por parte dos reclusos idosos e dos profissionais, que desencorajam a continuação dos laços familiares. A título de exemplo, podemos referir o tempo estabelecido para as visitas e os 5 minutos de chamada telefónica. Segundo Silva (2012), o período que o recluso está privado de liberdade, será uma oportunidade para reajustar o recluso à sociedade a que pertence, sendo que, será determinante aproximar a família. Uma proposta de ação passa por entidades externas criarem programas que englobem os familiares na aproximação ao recluso idoso, excluindo no programa o momento das visitas. A aproximação familiar, no nosso entender, desenvolverá de forma crescente os motivos para que o recluso idoso não se sinta perdido após a sua saída.

Em termos gerais a **inadaptação à prisão** prende-se com a **tristeza e a idade**. Como observamos no nosso estudo, a idade leva ao isolamento à inadaptação e à dificuldade de ressocialização após a prisão (Santos & Nogueira 2015). A família surge, na maioria das vezes, como a única opção de ressocialização dos reclusos idosos, que nem sempre estão dispostos aceitá-los após a sua saída, como observámos nas respostas dos profissionais. A ação e cooperação dos técnicos de reeducação é crucial no desenvolvimento de estratégias de aproximação com outros reclusos, não obstante o baixo número de técnicos dificultar a melhoria do sistema prisional. A colaboração de profissionais da área da Educação e Intervenção Social, como por exemplo os Educadores Sociais, poderia constituir uma mais valia para os contextos prisionais, dado o perfil profissional destes técnicos, agentes de mudança e uma formação diversificada, nomeadamente ao nível do desenvolvimento de programas educativos em contextos de educação não formal.

Outras respostas observadas passam pelo **quotidiano prisional** dos reclusos idosos, que na maioria não trabalham, passando os dias nos corredores dos pavilhões

prisionais, na cela a ler ou a ouvir música, embora muitos desejem o trabalho na prisão. Não obstante, muitos reclusos idosos escolhem ter a sua reforma, por oposição a um trabalho remunerado dentro da prisão. Observamos, também, a **ausência de políticas e de legislação** direcionado para este público específico: reclusos idosos. Os reclusos idosos, quando saem da prisão não têm grandes expectativas a não ser o trabalho, saindo com sentimentos de revolta, sem qualificações atribuídas na prisão e a inexistência de trabalho. Contudo, quando uma pessoa inicia o processo da terceira idade, comumente, denota-se um abalo das suas capacidades físicas e mentais (Costa, 2007), pelo que não é possível comparar uma pessoa com 60 anos na prisão e uma com 60 anos em liberdade.

Percebemos, igualmente, que o **Plano Individual de Readaptação (PIR)** parece pouco atual e desajustado às necessidade reais da população prisional atualmente. Não está preparado, sobretudo, para uma pessoa a partir dos 60 anos. O PIR está previsto na lei desde 1974 e não está implementado integralmente, apesar de se ter tornado obrigatório com a Lei 115/ 2009, sendo que a inexistência de programas dirigidos a reclusos idosos dentro do sistema prisional e, fora deste, ou seja, na sua saída com vista à reinserção, não são visíveis. Lembrando que uma das contribuições da DGR baseia-se em programas de reintegração para jovens e reclusos, há uma lacuna, no entanto, relativa aos reclusos idosos. Porém, observe-se, há uma relutância considerável no que concerne a um programa de reinserção após a saída por parte dos reclusos idosos, decorrente de uma **estigmatização social** (ser apontado como ex recluso). Nesta ótica, é importante esclarecer o papel estigmatizante da sociedade relativa à população reclusa, que visivelmente e constantemente é sujeita a situações de exclusão. Não obstante, além do facto do indivíduo sair da prisão, é também um idoso, adquirindo um rótulo e uma vulnerabilidade maior à exclusão social. A falta de conhecimento de programas e a confiança familiar, fazem parte dessa relutância. No entanto, na maioria, os profissionais realçam a ideia de um programa de reinserção depois da sua saída, pois, após os reclusos permanecerem um longo período de tempo na prisão, há um **acultramento da vida entre muros**. A sugestão caminha pela união dos sistemas prisionais, criando uma força maior no que visa à modificação do PIR.

No que respeita à **violência na prisão**, existem queixas dos mais velhos perante os mais novos, como foi observado na análise dos dados, criando barreiras de reestruturação e ressocialização, criando, em certa medida, um sentimento de conturbação e frustração. Nesse sentido a prisão irá ao encontro das características de instituição total mencionadas por Goffman (2003). Porém à pergunta, “Se os mais

novos deveriam estar separados dos mais velhos”, certos profissionais mencionam que é positivo uma aproximação dos reclusos mais jovens com os mais velhos e que em certas situações há uma ligação de ajuda e proteção para com os reclusos mais velhos. Relativamente à presente investigação, as estruturas do estabelecimento onde o estudo foi efetuado não possuem condições para o alojamento de reclusos idosos, pelas especificidades apresentadas. Por outro lado, a separação dos reclusos idosos e dos mais jovens parece não ser a resposta mais adequada. A existência de programas de aproximação entre reclusos seria fundamental para a desconstrução prisional da violência.

Relativamente às **necessidades básicas**, a alimentação é por todos os participantes da investigação um fator negativo. Pensámos que os profissionais estão descontentes com a entrada das empresas que fornecem a alimentação para os sistemas prisionais como constatamos na análise dos dados. A salientar que a falta de mobilidade, associada à velhice, impossibilita uma eficaz higiene íntima e da cela. Inerente à higiene, uma das soluções seria o auxílio da clínica do E.P ao regime comum e a alimentação passa pela pressão dos sistemas prisionais num aprimoramento das refeições. Acrescente-se que os serviços de enfermagem podem dar um contributo nesse sentido.

Santos e Nogueira (2002), observam que os reclusos idosos **ignoram ou rejeitam o envelhecimento**. Nesta amostra, não ficou claro quanto à compreensão do envelhecimento por parte dos reclusos e dos profissionais, mostrando uma certa dissonância e relutância a este fenómeno. Pensámos que por ser uma temática nova nos contextos de investigação, esta pergunta possa ser a mais difícil. Atente-se, no que respeita ao desporto, o recluso idoso à medida do tempo perde as suas capacidades, ficando mais frágil. No presente trabalho, é notada essa particularidade de resistência, tendo como opção caminhadas no espaço do EP. Partilhando a opinião de Aday (2003), o envelhecimento em contexto prisional deveria iniciar-se aos 55 anos. Como já foi referido ao longo desta dissertação, não é possível comparar pessoas de 60 anos na prisão com pessoas de 60 anos em liberdade, as características são indubitavelmente, antagónicas. Para futuras investigações será importante a defesa intensa do envelhecimento prisional em se iniciar aos 55 anos. Dos programas de envelhecimento ativo que abordamos no capítulo 1, não há referência de nenhum que esteja incluído no sistema prisional ou que se aproxime a este.

Inerente ao **relacionamento entre reclusos e profissionais**, há uma conjuntura de situação e fatos que fazem com que haja um afastamento ou uma aproximação dos dois

grupos de participantes. Os reclusos idosos gostariam de ter mais atenção por parte dos técnicos de reeducação, mostrando o seu desagrado. Ainda que os técnicos tenham essa percepção, afirmam que a falta de tempo é a grande lacuna e incúria. É visível o relacionamento amistoso entre os guardas e reclusos, nomeadamente, reclusos idosos que cometeram crime sexual de menores. Relativamente ao enfermeiro, existe um entendimento cordial e de compreensão. Porém com o médico, os reclusos idosos detêm uma visão geral negativa. Não temos nesta investigação nenhum confronto inerente ao médico por motivos internos.

O envelhecimento constitui um dos desafios do século XXI, sendo que o contexto do Sistema Prisional Português não é uma exceção. O recluso já idoso depois de entrar na prisão adquire um novo padrão prisional ligado ao relacionamento com outros reclusos e também a novos costumes que não estavam habituados. O desenvolvimento da resiliência é o grande desafio para esses reclusos idosos que, sendo estigmatizados além muros. Serão, com efeito, estigmatizados dentro de muros, por serem idosos.

## **5.2 A intervenção social na comunidade prisional idosa**

Envelhecer constitui um fenómeno de fragilidade. Seja num sistema prisional de segurança máxima, média ou mínima, o recluso idoso enfrenta inúmeros desafios no seu ambiente. Muitos ambientes prisionais estão a adaptar-se para atender às necessidades dos mais frágeis. Enquanto a idade cronológica não implica necessariamente a existência de problemas de saúde, a probabilidade de desenvolver doenças crónicas aumenta com idade. Com a idade avançada, surge a maior possibilidade de declínio físico e mental, fragilidade e perda de funcionamento independente. Embora a literatura recente defenda o desenvolvimento de programas e instalações de apoio para reclusos idosos, também levanta questões sobre que modelos serão mais adequados para um envelhecimento ideal (Aday 2003).

Em Portugal, o número de reclusos mais velhos é atualmente administrável, mas o crescimento de reclusos idosos levanta questões de importância crucial para os programas e atividades de envelhecimento ativo nas próximas décadas na prisão. Neste estudo, é visível que os reclusos mais velhos necessitam de auxílios corretivos e dispositivos protéticos, como óculos, próteses, aparelhos auditivos, equipamentos ambulatorios e sapatos especiais, dietas especiais, atendimento de enfermagem 24 horas

por dia, construção de novas instalações ou remodelação de antigas e reestruturação de atividades institucionais. Estes foram, ao longo do estudo, os temas de discussão mais frequentes.

Inerente à prática do crime, observamos a teoria do desligamento que de acordo com Atchley (2000) a reforma pode ser um ponto negativo no que concerne ao afastamento do idoso da sua vida social, perdendo assim traços da sua personalidade. Assim como a reforma imposta, que em muitos dos casos não é bem recebida pelos idosos. No entanto, a opinião social perante este grupo baseia-se em factos negativos no que visa ao seu conhecimento e capacidades (Butler, Lewis, & Sunderland, 1998). O que no nosso parecer, poderá levar a uma exaustão emocional.

Em termos globais, os estudos ligados aos reclusos idosos indicam que tanto no contexto feminino como masculino, estes apresentam níveis de fraqueza ao contrário dos mais jovens, e dos que estão além muros com idade igual (Fazel, Hope, O'Donnell, Piper, & Jacoby, 2001). À luz do estudo Loeb & AbuDagga (2006), indicaram que uma percentagem de reclusos igual a 80% possuem uma patologia complicada, nomeadamente as patologias de foro respiratório, cardiovasculares, artrite, entre outras. Para além das mencionadas, acredita-se que uma percentagem dos reclusos idosos sofram de distúrbios psicológicos, a título de exemplo: depressão.

Segundo Portugal (2010), refere que as atividades existentes inerentes ao desporto nos sistemas prisionais, são as mais apreciadas pelos reclusos, sendo que os estudos no que respeita à prática de desporto dos reclusos tidos como idosos têm aumentado, com o objetivo do recluso desfrutar de uma melhor qualidade de vida. De acordo com Farinatti, Monteiro, & Soares (2010) a realização de exercício físico será capaz de constituir de modo positivo, formas na diminuição de risco para a saúde e autossuficiência dos reclusos mais velhos.

Em resposta às necessidades diárias desta população específica, este capítulo apresenta e descreve uma proposta que inclui um conjunto de atividades que poderiam fazer parte do contexto prisional. O surgimento de casas de repouso nas prisões e cuidados paliativos também são assuntos que serão discutidos numa fase futura de investigação.

Coloca-se, então, a questão de pensarmos em atividades que desenvolvam capacidades e competências dos reclusos idosos. Adaptando-as também ao envelhecimento ativo, recorrendo a uma expectativa preventiva e fomentadora. Como observámos os programas de envelhecimento ativo (parte1) estão direcionados para a

participação na sociedade e cuidados da saúde oral, física e mental. Considerámos que Portugal carece de vários programas que englobem atividades inerentes ao envelhecimento ativo na prisão, o que no nosso entender torna o recluso um ser debilitado e inerte a nível cognitivo e sensorial.

Segundo Guerra (2002, p.166) *“uma vez definidos os objetivos, é necessário analisar as formas de os atingir”*. Desenhar traços orientadores, apresentou-se como um objetivo geral primordial para a realização das atividades, uma vez que consideramos esta proposta de ação como uma possível resposta ao desenvolvimento dos reclusos idosos. A referir, portanto, que para a problemática serão desenvolvidas estratégias de ação, especificamente como um público frágil como este. Observe-se, a respeito do delineamento das estratégias para o desenvolvimento de atividades e uma provável inserção no contexto prisional: *“um contexto de articulação entre os recursos e objetivos e visando a elaboração de um pensamento diretor em torno do qual se estruturam, de forma mais ou menos coerente, as decisões fundamentais”* (Guerra, 2002, p.167).

Sumariamente, então, serão desenvolvidas atividades dentro do sistema prisional, que poderão ser orientadas por estagiários, voluntários e técnicos de reeducação. Poderão também, entidades externas utilizarem as atividades, num programa além muros no sentido de haver uma continuidade para os reclusos considerados idosos que saiam da prisão.

Pela breve abordagem que conseguimos fazer no contexto de estudo, as atividades inerentes à intervenção socioeducativos e animação sociocultural estão pouco presentes. No entanto houve um programa de teatro, realizado por entidades externas. Ficamos também com a sensação que os torneios de futebol são uma forma de aliviar o stress dos reclusos no entanto, por sua vez, os reclusos idosos não acompanham tal atividade e necessitam de outras.

Nesse sentido as atividades abordam as temáticas da alimentação saudável, assim como os trabalhos manuais; a motricidade; nutrição; higiene; literacia; raciocínio, tendo em vista a qualidade de vida do recluso idoso.

Apela-se fortemente ao desenvolvimento de novas capacidades e competências do recluso idoso ou, alternativamente, a reganhar algumas dessas capacidades que se foram perdendo com o envelhecimento.

## Objetivo geral

1. Auxiliar no desenvolvimento físico, mental e social da pessoa idosa com vista à reintegração na sociedade;

## Objetivos específicos

1. Promover a estimulação cognitiva com atividades de literacia, memória e atenção;
2. Promover o bem-estar de cada idoso através de atividades que promovam a sua autonomia e prazer.
3. Desenvolver a motricidade através de atividades e desporto direccionado a reclusos idosos;
4. Promover a maior autonomia do recluso idoso;
5. Atenuar as perdas graduais advindas do processo de envelhecimento.

### **5.2.1 Proposta de intervenção para o Envelhecimento Ativo**

Dada a escassez de recursos humanos ativos nos estabelecimentos prisionais, sobretudo os técnicos de reeducação face ao número de reclusos existente e o crescente aumento do número de reclusos com idade avançada, apresentamos uma proposta de intervenção que visa promover o envelhecimento ativo em contexto prisional e que cujas atividades poderão ser desenvolvidas no âmbito de um estágio curricular realizado por um estudante de Educação Social num Estabelecimento Prisional. As atividades, por meios educativos, incidem numa intervenção atenuadora que auxilia o desenvolvimento do ser humano. Esperamos que os reclusos idosos adotem no seu dia-a-dia as competências adquiridas nas atividades.

**Quadro 6: Proposta de Atividades**

Atividade	Objetivos	Estratégias/ Conteúdos	Recursos humanos e materiais	Duração	Avaliação
“O que me faria feliz”	Promover a confiança e bem-estar Criar laços com os restantes idosos	-Na entrada de um novo recluso idoso é realizada uma reunião em forma de roda. Todos os reclusos idosos falam da sua vida e inclusive o que os faria felizes. Nesse sentido o reclusos idoso sentir-se-á com vontade de se expressar.	Materiais: cadeiras  Humanos: reclusos idosos, Educador Social	1hora	A observação será uma forma de avaliar.
“ <i>Workshop</i> Higiene pessoal ”	Desenvolver Hábitos de higiene Fomentar a responsabilidade Aprofundar o respeito pelo nosso corpo	-Serão abordados os principais temas relativos à higiene pessoal.  <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Tomar banho</li> <li>✓ Lavar o dentes</li> <li>✓ Lavar as mãos várias vezes ao dia</li> <li>✓ Roupa lavada</li> <li>✓ Cabelo arranjado</li> <li>✓ Entre outros</li> </ul> No final, os reclusos idosos irão visualizar um vídeo referente à temática.	Materiais: cadeiras, projetor, computador  Humanos: reclusos idosos, Educador Social	1hora	A observação será uma forma de avaliar.
“ <i>Workshop</i> : A Nutrição e eu ”	Promover uma alimentação saudável  Desmistificar mitos inerentes à alimentação  Esclarecer o papel de uma alimentação saudável no que respeita à longevidade	-A atividade será delineada pela nutricionista convidada. No entanto, a atividade será administrada seguindo o foco dos objetivos mencionados. Com esta atividade, esperamos que os idosos fiquem mais conscientes quanto à necessidade de uma alimentação equilibrada.	Materiais: cadeiras, material audiovisual  Humanos: reclusos idosos, Nutricionista e Educador Social.	2horas e 30 m (com intervalo de 10 a 15 m. conforme as necessidades).	No final da atividade, será realizado um breve questionário de satisfação.
“ <i>Cabeça Ativa</i> ”	Estimular atenção do idoso;  Criar um ambiente agradável e de bem-estar para o idoso;  Estimular a destreza/ raciocínio.	-A elaboração de puzzles e jogos semanalmente:  Jogos de: <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Raciocínio</li> <li>✓ Lógica</li> </ul>	Materiais: a definir pelos intervenientes.  Humanos: reclusos idosos e Educador Social.	1hora.	Observação e registo de notas de campo.
“Cinema”	Proporcionar o bem estar pessoal e interpessoal;  Estimular atenção do idoso;  Estimular as emoções .	-Os filmes serão escolhidos pelos reclusos idosos. No final será realizado um debate sobre o filme, para apresentarem as suas opiniões.	Materiais: cadeiras e computador e/ou televisão.  Humanos: reclusos idosos e Educador Social.	2 horas (com intervalo de 10 a 15 m conforme as necessidades).	No final da atividade, será realizado um breve questionário de satisfação.
“ <i>Atelier</i> de Artes e Pintura”	Estimular a motricidade e, a coordenação psicomotora e a criatividade.	-Pintar ilustrações ou peças produzidas em gesso e oferecer a algum amigo, conhecido, ou familiar.	Materiais: pincéis, ilustrações, tintas, peças em gesso.  Humanos: idosos; Educador social.	3 horas (com intervalo de 10 a 15 m conforme as necessidades).	No final da atividade, será realizado um breve questionário de satisfação.

<p>“A Nossa Feira”</p>	<p>Promover o relacionamento interpessoal; Criar tarefas que englobem uma máxima responsabilidade; Fomentar o bem-estar do idoso; Promover a autonomia e a resolução de problemas face a um contratempo.</p>	<p>-Na área prisional, (na hora das visitas ou numa visita mais longa se o EP ceder) irá vender-se rifas e pinturas de gesso, para ajuda da angariação de fundos para uma visita a um museu organizada e autorizada pelo EP.</p>	<p>Materiais: A definir pelo estagiário e idosos.  Humanos: reclusos idosos, possível família dos reclusos idosos, <i>staff</i> prisional.</p>	<p>A definir.</p>	<p>Reunião com os reclusos idosos e refletir sobre os pontos negativos e positivos.</p>
<p><b>Workshop:</b> <b>”Tecnologias de informação e conhecimento(TIC)”</b></p>	<p>Adquirir competências ao nível das TIC.</p>	<p>-Aprender a utilizar o computador se o sistema prisional possuir e/ ou a instituição que detenha um projeto para ex reclusos idosos.</p>	<p>Recursos materiais: espaço físico, material audiovisual, caneta, papel, cadeiras, mesas, internet.  Recursos Humanos: Reclusos idosos Educador Social.</p>	<p>2 horas (com intervalo de 10 a 15 m conforme as necessidades).</p>	<p>No final da atividade, será realizado um breve questionário de satisfação.</p>
<p>“Exercite o corpo”</p>	<p>Sensibilizar para a importância da prática do exercício físico; Conhecer diversas formas de exercitar os diferentes músculos do corpo.</p>	<p>-Palestra sobre o corpo humano, abordando vários conceitos inerentes à saúde, e atividade física.</p>	<p>Recursos materiais: espaço físico. materiais de ginástica (tapete , etc..)  Recursos Humanos: -Professor de ginástica.</p>	<p>1hora.</p>	<p>No final da atividade, será realizado um breve questionário de satisfação.</p>
<p>“Peddy Paper sénior”</p>	<p>Promover a socialização entre os reclusos idosos; Fomentar o trabalho em equipa; Incentivar a prática de exercício físico .</p>	<p>-Incentivar a colaboração em equipa para encontrar um tesouro, pode ser adaptado (dentro da área do EP)</p>	<p>Recursos materiais : espaço exterior, mapa, caneta, cartolina, tesouro, material decorativo.</p>	<p>2 horas (com intervalo de 10 a 15 min conforme as necessidades).</p>	<p>No final da atividade, será realizado um breve questionário de satisfação.</p>

## Considerações Finais

Este trabalho passou por várias etapas de transformação, aliadas ao saber científico. Tendo o objetivo de percorrer os vazios no campo científico no que concerne às perspectivas dos reclusos idosos e seus confrontos no contexto prisional.

Temos a noção que não foi um trabalho fácil, acompanhado de dúvidas e muitas interrogações, mas que, essencialmente valorizaram esta investigação. As histórias, as vivências e, sobretudo, uma visão que nos leva a querer descobrir mais. Nesse sentido, numa primeira etapa os participantes foram do sexo masculino e num futuro estudo será importante a comparação entre as perspectivas dos reclusos do sexo masculino e os do sexo feminino, para uma visão integrada sobre as perspectivas dos reclusos envelhecidos.

Investigar em contexto prisional é um processo complexo. Os investigadores são providos de emoções e sentimentos, que de um modo diferente, os impregnam com o intuito de aprender a nível pessoal e profissional. Contudo, investigar tem algo mais: a interiorização de não julgar o outro desumanamente e conhecê-lo. Há outra vida no fundo do mar e só a conseguimos ver se mergulharmos. Neste sentido, desenhar um esquema de investigação e compreender quais os processos metodológicos pertinentes para o contexto de investigação da problemática, tornou-se determinante, sendo que o fenómeno recluso idoso é uma realidade que veio para ficar.

A investigação das Ciências Sociais e Jurídicas não deve manter-se à margem deste tema, só por meio de investigações empíricas e teóricas se conseguirá refinar a esfera das perspectivas dos envelhecidos e do envelhecimento na prisão.

Para concluir, em boa verdade, é necessário uma transmutação do sistema prisional onde as principais mudanças passam pela introdução de pessoas voluntárias, estagiários com desenvolvimento de projetos e programas com vista à aproximação dos reclusos jovens e reclusos idosos e o fortalecimento dos laços familiares. Assim como a introdução de novos técnicos de reeducação, com atitudes inovadores. Acreditando que a mudança se faz, em primeiro lugar, no sistema prisional.

Os resultados deste estudo estão alinhados com as conclusões da investigação desenvolvida por Silva (2018), que analisou as vivências prisionais de reclusos idosos de dois estabelecimentos prisionais no contexto português. O estudo vem reforçar algumas das conclusões deste estudo, nomeadamente, que a idade constitui um entrave

para a realização de algumas atividades na prisão; a existência de problemas com a alimentação, a entrada da família e amigos e, ainda, que na maioria dos casos, o crime não teve impacto no corte dos laços familiares.

Como estudos futuros sugerimos a possibilidade de estabelecer uma comparação entre os reclusos idosos do sexo feminino e masculino; um aprofundamento, maior no terreno deste novo fenómeno de reclusão idosa e, por fim, a introdução de um programa de envelhecimento ativo na prisão, dando sentido a estratégias de *bottom up*, fortalecidas e apoiadas no *empowerment* dos reclusos idosos, fomentando as suas competências e capacidades.

## Referências Bibliográficas

- Abreu, C. (2011). *Execução de penas e medidas com vigilância electrónica*. Revista da Ordem dos Advogados, 1, 49-70.
- Adams, K. (1992). *Adjusting to prison life*. *Crime and Justice*.
- Aday, R. H. (1994). Aging in Prison: A Case Study of New Elderly Offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 38(1), 79–91.
- Aday, R. H., & Nation, P. (2001). *A case study of older female offenders*. Nashville: Tennessee Department of Correction.
- Aday, R. H. (2003). *Aging prisoners: Crisis in American corrections*. Westport, CT: Praeger Publishers.
- Atabay, T., & Atabay, T. (2009). *Handbook on prisoners with special needs*. UN
- Azevedo, A. T. O. M. D. (2016). *A percepção dos reclusos e profissionais sobre a saúde na prisão: um estudo qualitativo*. (Doctoral dissertation).
- Atchley, R. C. (2000). *Social forces and aging life*. Belmont, CA: Wadsworth.
- Babo, M, A. (2001). “Para uma semiótica do corpo”. in *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa: CECL, nº 29.
- Barata, A. (1990). *Ressocialização ou Controle Social: Uma abordagem crítica da “reintegração social” do sentenciado*. p.3.
- Bardin, L. (1988). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta.
- Barroso, J & Abrunhosa, R. (1992). *Psicologia e Intervenção Social de Justiça*.
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação* (3ª edição). Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora. pp.78-22.
- Braga, A. G. M. (2014). Criminologia e Prisão: caminhos e desafios da pesquisa empírica no campo prisional. *Revista de Estudos Empíricos em Direito*, 1(1).
- Bryman, A. (2004). *Social Research Methods*. Oxford: Oxford University Press.
- Butler, R. N., Lewis, M., & Sunderland, T. (1998). *Aging and mental health*. New York: Macmillan.
- Caride, J.A. (1997): *Acción e intervención comunitarias*. En PETRUS, A. (coord.): *Pedagogía Social*, Barcelona, Ariel. pp. 222-247.
- Carvalho, A. D. & Baptista I. (2004). *Educação Social – Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora. p.7.

- Costa, J. (2007). *O idoso e o crime: (prevenção e segurança)*. (1ªed.). Lisboa: Colibri. p.42.
- Craweley, E. (2005). *Institutional Thoughtlessness in prisons and its impacts on the day-to-day prison lives of elderly men*. *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 21(4).
- Creswell, J. (1998). *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing among five traditions*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Crotty, M. (1998). *The Foundations of Social Research: meaning and perspective in the research process*. London: SAGE Publications.
- Cunha, M, I. (2014). *Etnografias das prisão: novas direções. Configurações*, vol.13. pp. 47-68.
- Cunha, M. I. (2015). Da relação prisão-sociedade. Atualização de um balanço. *In Do crime e do castigo. Temas e debates contemporâneos* (pp. 181–200). Lisboa: Editora Mundos Sociais.
- David, A. M. G. (2015). *Tratamento Prisional: do conceito à vivência, o caso do Estabelecimento Prisional de Lisboa* (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Lisboa, Portugal.
- Dawes, J. (2009) *Ageing prisoners: Issues for social work*. Australian Social Work
- Denzin, N. & Lincoln, Y. (1994). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage. p.4.
- Di Lorito, C., Völlm, B., & Dening, T. (2017). The individual experience of ageing prisoners: systematic review and meta-synthesis through a Good Lives Model framework. *International journal of geriatric psychiatry*.
- Dooley, L. M. (2002). *Case Study Research and Theory Building*. *Advances in Developing Human Resources*(4), pp.335-354.
- Dores, P. (2003). *Prisões na europa: um debate que apenas começa*. Celta Editora
- Duarte, S. (2002). *Saberes de Saúde e de Doença – Porque vão as pessoas ao médico?*,Coimbra: Quarteto Editora.
- Duncan, O. D. (1931). An Analysis of the Population of the Texas Penitentiary from 1906 to 1924. *American Journal of Sociology*, 36(5), 770–781.
- Farinatti, P., Monteiro, W., & Soares, P. (2010). Aptidão física, envelhecimento e exercício: Uma abordagem aplicada. In J. Bento; G. Tani; A. Prista (Ed.), *Desporto e Educação Física em Português* (pp. 308–336). Porto: Edição CIFI2D.

- Faugeron, C. (2002).” *Prision: la Fin des Utopies?*”, Olivier de Shuter e Dan Kaminski (dir), *L’ intitution du Droit Pénitentiaire – Enjeux de la Reconnaissance de Droits aux Détenus*, la Pensee Juridique, Bruylant L.G.D.J.
- Fazel, S., Hope, T., O’Donnell, I., Piper, M., & Jacoby, R. (2001). Health of elderly male prisoners: Worse than the general population, worse than younger prisoners. *Age and Ageing*, 30(5), 403–407.
- Fernandes, S. R. (2010). *A aprendizagem baseada em Projectos no Contexto do Ensino Superior: Avaliação de um dispositivo pedagógico no Ensino de Engenharia*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação – Especialidade de Desenvolvimento Curricular – Universidade do Minho. Instituto de Educação.
- Ferreira; A. (2009). *Qualidade de Vida em idosos em diferentes contextos habitacionais: perspectiva do próprio e do cuidador*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e ciências da Educação. Lisboa.
- Flores, M. A. (2003). *Investigar (com) os Professores: reflexões sobre uma pesquisa longitudinal*. *Perspectiva*, Florianópolis, 21 (2), 391-412.
- Flynn, E. (2000). Elders as perpetrators. In P. E. M. B. Rothman, B. D. Dunlop (Ed.), *Elders, crime, and the criminal justice system* (pp. 43–83). New York: Springer.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Foucault, M. (1975). *Surveiller et Punir*. Paris, Gallimard.
- Foucault, M. (1983). *Vigiar e Punir, história da violência nas prisões*. Petropolis: Ed. Vozes.
- Foucault, M. (1999). *Vigiar e Punir*. Nascimento da Prisão. 20º Ed. Petrópolis: Editora Vozes.
- Gerardo, H. E. M. (2017). *Viver na prisão: opiniões, vivências e perspectivas de futuro* (Master's thesis). Falta a editora.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian.ISBN:972-31-1075-X :Lisboa.
- Goffman, E. (2001). *Manicômios, prisões e conventos*. (D. M. Leite, Trad.). São Paulo, Brasil: Editora Perspectiva. (Obra original publicada em 1961).
- Goffman, E. (2003). *Manicômios, prisões e conventos*. 7ª Ed, São Paulo: Editora Perspetiva S.A. ISBN:85-273-0202-0. p. 227.
- Gomes, C., Duarte, M., & Almeida, J. (2004). Crimes, penas e reinserção social: Um olhar sobre o caso português. In *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção*.

- Gomes, C., Duarte, M., & Almeida, J. (2004). *Crimes, penas e reinserção social: Um olhar sobre o caso português*. In Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção.
- Gomes, I. (2008). *Da Prisão à Liberdade: Reinserção Social de Ex-Reclusos*. Lisboa: ISCTE.
- Gomes, J. (2003). “*O corpo é a estrutura e o dicionário emocional da história individual*”, in *Representações do corpo*, Braga: CEH.
- Gomes, S. (2012). *A pessoa reclusa em contexto prisional: Agressividade, intomas psicopatológicos e apoio social*. Tese de Mestrado em Psicologia Clínica. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Gonçalves, L. C. & Gonçalves, R. A. (2012). *Agressividade, estilo de vida criminal e adaptação à prisão*. *Psicologia USP*, 23(3), pp. 559-584.
- Gonçalves, P. C. (2009). A era do humanitarismo penitenciário: as obras de John Howard, Cesare Beccaria e Jeremy Bentham. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, 33(1). pp. 9-17.
- Gonçalves, P. C. (2009a). *A pena privativa da liberdade – Evolução histórica e doutrinal*” (1ª ed.). Coimbra: Quid Juris.
- Gonçalves, R. A. (1993). *A Adaptação à prisão: Um processo vivido e observado*. Lisboa: Direção Geral dos Serviços Prisionais.
- Gonçalves, R. A. (2008). *Delinquência, crime e adaptação à prisão*. (3ª ed.). Coimbra: Quarteto.
- Gonçalves, Rui Abrunhosa. (2000). *Delinquência, Crime e Adaptação à Prisão*. Coleção Psicologia Clínica e Psiquiatria, nº3. Coimbra: Quarteto Editora. ISBN:972-8535- 20- 1.
- Gonçalves, S. M. C. C. (2014). *Ressocialização no Meio Prisional: a Divergência entre o Discurso Político e a Prática Institucional*. Dissertação de Mestrado: Lisboa.
- Gostin, L., Vanchieri, C., & Pope, A. (2007). *Ethical Considerations for Research Involving Prisoners*. Washington: The National Academies Press.
- Granja, R., Cunha, M. P. D., & Machado, H. (2013). *Formas alternativas do exercício da parentalidade: parentalidade e maternidade em contexto prisional*. Ex aequo, 28.
- Granja, R., Cunha, M., & Machado, H. (2013). *Formas alternativas do exercício da parentalidade: Paternidade e maternidade em contexto prisional*. Ex Aequo, 28, 73-86.

- Guerra, I. (2002). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de ação: O planeamento em Ciências Sociais*. Estoril: Principia.
- Hesbeen, W. (1993). *Cuidar no hospital : enquadrar os cuidados de enfermagem numa perspectiva do cuidar*, Loures: Lusociência.
- Hueley, M. (2014). *Aging in prison: the integration of research and practice*. Carolina Academic Press.
- Israel, M., & Hay, I. (2013). *Research Ethics for Social Scientists*. London: SAGE Publications.
- Kvale, S. (1996). *Interviews: an introduction to qualitative research interviewing*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- La Vigne, Nancy G.; Visher, Christy; Castro, Jennifer. (2004), *Chicago prisoners' experiences returning home*. Washigton, DC: The Urban Institute.
- Lima, A. P. M. (2008). *Síndrome de abandono aprendido: factor de risco nos processos de intervenção em educação social nos estabelecimentos prisionais portugueses: estudo exploratório*(Master's thesis).
- Lima, J. A. (2006b). *Ética na Investigação*. In J. A. Lima & J. A. Pacheco (Orgs.). *Fazer Investigação: contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora. p.139.
- Loeb, S. J., & AbuDagga, A. (2006). Health related research on older inmates: An integrative review. *Research in Nursing & Health*, 29(6), 556–565.
- Louçã, F., Albuquerque, J., Junqueira, V., Almeida, J., (2016). *Segurança Social – Defender a democracia*. Bertrand Editora.
- Lüdke, M. & André, M. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária (p.38).
- Manuel da Costa Andrade, «Lei-Quadro da Política Criminal», in: *Revista de Legislação e de Jurisprudência*, 135, n.º 3938 (2006), pp. 262276.
- McMillan, J. H. y Schumacher, S. (2005) *Investigación Educativa. Una introducción conceptual*-Madrid: Pearson Addison Wesley (5th Edición), 656.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2016). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EduSer-Revista de educação*, 2(2).
- Mertens, D. M. (1998). *Research Methods in Education and Psychology: Integrating Diversity with Quantitative & Qualitative Approaches*. London: Sage Publications.

- Miles, M. B. & Huberman, M. (1994). *Qualitative Data Analysis. An Expanded Source Book*. Thousand Oaks: Sage.
- Moreira, N. A. (2008). *Sofrimento, desespero e comportamentos suicidários na prisão*. Coimbra: Quarteto.(p.100).
- Morton, J. (1992). *An administrative overview of the older inmate*. Washington, DC: U.S. Department of Justice and National Institute of Corrections.
- Naser, Rebecca L.; Visher, Christy A. (2006), “Family members’ experiences with incarceration and reentry”. *Western Criminology Review*, vol. 7, n.º 2: 20–31.
- Pereira, J. (1987). “Será possível uma nova medicina?”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* n.º 23, Coimbra.
- Pollack, O. (1941). The criminality of old age. *Psychiatry Digest*, 3, 213–235.
- Pontes, O. A. M. (2015). *Plano Individual de Readaptação – Um Instrumento para a Reinserção Social*. Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte. Porto: APPORT.
- Portugal, S. (2014). *Famílias e redes sociais: Ligações fortes na produção de bem-estar*. Coimbra: Almedina.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa:Gradiva.
- Ramos, I.C.O. (2011). *Contributos da educação: (Re)viver na prisão*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Resende, C. (2006). *Rehabilitation within prison: A comparative study under the scope of prison reform and proposals of prison reform in Belgium and in Portugal*.
- Rosa, M. (2012). *O envelhecimento da sociedade portuguesa*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Sánchez, J. M. S. (2003) *Desarrollo Contemporáneo de La Education Social En Europa. Perspectiva Comparada*. In J. Bascuñán, R. Catalá (Orgs.) *Educación Social – Viejos usos y nuevos retos*.València: Universitat de València.
- Santos, M. G. (1995). Facing long-term imprisonment. In T.J. Flanagan (Ed.), *Long-term imprisonment*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Santos, B. S. (2003). *A Reinserção social dos reclusos – Um contributo para o debate sobre a reforma do sistema prisional*. Instituto das Tecnologias de Informação na Justiça, Bases Jurídico-Documentais, Universidade de Coimbra.

- Santos, C. & Nogueira, A (2014). *Envelhecimento em Contexto Prisional*. Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Mestrado em Gerontologia Social. Senhora da Hora, Porto, Portugal.
- Santos, C. & Nogueira, A. (2015). *Envelhecer em Contexto Prisional*. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia. pp.39-48.
- Senior, J., Forsyth, K. J., Walsh, E., O'Hara, K., Stevenson, C., Hayes, A. J., Shaw, J.(2013) *Health and Social Care Services for older male adults in prison: The identification of current service provision and piloting of an assessment and care planning model*. Health Serv Deliv Res 1(5): ). doi:10.3310/hsdr01050.
- Seu. (2002) . «*Reducing Re-offending by Ex-prisoners*». Office of the Deputy Prime Minister. SOCIAL EXCLUSION UNIT.
- Shaw, I. F. (1999). *Qualitative Evaluation*. London: SAGE Publications.
- Silva, E. A. (2004). *O Burocrático e o Político na Administração Universitária. Continuidades e Rupturas na Gestão dos Recursos Humanos Docente na Universidade Agostinho Neto (Angola)*. Braga: Centro de Investigação em Educação. Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.
- Silva, R, M. (2018). *Envelhecer e viver na prisão: as vivências prisionais de reclusos/ as idosos/ as*. Tese de Doutoramento em Sociologia. Braga: Universidade do Minho-Instituto de Ciências Sociais ( pp.18-19).
- Smyer, T., & Gragert, M. (2006). Health issues of aging prisoners. In P. M. Burbank (Ed.), *Vulnerable older adults: Health care needs and interventions* (pp. 57–74). New York: Springer Publishing.
- Snacken, S (2002). “*Normalisation’ dans les prisons. L’exemple de l’avantprojet de loi pénitentiaire belge*”, in O. De Shutter e Dan Kaminski (eds.), *L’Institution du droit pénitentiaire. Enjeux de la reconnaissance de droits aux détenus*, Bruylant Igdj.
- Sousa, A. (2009). *Investigação em Educação*. 2ª Ed. Lisboa: Livros Horizonte.p.88.
- Stake, R. (2007). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stake, R. E. (1999). *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Morata. p.24.
- Tuckman, B. (2005). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 3ª Edição.

- Usher, R. (1996). *A critique to the neglected epistemological assumptions of educational research*. In D. Scott & R. Usher (Eds). *Understanding educational research*. (pp. 9-32). London: Routledge.
- Valente, D. P. (2017). *Problemas das Prisões Portuguesas: Perceção dos Reclusos e Guardas Prisionais*. Dissertação de Mestrado de Psicologia Aplicada. Universidade do Minho.
- Valero, B. (1998): *Educación Popular: hacia una nueva interpretación de los procesos educativos en contextos de participación social*. En Camacho, A.y Díaz, J. (dirs.): *Educación Popular y Desarrollo Local*. Sevilla, Seminario de Pedagogía Social. Pp. 239-245.
- Vásquez. R. R., & Angulo, R. F. (2003). *Introducción a los estudios de casos. Los primeros contactos con la investigación etnográfica*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Veil, C & Lhuiler, D.(2000). “Introction”, in *Claude Veil e Dominique Lhuiler* (dir.), *La Prision en Changement*, Éditions Érès.
- Vieira, H. (2005). “*Prisões: Da Intervenção Institucional à Desinstitucional das Intervenções*”, *Temas Penitenciários, Série III*, n.º1 e 2, pp.35-42
- Visher, C. A., La, N., & Castro, J. (2003). *Returning home: Preliminary findings from a pilot study of soon-to-be- from a pilot study of soon-to-be released prisoners in Maryland*. *Justice Research and Policy*, 5(2), 55-74.
- Webster, C, M. (1997) “*O Dever de Trabalho do Recluso e a sua Ressocialização. Uma consciência impossível?*”, Dissertação de mestrado em Sociologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Webster, C. M. (1997). “*O Dever de Trabalho do Recluso e a sua Ressocialização. Uma consciência impossível?*”, Dissertação de mestrado em Sociologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Wiliams, G.C. (1986). *Elderly offenders: A comparison of chronic and new elderly offenders*. Unpublished master’s thesis. Middle Tennessees State University Murfreesboro.
- Yacuzzi, E. (2005). “*El estudio de caso como metodología de investigación: teoría, mecanismos causales, validación*”. In *Working Papers: Serie documentos del trabajo*, 296-306. Buenos Aires: Universidad del CEMA.
- Yin, R. (1993). *Applications of case study research*. Beverly Hills, CA: Sage Publishing (p.3).
- Yin, R. (2005). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.

Yin, R. K. (2003). *Case Study Research: Design and Methods*. (3<sup>rd</sup> Ed.). Newbury Park, CA: Sage.

Yorston, G. A. (2015). The evolution of secure and forensic mental healthcare. In G. Dickens Editor, P. Sugarman Editor & M. Picchioni Editor (Eds.), *Handbook of secure care*. London: the Royal College of Psychiatrists.

## Sites

Direção Geral Dos Serviços Prisionais. Saúde. Retirado de 07 de Setembro de 2017 em: [www.dgsp.mj.pt](http://www.dgsp.mj.pt)

Notícia de jornal: **Awebic-Retirado** de 15 de agosto de 2017: <https://awebic.com/democracia/tratar-presos-forma-humana-funciona>.

Notícia de jornal-Retirado de: <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-01-14-Prisao-para-idosos-abre-na-Guarda>

PORDATA. *Indicadores do Envelhecimento*. Retirado de 17 de julho de 2017: <http://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento-526>

Pirâmides Populacionais do Mundo desde 1950 até 2100- Retirado de 16 de julho de 2017 : <https://www.populationpyramid.net/pt/portugal/2015/>

The French Prison System- Retirado de 15 de agosto de 2017 : <https://jjrec.files.wordpress.com/2014/04/rec20121.pdf>

Kriminalomsorgen - Directorate of Norwegian Correctional Service- Retirado de 15 de agosto de 2017: <http://www.kriminalomsorgen.no/information-in-english.265199.no.html>

## **Legislação**

Decreto lei nº 51/2011 -Diário da República, 1ª Série – Nº 71 de 11 de Abril.  
(Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais). DR - Ministério da Justiça.  
Lisboa.

Decreto lei nº 115/2009-Diário da República, 1ª Série – N.º 197 de 12 de Outubro de  
2009. (Regulamento Geral do Estabelecimento Prisional).DR – Ministério da  
Justiça. Lisboa.

Lei Quadro da Política Criminal- Lei nº 17/2006 de 23 de maio, alterada pela Lei nº  
19/2008 de 21 de abril que aprova medidas para combate à corrupção e pelas leis  
nºs 51/2007 de 31 de agosto e 38/2007 de 20 de julho

Decreto lei nº 346/91- Diário da República, 1ªSérie – N.º 215/1991 de 18 de Setembro  
de 1991. (Regulamento Geral do Estabelecimento Prisional). DR – Ministério da  
Justiça. Lisboa.

## Outros documentos

Organização Mundial de Saúde. (2005). *Envelhecimento Ativo: Uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde- Retirado em: [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf)

Relatório Final da Comissão de Estudo e Debate da Reforma do Sistema Prisional [http://www.dgpj.mj.pt/sections/politica-legislativa/anexos/legislacao-avulsa/comissao-de-estudo/e/downloadFile/attachedFile\\_f0/RelatorioCEDERSP.pdf?nocache=1205856345.98](http://www.dgpj.mj.pt/sections/politica-legislativa/anexos/legislacao-avulsa/comissao-de-estudo/e/downloadFile/attachedFile_f0/RelatorioCEDERSP.pdf?nocache=1205856345.98)

Santos, B. S. (2003). *A Reinserção social dos reclusos – Um contributo para o debate sobre a reforma do sistema prisional*. Instituto das Tecnologias de Informação na Justiça, Bases Jurídico-Documentais, Universidade de Coimbra.

See Human Rights Watch, “Old Behind Bars: The Aging Prison Population in the United States,” January 2012, at <https://www.hrw.org/report/2012/01/27/old-behind-bars/aging-prison-population-united-states>

Recomendação (89) 12, de 13 de Outubro, do Comité de Ministros do Conselho da Europa, 1989.

A Reinserção social dos reclusos – Um contributo para o debate sobre a reforma do sistema prisional. Instituto das Tecnologias de Informação na Justiça, Bases Jurídico-Documentais, Universidade de Coimbra.

## **Anexos**

## Anexo 1 - Ofício Autorização



Exmo(a) Senhor(a)  
Dra. Sandra Fernandes  
sandrfa@uportu.pt

V/ referência	N/ referência	Ofício N.º	Data
		[REDACTED]	18.05.2017

**Assunto:** Investigação académica para Mestrado em Ciências da Educação na U. Portucalense

Tenho a honra de informar V. Exa que, por despacho de 16/05/2017, do Sr. Diretor-Geral, Dr. Celso Manata, a Dra. Catarina Isabel Ferreira foi autorizada, no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, a realizar a investigação académica no [REDACTED] Masculino.

Considerando o interesse do projeto, este estudo, foi autorizado, mediante as seguintes condições:

- a calendarização e modo de organização da pesquisa seja acordada com a Direção do Estabelecimento Prisional, por forma a que se concillem os objetivos académicos com a exequibilidade do trabalho, sem perturbação do quotidiano;
- o desenvolvimento do estudo esteja sempre dependente da disponibilidade dos reclusos e dos trabalhadores para, após consentimento informado, colaborarem, reservando-se-lhes o direito de, a qualquer momento, poderem interromper a sua cooperação, o mesmo se passando relativamente a gravação áudio das entrevistas;
- a investigadora fique obrigada a preservar o anonimato dos dados e das pessoas que venham a cooperar;
- do resultado final do trabalho, deve ser remetida cópia à Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas.

Com os melhores cumprimentos

O Diretor de Serviços

JJ Semedo Moreira

ML/2017

Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais  
Direção de Serviços de Organização, Planeamento e Relações Externas  
Travessa da Cruz do Tojal, n.º 1 - 1150-122 Lisboa - Tel. 218812200 - Fax. 218853996 - E-mail: dsopre@dgrsp.mj.pt  
Aparado 21207 - 1131-001 Lisboa

## Anexo 2 - Guião da entrevista Recluso Idoso

Caro participante

O presente trabalho de investigação, intitulado “Perspetivas sobre a vida de um recluso idoso em Portugal: um estudo qualitativo num estabelecimento prisional masculino”, insere-se numa pesquisa investigativa que decorre no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação e tem como objetivo, compreender as perspetivas dos reclusos idosos face à vida antes, durante e após a prisão. Assim como o confronto dessas mesmas perspetivas com as dos profissionais que trabalham diariamente no sistema prisional. Não obstante para a obtenção da compreensão da problemática, será necessário a autorização dos participantes. As informações serão, cuidadosamente, protegidas em prol do anonimato do participante, se, por vontade, aceitar participar nesta investigação.

Após ouvir as explicações acima referidas, declara que aceita participar nesta investigação?

### Guião da entrevista Especialista dos Sistemas Prisionais

Designação das Etapas	Objetivos Específicos	Formulário das questões
<b>1. Legitimação da entrevista</b>	<p>Informar sobre a entrevista e as suas confidencialidades</p> <p>Criar um ambiente de cordialidade e parcimónia</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informar o recluso sobre os objetivos da investigação;</li> <li>- Cooperação do recluso para a investigação;</li> <li>- Garantir a confidencialidade das informações recolhidas;</li> </ul>
<b>2. A vida antes da prisão</b>	<p>Perceber a trajetória profissional do recluso até ao momento da entrada na prisão</p> <p>Constatar as ligações negativas e positivas da família, nomeadamente da família nuclear</p> <p>Identificar objetivos definidos antes da entrada para a prisão</p> <p>Conhecer a visão do recluso em liberdade e perceber a ligação com a falta desta</p> <p>Entender, o motivo do crime e o que o levou a realizar</p> <p>Constatar se a prisão foi um motivo nos cortes familiares</p>	<p><b>Fale-me da sua vida antes da prisão.</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-Já trabalhou na vida? Se sim, onde?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Gostava do que fazia?</li> <li>- Vivia com quem?</li> <li>- O dinheiro era suficiente?</li> <li>- -Senão, porquê? Nunca teve ?</li> </ul> <p><b>Houve um afastamento do seu percurso de vida. Tinha objetivos de vida antes de entrar para a prisão?</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-Quais?</p> <p>-Ainda os tem? - Sente-se motivado para os recuperar? - Não. Porquê?</p> <p><b>Relativamente à sua família, como receberam a notícia da sua prisão?</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>Porquê do delito criminal? - Sentia-se bem com a sua família? Se não porquê?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cortou os laços com eles ou foram eles que cortaram com o senhor? - A sua família visita-o?</li> <li>- É confortante? - Se sim todas as semanas? Senão, -sente-se triste?</li> <li>- O que lhe dizem quando vêm cá?</li> <li>- Envia cartas para alguém?</li> </ul>

<p>3. <b>Entrada e processo de adaptação à prisão</b></p>	<p>Recolher informações inerentes à entrada do recluso</p> <p>Verificar o sentimento do recluso na sua entrada</p> <p>Constatar o processos inerente à adaptação</p> <p>Compreender o relacionamento interpessoal construído na prisão</p> <p>Constatar ligações e afabilidade por parte dos reclusos idosos para com os profissionais do EP</p> <p>Entender se os reclusos participam em atividades e programas que favoreçam a sua reinserção</p> <p>Compreender se há algum fator externo ao indivíduo que o leva a cometer o crime</p> <p>Observar mudanças de humor consequentes de assuntos menos desejados</p> <p>Compreender se o recluso idoso gostaria de frequentar algum tipo de programa</p>	<p><b>Como foi a adaptação à prisão?</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-Os primeiros dias. -Relativamente aos colegas. Teve uma boa receção? - Fale-me da solidão. Fale-me principalmente da falta de liberdade. - Qual foi o momento mais marcante? -Alguna vez tentou por fim à vida? - Alguma vez, tentaram contra si qualquer tipo de violência, física, sexual ou verbal?</p> <p><b>Que pensa sobre profissionais/ técnicos da instituição</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-Os profissionais/técnicos da instituição foram um suporte fundamental para a sua adaptação? - Como conheceu o seu técnico de reeducação? - Relativamente aos técnicos de reeducação, tem simpatia por eles? O que pensa deles? - Acha que fazem o esforço adequado para tratar das suas necessidades? Como por exemplo saídas precárias. - Que atividades ou programas frequenta que visam a sua saída? (exemplo: Ao longo destes anos alguma vez realizou o seu currículo vital?) - Relativamente ao médico, enfermeiro e voluntários? Diga-me por favor, fatores positivos e negativos - E os guardas? São eles que estão mais tempo com vocês, nota que são mais sensíveis à sua idade?</p> <p><b>Acredito que tenha muito a dizer-me nestes anos de prisão?</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-Faz Desporto? Qual? Se não, porquê? -Outra atividade que gostaria de realizar? - O que gostaria de realizar para melhor os seus dias? - Gosta de música? De ler? Ou até mesmo de cantar? - Quanto às necessidades básicas (comida, higiene, roupa lavada) sente-se satisfeito?</p>
<p>4. <b>Vida na prisão</b></p>	<p>Perceber se o recluso frequenta alguma atividade direcionada para a sua idade</p> <p>Compreender a motivação do recluso e o gosto pela leitura, musica e cantar</p> <p>Captar pontos negativos e positivos da prisão do ponto de vista do recluso</p> <p>Averiguar o ponto fulcral desta investigação, o recluso idoso e as suas perspetivas</p> <p>Constatar o passado com o futuro e as motivações de reinserção</p>	<p><b>Na sua opinião uma pessoa mais nova tem o mesmo tratamento que uma pessoa mais velha?</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-Se sim, porquê e em que situações? - Se não, não acha que o tratamento deveria ser diferente?</p> <p><b>Sente o envelhecimento a chegar de ano para ano?</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-As dificuldades são bem maiores com o passar dos anos? - A nível motor tem dificuldades? - E a nível emocional, acha-se mais vulnerável? - Olha para o passado com saudade? - Pensa de como seria a sua vida se não estivesse preso?</p> <p><b>Pensa no dia da sua Saída?</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-Para onde vais depois de sair daqui? -Acha que terá pessoas à sua espera? E se não tiver? - Se não tiver casa vai para onde? - Gostaria de que houvesse um programa destinado aos reclusos que saem da prisão? - É uma vida sem liberdade, acha que deveriam ser ajudados chegando lá fora?</p>
<p>5. <b>Perspetivas de saída</b></p>	<p>Constatar perspetivas de reinserção. Ou seja a sua disposição para frequentar algum tipo de atividade</p> <p>Questionar sobre arrependimentos e possíveis motivações com a sua saída</p> <p>Compreender se o envelhecimento é um fator aliado à desmotivação</p>	<p><b>Há promessas de mudanças na sua vida?</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-Quando chegar lá fora esquecer-se-á de todas as reflexões feitas na prisão? - Pensa em trabalhar? -Preencher os seus dias com a família? -Do que tem mais saudades? - Depois destes anos todos, houve arrependimento pelos erros cometidos?</p>

## **Anexo 2 A - Transcrição entrevista Recluso Idoso**

Transcrição da entrevista realizada  
a um Recluso Idoso

**Depois de ter conhecimento dos objetivos deste estudo, gostava de lhe perguntar se aceita participar nesta investigação?** Sim, à vontade.

### **A Vida antes da Entrada na Prisão**

- **Fale-me um bocadinho do seu percurso de vida.**

*“Eu quando casei em 1979 fui ganhar numa fábrica à beira de casa cinco contos e quinhentos. Entretanto ao fim de dois anos eu já ganhava 10 contos. E depois fui para os correios a ganhar 15.50 contos. Estava-se bem. Enquanto eu mexer e for vivo eu vou fazer alguma coisa. Vendia roupa de desporto do F.C.P, vendia tudo e mais alguma coisa. Eu quando saí de Custóias, saí com 339 euros. Pensei que tinha que acordar para a vida e montei um “spot” ilícito de poker em que dá sempre para tirar para a sopa, um sopa grande, (risos). No dia 3 de Dezembro recebi a notícia que tinha que me entregar”.*

- **E sobre a sua família... (esposa, filhos e netos)**

*“Estou casado desde 1979. Tenho um filho com 37 anos e outro com 25 que é extraconjugal, também está formado. A minha Família está cingida a mulher, filho e filho. Tenho duas netas e um neto (refere que se dá muito bem com a Família)”.*

- **E antes de entrar para a prisão, o que aconteceu?**

*“Eu quando entrei em custóias fui preso por tráfico sem tráfico, estive lá 2 anos saí e depois vim entregar-me aqui. Nunca nada foi encontrado, estou nesta cadeia desde o dia 9 de Março”.*

- **Fale-me dos seus objetivos de vida.**

*“Não sei como é que vou sair daqui mas quero regressar aos meus objetivos. Isto é muito difícil. E quando se é injustiçado. Ainda me vou segurando”.*

## Processo de Adaptação à Prisão

- **Como foram os seus primeiros dias/ mês na prisão?**

*“O primeiro mês (pausa), o termo que se utiliza na cadeia é “ cair a ficha” uma pessoa entra e vê uma coisa bonita e quando eu digo bonita, nada é bonito. Quando entra apaga. O cérebro é engraçado, gosto de brincar com ele (risos). Na primeira vez que entrei na cadeia, o que é Custóias? Custóias leva com os bairros todos. Aqui não é melhor que Custóias e vou-lhe dizer porquê: isto aqui está mesmo envelhecido. Não se vê juventude. Não há alegria parecem zombies. Em Custóias há muito mais abertura. Para estar aqui um ano se calhar até é melhor. Tem mais ar. Eu adapto-me na hora (...). Eu fiquei convencido que o sistema nunca se vai adaptar a mim, eu tenho que me adaptar ao sistema. Os colegas de cadeia receberam-me bem, é como lhe digo, a esse respeito não tenho que dizer, sou um privilegiado”.*

## A Vida na Prisão

- **Como se sente na prisão? O que tem sido mais difícil para si?**

*“Solidão, tenho sorte que tenho estado com um parceiro que todos os dias jogamos dominó a valer qualquer coisa, é uma maneira de a expulsar. Eu vou mudar de pavilhão, eu não estou a ver quem vai ser o meu parceiro, vai ser muito difícil para mim porque às 7 horas uma pessoa é fechada. A falta de liberdade, o principio desta conversa é isso mesmo. Isso é que faz o envelhecimento. Nem ao diabo lembra”.*

- **Qual foi o momento mais marcante para si, desde que está aqui? (Negativo ou positivo).**

*“O meu dia mais marcante foi esta semana: fui à enfermaria ao entrar estava ali o senhor guarda e ele fica assim impávido, sereno não, a olhar para mim com cara de mau. Pergunta o guarda: você não sabe que tem que vir aqui avisar para entrar na enfermaria e eu disse que não mas perguntei se estava desculpado. E depois o outro guarda aqui em cima chama-me e diz: dou-te já dois fardos chico esperto e eu assim meu deus, ho meu deus. Que mal é que fiz? Depois senti-me mal comigo e nem vou comentar isso”.*

- **Já sofreu algum tipo de violência aqui dentro?**

*“Não, Tenho o meu canto aqui na cadeia, os reclusos, esses meninos dão me atenção”.*

- **Como é que descreve o seu relacionamento com os guardas?**

*“Todos os dias de manhã havia aquela horinha e meia e desapareceu tudo. Mas o chefe dos guardas veio e tirou isso. Os guardas aqui parecem que são uns presos que estão aqui há 10/ 15, maioria 20 anos, são uns presos que vestem as roupas diferentes para se identificarem dos outros. São boas pessoas. Você está aqui e está a trabalhar certo? Eu não lhe faculto nada. Só não a dificulto. Com os guardas é a mesma coisa, eu sei que eles estão a trabalhar e não tenho que os dificultar”.*

- **Na sua opinião, os guardas têm um tratamento diferente para com os reclusos mais velhos?**

*“Os guardas também seguem o sistema porque este pavilhão que eu estou, nunca na vida é para um homem de 60 anos. Nunca deveria ser. Entrou agora aqui um senhor com 74anos e o filho, sentiu-se muito mal estes dias, problema numa vista. ..acho que a partir de uma faixa etária dar prioridade as pessoas velhas. Muito aí não anda, arrastam-se. O sistema da cadeia, infelizmente...depois aqui também há muito violas e sabe que é um código que se me perguntarem eu não atiro nenhuma pedra a ninguém... A cadeia traz-nos coisas impensáveis.”*

- **Relativamente aos médicos e enfermeiros(as), está satisfeito?**

*“O médico é boa pessoa, o enfermeiro também dou-me bem com eles todos”.*

- **E com os Técnicos de Reeducação?**

*“A técnica de reeducação, conheci passado uns tempos. Falei muito pouco com a técnica, umas duas, três vezes. Em Custóias, eu fugia das técnicas e outros queriam e não tinham”.*

- **Já alguma vez frequentou algum tipo de programa?**

*“Ainda há pouco vi um documentário que era o Vicente que viveu toda a vida na prisão, se o puserem na rua o homem morre. Não frequento nenhuma programada que visa a saída, nada me foi proposto mas eu não sei se há ou não há. Um exemplo: eu tive com um rapaz que o puseram na rua e no dia seguinte já estava preso outra vez porque não tinha onde ficar. Uma pessoa aqui tem que se esforçar muito se não o cérebro fica de tal maneira. Fomos um lixo que a polícia tira da rua, custa mas é verdade. Aqui eu sou um preso como os outros e a sociedade não me vê de maneira diferente. A nossa sociedade sempre mediu o homem pelo casaco. Estou a trabalhar na lavandaria. O meu Horário é das 9h:00 às 11: 30 e das 14:00 às 17h:00”.*

- **Quem o visita na prisão?**

*“Tenho um amigo que me visita sempre, vai buscar a minha mulher a casa e vem aqui com a namoradinha que eu lhe apresentei. Grande amigo, trata-me de tudo, ajuda-me em tudo. Tudo depende do que a gente semeia, tudo que tenho nada é meu. É evidente que de cem amigos, vou aproveitar um, mas esse um fica. Para mim amigo é uma palavra muito forte. vem amigas me visitar. A minha mulher foi educada a que sempre tivesse amigos, não têm que ser homens”.*

- **Faz algum tipo de desporto ou atividade livre?**

*“Não faço nenhum tipo de exercício, não tenho muito tempo, para o tipo de doença, o colesterol deveria fazer caminhadas, não é passear, caminhar. Mas aqui não se caminha, portanto, eu não posso sobrecarregar a pressão sanguínea, coração, porque sou hipertenso”.*

- **O que faz nos seus tempos livres? (hobbies)**

*“Nós, aqui estamos afinados numa cama. Eu tenho 60 anos em idade porque em espírito sou da sua idade para não abusar a dizer que sou mais novo. Não gostaria de fazer nenhuma atividade, mas o dizer se eu gostava, não vai passar do gostava. Eu gosto de música, não gosto de tony carreira. Estou a mentir, gosto de todo o tipo de música, mas cada um tem o seu sítio próprio. Aqui não tenho alegria para essas coisas”.*

- **E relativamente ao serviço de alimentação no EP, qual é a sua opinião?**

*“Agora estamos a começar por aquilo que é mesmo mau. A comida sem comentários, espero que a gravação me entenda quando eu digo sem comentários, do pior. Come-se muito, muito mal, todos os dias se come a mesma coisa. Arroz, arroz, o peixe é intragável. A sopita até nem é má”.*

- **E relativamente à sua roupa, quem trata dela?**

*“A roupa posso-a lavar, mas gosto de sempre mandar para fora e uma coisa é mandar para fora, uma coisa é estar lavada, outra coisa é estar lavada, cheirosa e passada a ferro. Isso é a miséria da cadeia”.*

- **Sobre o avançar da idade e o envelhecimento, como vê esta realidade? Como se tem sentido, com o passar dos anos?**

*“Envelhecimento, dificuldades a nível motor, vulnerável a nível emocional. Eu vou falar por mim, porque muitos deles passa ao lado porque é a casa deles. Nem toda a gente come isto da mesma maneira. Isto é uma passagem”.*

- **Tem saudades do passado?**

*“Tenho saudades de muita coisa, gostava de estar lá fora, à beira da minha mulher. Gostava de ajudar o meu filho que está preso, estar com as netas. A vida não está perdida mas sabe-se que num ano, dois, tanta coisa muda”.*

### **Perspetivas após a Saída da Prisão**

- **Pensa na sua saída da prisão?**

*“Penso no dia da minha saída. Será que vou conseguir, na minha saída antecipada. Tenho certeza absoluta de quem está sempre à minha espera e não está”.*

- **Já pensou em frequentar algum tipo de programa de reinserção, após a saída da prisão?**

*“Não estou a ver um programa de reinserção. Não matei ninguém, não violei ninguém, não abusei de criança nenhuma, trabalho tenho 60 anos, não vamos pensar em coisas, nós sabemos que com 40 anos para trabalhar já somos velhos. Somos portugueses, somos velhos aos 40 anos. Quer dizer eu saio da cadeia tenho 60 anos, vou seguir, vou seguir o quê? Uma ocasião, estava lá fora e foram me atribuídos uns 49 euros. Nunca levantei nenhum. É um gozo, quando tiverem que me por lá fora, ninguém se vai preocupar de reinserção, nem ninguém vai arranjar nada, valha-me deus. Eu, é que tenho que arranjar. Não cometi erros, não tenho nada para mudar. Quando sair, no mesmo dia estou a trabalhar”.*

#### **Observação da investigadora:**

A sessão ultrapassou o tempo estipulado. O recluso expressa muito energia e sabedoria nas palavras. Demonstra ser observador na forma como olha os pormenores, calculista e meticuloso das suas atitudes. Tem em si, visível, uma capacidade de resiliência e introspectiva pela forma de como aborda os assuntos. Apresenta-se de trato fácil e conhece a forma indicada de transmitir afabilidade. A entrevistadora transmitiu ao recluso segurança, compreensão e sensibilidade perante a entrevista. Foi necessário uma abertura mais espontânea e afável da entrevistadora para relacionar-se com o recluso idoso.

Sugestões para uma futura entrevista:

- Menos conversas paralelas;
- Direcionar a entrevista para o foco da investigação;
- Ter em atenção ao tempo da entrevista
- Desenvolver mais os “ não sei, gosto, acho bem”.

## Anexo 2 B - MATRIZ DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

Tema: Perspetivas dos Reclusos Idosos

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidade de Registo	U. codificação
A. A vida antes da prisão	A <sub>1</sub> . A vida pessoal e profissional	Situação pessoal e profissional	<i>“Eu fui casado segunda vez. O primeiro foi um casamento normal e dou me bem com a minha mulher mas divorciei-me, o que eu queria mais na minha vida era ficar com a minha primeira mulher. Não há nada que chegue à primeira mulhe”.</i>	R19
			<i>“Sou industrial desde os 13 anos de idade (...) Aos 18 anos viajei o mundo e a partir dali eu fiquei com a fábrica”.</i>	R5
			<i>“Eu comecei a trabalhar com 13 anos como serralheiro. Saí de lá e fui para a Suécia.”</i>	R1
			<i>“Sou capaz de ir para Espanha para trabalhar”.</i>	R20
			<i>“Vou trabalhar para a agricultura, não vou parar, não vou, vou continuar. Vou trabalhar até, pronto, até dizer assim, já não posso mais”.</i>	R21
			<i>“Trabalhei muito com as caves do país, tenho muitos amigos. Tenciono abrir uma coisinha de cortiça com três clientes para sobreviver”.</i>	R5
			<i>“O meu objetivo era sempre trabalhar. Eu estou aqui há 22 meses, fez agora dia 6, trabalho quase há 21”.</i>	R17
			<i>“Os meus objetivos eram trabalhar até à reforma porque eu nunca quis a invalidez, quis sempre trabalhar”.</i>	R8
			<i>“Quando sair daqui vou tentar ver se ainda tenho uma atividade. Vou fazer um trabalho porque eu fui muito ligado ao catering, vou tentar fazer nessa área e colaborar com algumas empresas”.</i>	R1
	A <sub>2</sub> . O crime e os seus motivos	O crime cometido e arrependimento	<i>“(...) aconteceu a partir dos 13, durou 3 anos. Isto era só à segunda-feira, eu ia, era a minha folga (...)”.</i>	R14
			<i>“(...) eu ficava lá numa camita a dormir. Ora bem, os rapazes não se importavam de lá estar, queriam era liberdade (...)”.</i>	R2
			<i>“(...) estou aqui por causa dela. Só queria computadores, internet e saía e não me dizia onde ia, até que antes de vir preso parti o carro dela todo”.</i>	R19
			<i>“Estou arrependido, eu era um lutador contra isto( fraude fiscal) e caí na teia”.</i>	R5

<p><b>B.</b></p> <p><b>A vida durante a prisão</b></p>	<p><b>B<sub>1</sub>.</b></p> <p><b>Acolhimento e adaptação à prisão</b></p>	<p><b>Os primeiros tempos na prisão</b></p>	<p>“O meu genro veio aqui trazer-me, começou a ficar noite, comecei a ver onde é que eu ia dormir, onde é que eu ia comer. Toda aquela mecânica (...)”.</p>	R3
			<p>“Eu sou daquelas pessoas que já cumpriu tantas missões que tenho que aguentar (...)”.</p>	R1
			<p>“Os meus primeiros dias foram, não foram nada do outro mundo. Já andei na guerra, fui sargento enfermeiro na tropa, curei muitas doenças (...)”.</p>	R2
			<p>“A adaptação custou muito, foi uma desfeita muito grande. Eu já pensei em suicidar-me (...)”.</p>	R6
			<p>“Violência direta não, mas tive que me virar para alguns e dizer para o processo prisional ser publicado para ver quem era violador (...)”.</p>	R12
			<p>“ O momento mais marcante é estar preso (choro). Sim, quando cheguei ao pavilhão A perguntaram-me se eu era pedófilo(...)”.</p>	R4
			<p>“Num dia em que eu estava no recreio, tava sozinho e sem nenhum camarada da minha ala e começaram a meter-se comigo a atirar pedrinhas. Todos eles mais novos, mais de dez (...)”.</p>	R11
			<p>“O momento mais marcante foi quando entrei, eu sei que tinha feito asneira mas pensei que me iam por de pulseira eletrónica em casa (...)”.</p>	R6
			<p>“Tive um apoio fantástico da família. Tenho ideia que foi o apoio familiar que não me levou a cometer um exagero (...)”.</p>	R3
			<p>“Tenho um amigo que me visita sempre, vai buscar a minha mulher a casa e vem aqui com a namoradina que eu lhe apresentei (...)”.</p>	R10
	<p><b>B<sub>2</sub>.</b></p> <p><b>O papel da família e das visitas</b></p>	<p><b>A envolvência dos laços familiares e afetivos</b></p>	<p>“ Não vem ninguém estou mentalizado, tenho uma irmã na Alemanha e outra em França mas esses já não vem cá há mais de dez 10 anos (...)”.</p>	R19
			<p>“A pior coisa que existe aqui dentro nem é a má alimentação, nem é as más instalações. É o problema dos 5 minutos, acho que é ridículo para quem não quer que as pessoas percam os laços familiares (...)”.</p>	R3
			<p>“Chego aqui, já para começar se quiser ir para a oficina trabalhar não posso receber a pensão de invalidez. Se quisesse ir trabalhar para a oficina, tinha que ir de graça, não faço nada”.</p>	R15
	<p><b>B<sub>3</sub>.</b></p> <p><b>O dia-a-dia na prisão</b></p>	<p><b>Trabalho, atividades, alimentação e tratamento prisional</b></p>	<p>Aqui dentro trabalho na construção, não frequento nenhum programa, trabalho todos os dias (...)”.</p>	R19
			<p>“ (...) Puseram-me a fazer limpeza. É uma humilhação para mim”.</p>	R4
			<p>“Gosto de música e leio muito. Portanto, leio mistério”.</p>	R11

		<p><i>“Ocupo os meus dias na cela. Oiço a televisão”.</i></p>	R5
		<p><i>“Procuro ler mas já não consigo ler em condições. Às vezes ainda vou à biblioteca ler um bocadinho do jornal. Também me traziam livros mas já desistiram, começava a encher isto tudo cheio de livros”.</i></p>	R12
		<p><i>“A comida eu julgo que é suficiente mas é mal confeccionada. O mal é ser mal confeccionada porque aquilo preparado numa casa por alguém, teria outro aspeto e outro sabor”.</i></p>	R12
		<p><i>“Péssima é das piores coisas que pode haver. Há animais que devem comer melhor que nós. Muito melhor que nós”.</i></p>	R19
		<p><i>“ A comida é das coisas piores aqui (pausa) aqui é o piorio. Às vezes até vai para trás, vem mal confeccionada”.</i></p>	R9
		<p><i>“A comida uns dias é boa e outros dias não. Se for peixe nem vale a pena comer, só sopa. O peixe vem com mau aspeto. A maioria das pessoas, também só come a sopa. Aquilo que eles mandam para a gente comer não se faz”.</i></p>	R21
		<p><i>“Se quer que lhe diga ainda não o vi desde que cá cheguei. Estou aqui há dois anos, não o conheço”.</i></p>	R9
		<p><i>“ Nunca ninguém me chamou para nada nem para saber se estava bem se estava mal”.</i></p>	R8
		<p><i>“Não faz um trabalho (positivo) porque desde do princípio que me assustou logo ( o técnico de reeducação) e acho que não é a melhor maneira de trabalhar. Você vai cumprir isto tudo até ao fim porque você, não tente nem pense que vai embora a meio da pena”.</i></p>	R4
		<p><i>“De vez emquando vou é raro ir ao médico. Positivo não tenho de nada, ninguém gosta, eu chego à beira dele e digo sr. doutor doí-me aqui, doí-me aqui, acolá, tenho tonturas, tenho qualquer coisa e ele não ausculta”.</i></p>	R14
		<p><i>“Querida que ele me mandasse ao hospital que tenho aqui uma hérnia. É como lhe digo ele diz que vai fazer e nada, ele nem sequer ausculta uma pessoa”.</i></p>	R16
		<p><i>“Os guardas a nível de tratamento são iguais, não ouvem muito uma pessoa (...)”.</i></p>	R15

C. A vida após da prisão	C1. Apoios à reeducação e reinserção social dos reclusos	Frequência em programas de reinsersão e após a saída da prisão e objetivos de saída	<i>“ Programa não quero. Quero é trabalhar”.</i>	R18
			<i>“Aqui andava na escola, andava nas artes, na música, no inglês e nos computadores. Mas agora desisti porque eu prefiro ir para o ginásio”.</i>	R6
			<i>“Não frequento nenhum programa que visa a saída, nada me foi proposto mas eu não sei se há ou não há”.</i>	R10
			<i>“Frequentei em XXX sobre estrada segura e frequentei lá também um programa da cruz vermelha. Gostava de estar em XXX”.</i>	R8
			<i>“ Já frequentei aqui e não tenho necessidade nenhuma, um programa relacionado com ver filmes, fazer joguinhos”.</i>	R3
			<i>“Não, (ironia) o meu programa é tomo o meu cafézinho, deito-me a fazer palavras cruzadas, depois ponho-me a pé e ponho-me a andar de bicicleta”.</i>	R1
			<i>“Não estou a ver um programa de reinsersão. Não matei ninguém, não violei ninguém, não abusei de criança nenhuma, tenho 60 anos, não vamos pensar em coisas, nós sabemos que com 40 anos para trabalhar já somos velhos (...)”.</i>	R10
			<i>“Um exemplo: eu tive com um rapaz que o puseram na rua e no dia seguinte já estava preso outra vez porque não tinha onde ficar. Uma pessoa aqui tem que se esforçar muito senão o cérebro fica de tal maneira (...)”.</i>	R10
			<i>“Só queria que me ajudassem, mas não sei. Gostava que houvesse um programa porque assim não estava só”.</i>	R16
			<i>(...) eles tem que me arranjar aqui uma solução, não há programa. (pausa) penso em ir para o trabalho e passar o tempo o melhor possível.”</i>	R15
<i>“ Eu penso que em outubro vou embora. Vou para casa da minha mulher. Eu tenho família. A minha mulher disse-me que a família é para toda a vida”.</i>	R15			
<i>“Vou passear. Vamos ver se me vou juntar ( para a ex. e primeira esposa). Os meus irmãos vêm me aqui buscar. Estou ansioso que chegue lá fora. Vou jantar com eles e vou lhe pagar o jantar”.</i>	R19			
<i>“ Tenho um filho que quer que eu vá para França o outro quer que vá para Andorra mas eu agora depois de velho não vou ir para França nem para Andorra”.</i>	R6			

	<p><b>C<sub>2</sub>.</b></p> <p><b>A idade e as perspectivas sobre o envelhecimento</b></p>	<p><b>O processo de envelhecimento observado em primeira pessoa</b></p>	<p><i>“É um envelhecimento natural. Estou a envelhecer naturalmente, não me preocupo com nada. Sou um indivíduo sensível, se eu vir um indivíduo mal, eu sinto-me mal, também”.</i></p> <p><i>“Cansado e sinto-me desmoralizado da vida. Sinto-me cansado. Como diz o outro já me sinto velho sem necessidade nenhuma”.</i></p> <p><i>“Dificuldades a nível motor, vulnerável a nível emocional”.</i></p> <p><i>“Sinto o envelhecimento (pausa) de ano para ano, dores no corpo todo, um bocado triste”.</i></p> <p><i>“A gente está a envelhecer de ano para ano. Eu as vezes penso assim, eu estou a passar aqui os dias melhores da minha vida é quando eu estava bem, estava reformado, já não tinha tanta canseira, já podia descansar mais um bocado. Eu nunca tive férias na minha vida, eu trabalhava sempre para ter mais umas coroas e construir uma casa e nunca tinha tempo para parar. Às vezes penso que estou aqui à espera de morrer”.</i></p> <p><i>“Estou mais velho, das pernas e de estar mais tempo parado. Quando sair olhe penduro-me numa árvore e olhe tenho que morrer. Quando sair vou à campa da minha mãe e vou à junta, ponho aquilo tudo direito, vou ao armador e ponho-me numa árvore e pronto. Escolho o meu final”.</i></p>	<p>R14</p> <p>R18</p> <p>R9</p> <p>R10</p> <p>R6</p> <p>R16</p>
--	---	---	--	---

### Anexo 3 - Guião adjunta do diretor

Caro participante

O presente trabalho de investigação, intitulado “Perspetivas sobre a vida de um recluso idoso em Portugal: um estudo qualitativo num estabelecimento prisional masculino”, insere-se numa pesquisa investigativa que decorre no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação e tem como objetivo, compreender as perspetivas dos reclusos idosos face à vida antes, durante e após a prisão. Assim como o confronto dessas mesmas perspetivas com as dos profissionais que trabalham diariamente no sistema prisional. Não obstante para a obtenção da compreensão da problemática, será necessário a autorização dos participantes. As informações serão, cuidadosamente, protegidas em prol do anonimato do participante, se, por vontade, aceitar participar nesta investigação.

Após ouvir as explicações acima referidas, declara que aceita participar nesta investigação?

#### Guião da entrevista Adjunta do Diretor

Designação das Etapas	Objetivos Específicos	Formulário das questões
<b>1. Legitimação da entrevista</b>	Informar sobre a entrevista e as suas confidencialidades  Criar um ambiente de cordialidade e parcimónia	-Informar o Adjunto do Diretor sobre os objetivos da investigação; -Cooperação da adjunta para a investigação; -Garantir a confidencialidade das informações recolhidas;
<b>2. Trajetória do Adjunta do Diretor</b>	Conhecer a trajetória do Adjunto do Diretor do Estabelecimento Prisional  Identificar outra profissão existente	<b>Há quantos anos é Adjunto do Diretor deste estabelecimento prisional?</b> <b>Questões de guia*</b> - Sempre exerceu este cargo? Senão, qual foi a sua profissão transata.

<p><b>3. Visão Geral do Adjunto do Diretor</b></p>	<p>Compreender o papel da Adjunta do Diretor no E.P</p> <p>Constatar ligações do diretor aos reclusos</p> <p>Perceber o sistema organizacional do E.P</p> <p>Entender o funcionamento e estratégias do E.P inerente ao envelhecimento</p> <p>Conhecer programas direcionados aos reclusos idosos na sua saída</p> <p>Compreender a opinião quanto à alimentação fornecida à prisão</p> <p>Entender a visão do Adjunto no que respeita aos reclusos envelhecidos e as suas especificidades</p> <p>Constatar se há motivos para separar os mais jovens dos mais idosos</p> <p>Compreender se a Adjunta do Diretor concorda com um programa de reinserção após a prisão, nomeadamente para reclusos idosos</p>	<p><b>Como classifica o ambiente Prisional?</b>  <b>Questões de guia*</b>-Que estratégias aplica, em conjunto com a equipa multidisciplinar, para promover a organização do E.P? - -Com que frequência interage com os reclusos?</p> <hr/> <p><b>Os reclusos idosos na prisão</b>  <b>Questões de guia*</b>- Relativamente ao envelhecimento, o que entende sobre esse problema em contexto prisional? - Há uma preocupação, acrescida, por parte do E.P para com os reclusos debilitados, nomeadamente os reclusos idosos?- Os profissionais estão mais envelhecidos</p> <hr/> <p><b>A comida e os 5 minutos para falar com a família, são os pontos mais desfavorável no que concerne a todas entrevistas realizadas. Como vê esta situação?</b>  <b>Questões de guia*</b>O que acha desta imposição - O que se pode alterar ou não na sua opinião inerente à alimentação e aos 5 minutos ?</p> <hr/> <p><b>Programa de orientação na saída</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>- Na sua opinião, acha que os reclusos, não só os idosos, deveriam ter um programa de reinserção/orientação que os acompanhasse chegando lá fora?</p>
--	---	--

### **Anexo 3 A - Transcrição Adjunto do Diretor**

Transcrição da Entrevista realizada à  
Adjunto do Diretor do EP

**Depois de ter conhecimento dos objetivos deste estudo, gostava de lhe perguntar se aceita participar nesta investigação? Sim.**

- **Fale-me da sua trajetória profissional.**

*“ Já fui adjunto do diretor em Braga, já fui Adjunto do Diretor em Paços de Ferreira. Eu sou Técnico Superior de Reeducação. Esta é a minha carreira e todos estes lugares de direção ou de adjuntos de direção, são feito em comissão de serviço. Comecei a trabalhar como técnico de reinserção social em A em 1989 e em 2005, se não estou em erro, saí da reinserção social, que na altura era um instituto autónomo, para a Direção Geral dos Serviços prisionais. Pedi transferência para Paços de Ferreira onde estive 11 ou 12 anos e trabalhei como técnico de reeducação e trabalhei também como adjunta do diretor. Mais tarde estive em braga, também como adjunta da direção e regresssei aqui a (retirado o nome). Estou aqui há perto de 7 anos”.*

- **Como vê o ambiente prisional?**

*“ O ambiente é feito pelas pessoas e existem tantos ambientes prisionais, quantos os contextos diferentes. Nenhum destes 4 EP que trabalhei têm um ambiente prisional igual. Custóias é uma casa em permanente ebulição, muitos presos preventivos. É uma casa em que tudo é urgente e em que é tudo na hora e isto tem a ver com a entrada permanente de gente nova e com toda a ebulição que está presente na vida de um preso preventivo. Paços de Ferreira é uma casa com uma estabilidade muito grande e executava pena grandes, portanto, as penas de 11/12/15, eram comuns e o ser humano quando a ameaça é grande, prepara-a para resistir e portanto, os presos têm uma estabilidade muito diferente, os Planos Individuais de Readaptação produz efeitos, produz efeitos a tentativa de escolarização, formação profissional, ocupação, porque é impossível sobreviver-se a uma pena de 18 anos por e.g sem organização do tempo. O Estabelecimento de Braga é um estabelecimento pequenino, sem recursos, tudo é um acontecimento. Aqui é igual, como a população prisional é uma população com características, apesar de tudo, com menos necessidades de intervenção. É uma comunidade pequena, uma grande parte, indivíduos toxicod dependentes, conhecidos. Na área, as exigências de intervenção são menores. Ora, como as exigências de intervenção são menores, o ser humano tende a sobrevalorizar o que está a fazer e as vezes as coisas tornam-se muito*

*complicadas nestes contextos, mas que, conhecendo-se o ser humano, percebe-se porque isto acontece. Este EP tem características muito particulares... mas do que conheço, estou aqui há pouco tempo, parado no tempo e os procedimentos aqui eram muito antiquados ainda há pouco tempo. A população prisional, também é diferente. Temos aqui uma clínica de psiquiatria que é o único internamento disponível para inimputáveis em ambiente prisional e é uma quinta. Mas este estatuto de quinta que funcionou muitos anos, não se compadece com a realidade dos dias de hoje. Que temos 300 presos em regime fechado e que não podem deslocar-se para a área agrícola porque não têm por e.g regime aberto porque a quinta, não tem vedações. Enquanto a população prisional é a dos dias de hoje, o staff ainda ficou um bocadinho parado no tempo em que isto era a colónia penal, mas evoluiu-se. Digo-lhe que a evolução aqui parece ser muito lenta, e para quem está pareça tudo muito lento, nota já diferenças, relativamente há meia dúzia de anos atrás. Mas, isto para ilustrar que não é um ambiente prisional”.*

- **Como é a sua relação com os reclusos? Mantém um contacto regular com os reclusos?**

*“ Olhe enquanto Técnico de Reeducação a frequência era diária. Agora, depende, numa semana, posso interagir todos os dias, ou uma semana posso interagir a penas uma vez na tarde que dedico à unidade livre de drogas. Depende da demanda do trabalho que tiver para fazer. O trabalho é muito ligado à gestão do trabalho, à gestão do pessoal. Embora, eu, fique sempre com um grupo de reclusos para companhia. Quem faz o acompanhamento dos reclusos em ULD, sou eu diretamente, não coordeno, a penas, a unidade, sou eu que faço o acompanhamento individual de cada recluso que lá estão. É uma forma de não tirar o pé do terreno. Fui adjunto em Paços de Ferreira e fazia isto com os reclusos em secção de segurança. É a minha carreira. É este o trabalho que eu gosto de fazer e depois porque, ninguém manda bem se não souber mandar., ou seja, eu para pedir alguma coisa em momentos mais difíceis de maior stress na organização e mais necessidade de resposta rápida, só consigo pedir ou exigir alguma coisa às equipas se eu souber que consigo fazer”.*

- **Quais são as estratégias implementadas em contexto prisional, por parte de um Técnico de Reeducação?**

*“Se nós temos tempo e queremos obter o máximo de criatividade e livre Participação dos trabalhadores, deixamos fluir o tempo e deixamos que a liberdade de cada um, produza o máximo que pode e que tem para dar. Se nós temos uma estratégias com tempos curtos, exigentes do ponto de vista de execução, mas que têm timing inultrapassáveis, temos que ser muito diretivos e autoritários na gestão e portanto, as estratégias não são pessoais. As estratégias foram já estudadas e aplicam-se em função do grupo. Reunimos, não muito, porque cada vez temos menos gente a trabalhar e portanto, o espaço de reunião é cada vez mais*

agressivo, no sentido em que tira tempo às pessoas, mas reunimos as vezes suficientes para equilibrar a coesão”.

- **Como vê o envelhecimento na prisão?**

*“Eu não fico muito constrangido com o envelhecimento dos reclusos e por uma razão simples: os tribunais portugueses não mandam prender idosos por bacatelas penais. Os idosos com que tenho trabalhado no EP e que vêm presos pela primeira vez, ou cometeram homicídios, ou abuso sexual de menores, fraudes de uma dimensão importante e de forma que vêm presos por meros mecanismos de restauro social, ou seja, não podiam ficar em liberdade. Pulseira eletrónica, depende do crime, pode não garantir a segurança do cidadão, depois de ter cometido um homicídio na comunidade. O crime do colarinho branco cria um forte impacto na comunidade, a aplicação de uma pena de execução na residência ou uma pessoa que roubou bastante mais do que esses jovens que estão aí a cumprir penas por furtos. Os tribunais, grosso modo, não as conheço a todas, atribuem as penas para atingirem paz social. Não vejo negligência relativamente ao ser humano, não vejo abuso, na aplicação a pena de prisão. Só tenho trabalhado com idosos em situações de crimes com grande impacto na sociedade. Os trabalhadores, é um serviço muito exigente. Ter os trabalhadores cansados e com sinais de esgotamento é relativamente fácil. Basta que as equipas produzam o mínimo e os insuportáveis para que isso ocorra. Depois a demanda humana é enorme. Nós não trabalhamos aqui com situações confortáveis e em tempos existia um mecanismo que um técnico de educação por cada cinco anos de trabalho, acumula-se um ano para a idade da reforma, o que implicaria de quando chegasse ao fim da sua carreira que em vez de se reformar aos 65 anos, reformava-se aos 60 por hipótese...é esse tempo que eu considero que paga o desgaste inerente à prisão, ou mais tempo de férias anualmente, ou uma redução efetiva na idade da reforma. Não estou a ver os meus colegas com 67 anos, tenho a idade da reforma a conseguirem estar bem, dentro de um pavilhão prisional a fazer planos individuais de readaptação para cachopos de 20, com uma turbulência social evidente. É necessário, quando as sociedades entram em crise económica, é necessário repensar algumas coisas e esta do envelhecimento dos trabalhadores prisionais é uma. Relativamente aos guardas, isso já está garantido. Os guardas reformam-se aos 60 anos, mas o staff prisional: técnicos de reeducação, médicos, enfermeiros que trabalham uma vida em ambiente prisional, não está pensado e era necessário. Porque, mantém-se trabalhadores nos postos de trabalho, incapazes de dar resposta integral aquilo que o posto pede. Claro que as pessoas são todas diferentes e por vezes ativas, mas que não é um trabalho fácil para exercer depois dos 60 anos, não é”.*

- **Existem diferenças de tratamento dos reclusos mais velhos para os mais novos?**

*“ Há uma diferenciação pela positiva. O staff está muito mais atento aos mais idosos e os próprios presos. Tenta-se satisfazer as necessidades, mais importantes de um a forma ativa. Nos refeitórios, a realidade é que as filas são muito grandes e às vezes os próprios presos resolvem isso com facilidade. Eles próprios dão lugar aos mais velhos. O EP aos pedófilos idosos dá (assistência mas os reclusos não), atende-os na suas necessidades como outro idoso qualquer”.*

- **Nas entrevistas realizadas aos reclusos, eles lamentam os 5 minutos para falarem com a família. Como vê esta situação?**

*“ Olhe é o que é possível com a sobrelotação dos EP para garantir que todos tenham acesso ( telefone). Ninguém acha nada sobre isso ( 5 minutos que os reclusos têm para falar com a família), as pessoas legislaram para garantir o acesso de todos a um telefonema diário, nas circunstâncias de livre de espaço que os EP portugueses têm. Antigamente tinham livre acesso mas eram filas enormes e alguns não conseguiam telefonar. O que o legislador fez, foi: garantir oportunidades de acesso tendo em conta as circunstâncias dos EP. Portanto ninguém acha que eles devem falar 5 minutos. As pessoas não se importavam que falassem uma hora, desde que tivesse condições para todos falarem. O que é certo é que no natal não redobram e número de equipamentos. Todos nós sabemos que é muito pouco. A grande questão é que é preciso dotar os EP de equipamentos que não existem neste momento para poderem mudar isso”.*

- **E relativamente ao serviço de alimentação no EP, considera que os reclusos estão satisfeitos?**

*“ A alimentação, olhe por duas razões, por uma razão objetiva que é, a refeição prisional foi vendida a empresas privadas e portanto são empresas privadas que pelo preço baixo ganham um concurso e depois, às vezes os preços são tão baixos que acabamos por ter problemas com o cumprimento dos contratos ao longo do tempo e não podemos dizer que as refeições prisionais são de elevada qualidade. Podemos dizer que são equilibradas em termos de ingredientes. Têm a presença de cereais, legumes, peixe e de fruta e de carne. Entrega ao privado que tem que ter lucro com a atividade desta área de serviço e depois a comida na prisão tem um valor que não é mensurável para uma pessoa que está em liberdade. A alimentação tem um valor muito simbólico porque a privação de liberdade deixa o ser humano em privação de tudo. E a alimentação deixa este vazio. Como lá fora acontece, mas aqui acontece de uma forma premente e diária”.*

- **Existem algum tipo de programa de reinserção ou apoio após a saída do recluso do EP?**

*“ Sim, existe. Olhe, quando saem lá fora em liberdade condicional, são acompanhados pelas equipas de reinserção social e essa orientação vai existindo. Quando saem em liberdade definitiva, saem sem qualquer tipo de acompanhamento. Mas isto, não se pode titular um ser humano para além da pena. O ser humano pode ser titulado em liberdade condicional, mas para além da pena não pode porque senão criamos uma sociedade de intervenção sobre o cidadão que nunca mais acaba. Se a tutela é exercida depois da pena ter terminado, No fim da pena, são encaminhados para a segurança social que depois poderá fazer este tipo de acompanhamento mais social. Agora, as grandes questões da reinserção social tem muito a ver com as condições dos países. Vai um preso para a rua em que o desemprego no país é uma ferida social muito grande e o patrão prefere dar emprego ao que nunca esteve preso do que ao que esteve na cadeia não é? Isto é uma pescadinha de rabo na boca . Se não tivermos políticas sociais eficientes e de grande importância, As questões da reinserção acabam por se misturar com as sociais”.*

## Anexo 4- Guião da entrevista Especialista dos Sistemas Prisionais

### Caro participante

O presente trabalho de investigação, intitulado “Perspetivas sobre a vida de um recluso idoso em Portugal: um estudo qualitativo num estabelecimento prisional masculino”, insere-se numa pesquisa investigativa que decorre no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação e tem como objetivo, compreender as perspetivas dos reclusos idosos face à vida antes, durante e após a prisão. Assim como o confronto dessas mesmas perspetivas com as dos profissionais que trabalham diariamente no sistema prisional. Não obstante para a obtenção da compreensão da problemática, será necessário a autorização dos participantes. As informações serão, cuidadosamente, protegidas em prol do anonimato do participante, se, por vontade, aceitar participar nesta investigação.

Após ouvir as explicações acima referidas, declara que aceita participar nesta investigação?

### Guião da entrevista Especialista dos Sistemas Prisionais

Designação das Etapas	Objetivos Específicos	Formulário das questões
<b>1. Legitimação da entrevista</b>	Informar sobre a entrevista e as suas confidencialidades  Criar um ambiente de cordialidade e parcimónia	-Informar o Especialista dos Sistemas Prisionais sobre os objetivos da investigação; -Cooperação da adjunta para a investigação; -Garantir a confidencialidade das informações recolhidas;
<b>2. Trajetória do Especialista dos Sistemas Prisionais</b>	Conhecer a trajetória da Especialista dos Sistemas Prisionais	<b>Fale-me, resumidamente, da sua trajetória profissional.</b>  <b>Questões de guia*</b> -Profissão anterior? - Alguma vez realizou e/ou implementou ou fez parte de algum programa na prisão

<p><b>3. Visão Geral do Especialista dos Sistemas Prisionais</b></p>	<p>Compreender a visão do Especialista dos Sistemas Prisionais sobre os reclusos mais velhos</p> <p>Entender se o Especialista dos Sistemas Prisionais concorda com certas regras e legislação</p> <p>Compreende se concorda com os 5 minutos telefónicos</p> <p>Constatar a opinião do Especialista dos Sistemas Prisionais inerente à reinserção</p> <p>Compreender a opinião quanto à alimentação fornecida à prisão</p> <p>Identificar motivos para um programa de reinserção na saída do recluso idoso</p> <p>Perceber as políticas e programas inerentes a reclusos idosos</p> <p>Constatar a opinião do Especialista relativamente ao trabalho para reclusos idosos e a sua remuneração</p> <p>Compreender se um programa de reinserção após a prisão, nomeadamente para reclusos idosos, será uma mais valia</p> <p>Identificar preocupações do TR quanto à saída dos reclusos idosos</p> <p>Compreender se o TR têm uma perspetiva positiva nas saídas dos reclusos idosos</p>	<p><b>Nos anos em que foi diretora era evidente o envelhecimento? Havia algum prenúncio que o envelhecimento ia aumentar?</b></p> <p><b>Questões de guia-</b>Fale-me da ação do estado referente a este assunto?-A seu ver, quais as estratégias mais adequadas para combater o rápido envelhecimento na prisão?</p> <hr/> <p><b>A alimentação e os 5 minutos para falarem com a família, são um dos pontos mais desfavorável no que concerne a todas entrevistas realizadas. Como vê esta situação?</b></p> <p><b>Questões de guia-</b>O que acha desta imposição - O que se pode alterar na sua opinião inerente à alimentação e aos 5 minutos ?</p> <hr/> <p><b>Qual é o maior problema encontrado nos reclusos na sua adaptação e na vida na prisão? Nomeadamente os reclusos. idosos</b></p> <p><b>Questões de guia*-</b>Como os reclusos idosos desenvolvem as suas capacidades cognitivas e sensoriais na prisão?</p> <hr/> <p><b>Trabalho na prisão</b></p> <p><b>Questões de guia*-</b>O recluso que tenha reforma, não pode trabalhar na prisão. Mas pode trabalhar sem receber, voluntariado, como vê este facto?</p> <hr/> <p><b>Reinserção no sistema prisional.</b></p> <p><b>Questões de guia*-</b>Ao longo destes anos, acredita na reinserção? Em que aspetos e situações?</p> <hr/> <p><b>Qual o papel do sistema prisional na saída de um recluso?</b></p> <p><b>Questões de guia*-</b>Na saída do recluso idoso, que nos diz sobre um programa de reinserção/orientação/adaptação à nova realidade.</p>
--	---	---

## **Anexo 4 A - Guião da entrevista Especialista dos Sistemas Prisionais**

Transcrição da Entrevista realizada à Especialista em Sistemas Prisionais

**Depois de ter conhecimento dos objetivos deste estudo, gostava de lhe perguntar se aceita participar nesta investigação? Sim.**

- **Fale-me da sua trajetória profissional.**

*“ Fui técnico superior de serviço social em duas empresas do sistema privado, no porto. Após, cerca 20 anos de trabalho e após consenso público, fui Adjunto no Ministério da Justiça, onde desempenhei as funções de técnico superior de reeducação no Estabelecimento Prisional de [REDACTED] No E.P desempenhei diversas funções, tendo sido adjunto do diretor [REDACTED] e depois diretor do E.P [REDACTED] A entrada no ensino, faz-se por convite da universidade [REDACTED], e ainda era diretora do [REDACTED] onde me mantenho após aposentação. Paralelamente, fui juiz social efetivo do tribunal de menores do porto e Matosinhos. De há muitos anos que dedico parte do meu tempo ao voluntariado, sendo vice presidente [REDACTED] (I.P.S.S) e sou presidente da Assembleia Geral [REDACTED] que neste momento, irá dedicar-se à deficiência. Sou rotária em [REDACTED] e na [REDACTED] [REDACTED], pertença ao grupo da responsabilidade social”.*

- **Desenvolveu algum tipo de programas ou projetos?**

*“Enquanto técnico superior de reeducação e Adjunto do diretor do E.P.Porto e diretor do [REDACTED] realizei, colaborei e implementei diversos programas, nomeadamente, nos projetos inerentes à União Europeia e outros desenvolvidos pelo sistema prisional com protocolos e parcerias com outras entidades da sociedade civil. Em relação ao envelhecimento, fizemos nas questões do ensino. Haviam problemas de literacia, não tivemos problema nenhum em colocar os mais velhos com os mais novos. Na prática desportiva era mais difícil colocar os mais velhos. No E.P.P.F tínhamos um rebanho e eram os mais velhos a cuidar dos animais. Era uma grande responsabilidade, por vezes dormiam fora do E.P para cuidarem do rebanho”.*

- **Como vê o envelhecimento na prisão?**

*“Sempre houve velhos na prisão e esses cometem crimes mais graves. O envelhecimento é um facto, as pessoas duram muito mais tempo e as doenças inerentes ao envelhecimento,*

também. A Título de exemplo: demências, mobilidade, entre outros. Tudo isto, não é exceção no sistema prisional. Porém, as pessoas envelhecem mais rapidamente se estiverem inativas e as patologias mentais que acontecem depois de serem presos. Temos os inimputáveis que permanecem até muito tempo no sistema prisional (acabam por perder a família), o que acho lamentável, visto que são doentes mentais. O desenvolvimento cognitivo e sensorial dos reclusos idosos passa pela prática desportiva, ter estímulos para se ocuparem e revitalizarem os laços familiares, ter uma alimentação adequada, ter atenção às questões psicológicas e mentais”.

- **Como vê as atividades para os reclusos idosos e o trabalho?**

“Na minha opinião, o [REDACTED] possui locais de trabalho onde pode ter algumas pessoas, nomeadamente, idosos a desempenhar funções. Faz parte dos técnicos arranjar atividades que se adaptem à capacidade dos mais velhos. Eu fui técnica de reeducação durante muitos anos e tive abertura para realizar programas e projetos. Inerente ao trabalho, deixa-me perplexa, se o recluso estiver reformado deve poder trabalhar e receber dinheiro.”

- **Como vê os 5 minutos de telefonema permitido aos reclusos?**

“É evidente que não concordo com tal imposição e deveria ser alterada, portanto, devem ser concebidos ao recluso 10 minutos.”

- **E relativamente ao serviço de alimentação no EP, considera que os reclusos estão satisfeitos?**

“A comida na prisões, hospitais e nas escolas é sempre objeto de críticas. Compete aos serviços clínicos, olharem para as situações de precaridade de saúde e alimentação dos que estão em regime comum. Quanto ao reforço alimentar dos idosos, se o médico prescrever uma dieta especial, deve ser cumprida a restrição. A alimentação trazida de casa, terá que ser aliviada, na minha opinião, e de algum modo iria preencher as lacunas da alimentação provenientes das empresas que fornecem os S.P. Tem que haver uma pressão por parte dos E.P, junto dos fornecedores de refeições. Inerente aos 5 minutos, são uma novidade para mim, no novo regulamento geral dos E.P’s”.

- **Sobre a reinserção dos reclusos, quais são as principais dificuldades?**

“Pensei sempre que a parte da reinserção está muito ocupada com a burocracia e penso que não disponibiliza tempo suficiente para o trabalho no terreno, com vista à reinserção e a prevenção da reincidência. Há muito trabalho a fazer e a progredir nas comunidades que os vão receber o recluso após o cumprimento da pena ou durante a liberdade condicional”.

- **O que pensa sobre a existência de um programa de reinserção, após a saída dos reclusos idosos?**

*“Na minha opinião, não competindo, mas deveria competir à reinserção social. As pessoas, saem com risco de voltarem a reincidir. Devem ser contatadas instituições de solidariedade social, que têm respostas de apoio a estas situações limite. Devem ser informados os reclusos que podem recorrer a instituições. Deveria criar-se uma casa de apoio temporária que permitisse apoiar e orientar as pessoas que após a saída da prisão, não tenham encontrado um rumo para a sua vida”.*

## Anexo 5 - Guião Técnico de Reeducação/Reinserção

Caro participante

O presente trabalho de investigação, intitulado “Perspetivas sobre a vida de um recluso idoso em Portugal: um estudo qualitativo num estabelecimento prisional masculino”, insere-se numa pesquisa investigativa que decorre no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação e tem como objetivo, compreender as perspetivas dos reclusos idosos face à vida antes, durante e após a prisão. Assim como o confronto dessas mesmas perspetivas com as dos profissionais que trabalham diariamente no sistema prisional. Não obstante, para a obtenção da compreensão da problemática, será necessário a autorização dos participantes. As informações serão, cuidadosamente, protegidas em prol do anonimato do participante, se, por vontade, aceitar participar nesta investigação.

Após ouvir as explicações acima referidas, declara que aceita participar nesta investigação?

### Guião da entrevista Técnico de Reinserção

Designação das Etapas	Objetivos Específicos	Formulário das questões
<b>1. Legitimação da entrevista</b>	Informar sobre a entrevista e as suas confidencialidades Criar um ambiente de cordialidade e parcimónia	-Informar o Técnico de Reinserção sobre os objetivos da investigação; -Cooperação do Técnico de Reinserção para a investigação; -Garantir a confidencialidade das informações recolhidas.
<b>2. Trajetória do Técnico de Reinserção</b>	Conhecer a trajetória do Técnico de reinserção Compreender se existiram outras profissões	<b>Trajetória profissional</b> <b>Questões de guia*</b> -O que o levou a escolher a profissão? - Já trabalhou noutra sítio? - Há quantos anos é TR? -Sente-se realizado?
<b>3. Papel do Técnico de Reeducação</b>	Compreender a opinião do Técnico no E.P Conhecer o papel do Plano de Reabilitação	<b>Funções do Técnico de Reeducação</b> <b>Questões de guia*</b> -Qual é o papel do TR? -Tempo com os reclusos - PIR e as suas funções

<p><b>4. Plano de Reabilitação</b></p>	<p>Compreender o funcionamento do Plano Individual de Reabilitação e as suas especificidades</p> <p>Conhecer a percepção do TR inerente à reinserção do reculsos, nomeadamente dos reclusos idosos</p> <p>Identificar programas de envelhecimento ou que os reclusos idosos possam integrar</p> <p>Compreender motivações dos reclusos idosos para ingressarem em programas disponibilizados pelo E.P</p> <p>Entender se os reclusos idosos podem trabalhar na prisão</p> <p>Constatar ligações do TR aos reclusos idosos</p> <p>Entender se é necessária a introdução de novos TR no sistema prisional</p> <p>Compreender se os TR têm um horário subcarregado</p> <p>Apresentar motivações do TR inerente à prática de práticas que visam a reinserção</p>	<p><b>Caraterísticas do PIR, programas e projetos</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-Fale-me da adesão do recluso ao PIR: motivações e desmotivações. -Os reclusos têm a possibilidade de se expressar quanto ao PIR? Ou seja podem escolher atividades, programas, entre outros? Ou já está definido pelo Técnico de Reinserção? -Os recluso na reforma não podem trabalhar, no entanto e consoante o decreto Lei 115/2009 de 12 de Outubro: todos os reclusos são obrigados ao PIR tendo uma pena superior a um ano. Quais são o tipo de atividades que um idoso recluso está sujeito? - O PIR é revisto com que periodicidade? Na sua opinião, qual deveria ser a sua regularidade de revisão? - O que acrescentaria e retiraria ao PIR se pudesse alterar? -Os técnicos sensibilizam para programas que surjam no EP durante os anos de prisão dos idosos reclusos? Os reclusos têm abertura e motivação para ingressar? -Há algum programa que vise o envelhecimento ativo em contexto prisional? Se sim, qual? Senão, gostaria que existisse?</p> <p><b>Relacionamento com o recluso idoso</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-As conversas com os reclusos/ idosos reclusos são regulares? Na sua opinião, um TR tem um horário subcarregado? A equipa deveria ser maior ?</p>
<p><b>5. Envelhecer na prisão</b></p>	<p>Entender a visão do TR no que respeita ao envelhecimento e as suas especificidades</p> <p>Constatar se o PIR está orientado para reclusos idosos e se o técnico de reeducação pode alterá-lo em detrimento dos reclusos idosos</p>	<p><b>O envelhecimento e o PIR</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-Relativamente ao envelhecimento, de que forma o PIR é adequado às pessoas com mais de 60/ 65 anos ? -Há condições especiais no PIR para as pessoas com mais de 60/ 65 anos? Se há quais? Senão, na sua opinião deveria haver? Em que aspetos?</p>
<p><b>6. Saída dos reclusos idosos da prisão</b></p>	<p>Conhecer a visão do TR face à saída dos reclusos idosos</p> <p>Compreender os tipo de desafios dos técnicos de reeducação que enfrentam na saída dos reclusos idosos</p> <p>Perceber se o TR gostaria de ter um apoio de um programa após a saída do recluso idoso</p>	<p><b>A saída da prisão e os seus desafios</b></p> <p><b>Questões de guia*</b>-Qual é o papel do TR na saída do recluso da prisão? -Na saída há uma atenção especial quando se trata de reclusos idosos?- Quais são as problemáticas principais que o TR enfrenta na saída dos reclusos e idosos reclusos? -Que tipos de programas existem quando o recluso sai da prisão? Se não há, como TR, gostaria que houvesse um programa de reinserção/ orientação destinado aos reclusos idosos.</p>

## **Anexo 5 A- Transcrição Técnico de reeducação**

Transcrição da Entrevista realizada ao  
Técnico de Reeducação

**Depois de ter conhecimento dos objetivos deste estudo, gostava de lhe perguntar se aceita participar nesta investigação? Sim.**

- **Fale-me da sua trajetória profissional.**

*“Fui durante 22 anos elemento de vigilância e ao fim de algum tempo, vi que se calhar era mais útil nesta parte da educação e então pedi a reconciliação e foi-me concedido. Como técnico estou desde Setembro do ano passado. Fui sempre colaborando com a equipa técnica, organizando coisas. Trabalhei em Braga, Guimarães, Lisboa e depois aqui. Aqui cheguei a trabalhar como chefe e ao fim de um ano e meio, dois passei para técnico. Eu gosto daquilo que faço, eu tinha hipótese de voltar para a farde e não quero. Estou a perder dinheiro mas faço aquilo que gosto e neste momento é o mais importante.”*

- **Relativamente ao Plano Individual de Reabilitação (PIR), como tem sido a sua implementação junto dos reclusos?**

*“Desde do dia que o recluso entra, fazemos a entrevista e vimos as qualificações que ele tem, se fizer falta ir para a escola, propomos ele ir para a escola, se vemos que é mais proveitoso, tem a escolaridade (12º), e não têm por e.g condições económicas para sobreviver aqui dentro e não tem apoio da família, propomos a curto prazo colocá-lo a trabalhar. Se por e.g está cá por violência doméstica, ou problemas de álcool, aconselhamos um programa adequado para o problema mais específico que ele tem. Se for o caso das relações familiares estarem desgastadas, propõe-se a aproximação da família, com telefonemas à família, às vezes é uma pequena visita de 10 minutos que não corre muito bem mas a segunda, também ela de 10m, já corre melhor e os laços começam-se outra vez a criar. Tratamento psiquiátrico se fizer falta, conforme vamos conhecendo o recluso até à renovação do plano terapêutico. Fazemos a entrevista inicial nas 72 horas e depois fazemos ao fim de 60 dias a avaliação, mas nesse espaço conversamos com o recluso e vamos adaptando as necessidades ao recluso. Se o PIR for cumprido é um plano adequado de reabilitação porque vai ao encontro das necessidades do recluso e tentámos, em concordância com eles, porque o PIR é sempre discutido com o recluso. Nós levamos o recluso a enveredar pelo caminho que achamos mais correto para ele, porque se for uma pessoa que não é qualificada e fizer um curso de formação, como alguns já fizeram aqui dentro, e.g de padeiro, é relativamente fácil arranjar um emprego lá fora numa padaria.*

*Cada casa é uma casa diferente, as atividades de Santa Cruz, não são as mesmas de Braga ou Viana, aqui é uma casa muito mais fechada. Eles generalizam o PIR e nós adaptamos. O PIR é revisto de ano a ano (o PIR que pertence a Santa Cruz do Bispo e geral, não é revisto há anos) e se não estiver a ser cumprido na íntegra temos o cuidado e nós mesmo, temos anotações no próprio processo a dizer se precisa de trabalho, que precisa disto etc, o PIR no fundo é o que guia a vida do recluso aqui dentro. Surgir um programa ( ao longo do ano), um projeto de teatro e nós temos mais ao menos a noção das pessoas que poderiam aderir e fomos dizer às pessoas. Esteve aí a luta contra a sida a fazer uma formação de 30 horas e inscrevemos ao máximo as pessoas para se manterem atualizadas do que se passa lá fora porque embora tenham televisão cá dentro, às vezes ficam um pouco desfasados do que se passa lá fora. Conforme vão surgindo programas apresentados pela Direção Geral, nós vamos tentando inscrever as pessoas para se manterem ocupadas. Quando foi o projeto do teatro, não é só aquelas horas, eles ganham hábitos de horários, de leitura também, hábitos de higiene porque sabem que vão para o ensaio e têm que se apresentar devidamente. Os reclusos aderiram muito bem ( ao teatro) e até dizem que qualquer dia ainda se viriam na televisão. Foi uma maneira da família os poder ver a fazer outra coisa, esteve presente também a comunicação social porque também é importante mostrar coisas boas não só as más que acontecem.”*

- **E sobre o cumprimento do PIR, o que nos pode dizer?**

*“Geralmente, acabam por cumprir aquilo que é proposto ou discutido com ele, porque o PIR é feito em conjunto com o recluso e acabam mesmo, engraçado que alguns dizem, não se esqueça que não me arranjou trabalho mas no PIR está lá que eu preciso de trabalhar. Acho que é importante fazer o PIR em concordância com eles e passar a responsabilidade um bocadinho, para o lado deles e acho que por mais que reivindicativo que um recluso seja, se passarmos a responsabilidade para ele, muitas vezes funciona. Temos programas consoante o que ele fez, por e.g chamamos e dizemos, que aqui temos um programa sobre estrada segura que é dirigido a pessoas com o seu tipo de problema e acho que era importante o senhor frequentá-lo. Não se faz todos os meses mas faz-se duas vezes por ano com grupos grandes e acabam por frequentar e ainda hoje foi o final de um programa desses. E havia um recluso que é todo contestatário e disse: olhe isto deveria ser feiro a primeira vez que nós cometemos um erro de condução porque se nos chamassem atenção como nos chamam aqui no programa, nós não voltávamos a fazer o que fizemos. Alguns querem trabalho, ou melhor, alguns lembram-se do trabalho só nas alturas da precária não é? Quando estão a seis meses de ir a casa, lembram-se que o juiz conta que estão a trabalhar e pedem trabalho que se formos a ver o pessoal jovem está habituado a dinheiro fácil lá fora e não é o ordenado que eles ganham aqui, que os vai satisfazer. Muitos têm condições económicas e estão deitados todo o dia, não se vão levantar para ganhar 60 euros ao final do mês. Acho que deveriam criar-se infraestruturas e*

*desenvolver a sociedade em termos de arranjar, chamar as empresas para cá, dar-lhe benefícios à população reclusa e dar-lhe um ordenado. Os reclusos na reforma não podem trabalhar, desde que façam de maneira livre e voluntária. Seria ideal, não há, um tipo de ginástica (mais velhos), duas horas ou três semanais para atividades desportivas dedicadas só a pessoas daquela idade. Não vamos por uma pessoa de 70 anos a jogar futebol com rapazes de 20. Atividades terapêuticas, por e.g, temos aí na clínica uma atividade que uma empresa traz as tampinhas, as tampas das garrafas, todas misturadas e eles têm que separar isso por cores e se calhar para as pessoas de idade, adaptava-se e não é um trabalho pesado e estimula o cérebro e o pensamento e acabam por estar ocupados. Os que não estão reformados ganhariam algum. Eu fiz um PIR para uma pessoa com essa idade ( 60/70 anos) e o que eu propôs foi um trabalho adequado à idade dele por e.g ser fascinador da biblioteca, não dá muito mas, sei lá, trabalhar numa copa, entregar o guardanapo ou o pão a quem passa mas isso implica se calhar estar duas horas de pé ou então estar na cozinha sentado a fazer os reforços para a noite. Eles recebem um saquinho, com um sumo, uma sande e fruta. Sentados a embalar isto é um trabalho manual que não cansa. Não há condições no PIR ( para uma pessoa mais velha). Temos que, nós, adaptar o PIR às pessoas”.*

- **Como descreve a sua relação com os reclusos, nomeadamente os mais idosos? Com que regularidade está com eles?**

*“O problema é que é um técnico, às vezes, para 100/200 pessoas e depois além disso é a burocracia e os papéis e as estatísticas, estou a ser o mais sincero possível, faz-se o atendimento, tem que se colocar o registo no SIP e depois faz-se o atendimento e é preciso fazer três ou quatro diligências. O ideal seria arranjar mais técnicos, ou seja um menor número de reclusos por técnico. Os idosos são mais apelativos e então precisam mais de atenção é natural que se queixem que não falamos com eles todos os dias. Às vezes precisava de mais horas para falar com eles, somos quatro técnicos”.*

- **Como vê o envelhecimento na prisão?**

*“Era bom termos formação nessa área para estarmos preparados para quando viesse alguém. Mesmo ter uma terapêutica só para essas pessoas. Muita gente (a partir dos 60) começa a não ter muito apoio familiar e depois a ideia que passa lá para fora é de comida e roupa lavada, não estou a dizer que são muitos, mas muitos pensarão que é melhor estar aqui dentro do que estar lá fora. Às vezes há quem queira separar as pessoas mais idosas num só sítio ou só numa casa e eu acho que eles deviam estar como estão, misturados com os outros. É engraçado às vezes os mais traquinas, contestatários acabam por tratar as pessoas mais idosas e ajudá-las no dia-a-dia, nas suas atividades, no refeitório vão buscar o tabuleiro da comida, sentem-se*

mal de noite são os primeiros a baterem à porta ou a tocarem à campainha para chamarem o enfermeiro”.

- **Como vê a preparação do recluso para a sua saída?**

“Acredito na reinserção ou inserção. Alguns vêm cá para dentro desprovidos de normas e de regras sociais e aqui, por muito pouco que aprendam, vão ganhando algumas normas e depois voltam à família, que muitas vezes também é destruída e voltam a deixar de ter normas ou então muito utopicamente também começam a ensinar essas normas. Acredito e devemos dar uma segunda oportunidade a todos. Muitas vezes as pessoas lutam para ter uma segunda oportunidade porque estão realmente arrependidas e nó, sociedade, eu sei que também é difícil, não há trabalho para quem está em liberdade, mas acho que o estado deveria criar incentivos para os industriais e empregadores, empregarem pessoas que saiam daqui. Muitas vezes o recluso não tem apoio familiar é tentar arranjar uma instituição para os colocar porque a segurança social está cheia de pedidos e às vezes estamos na véspera da pessoa ir embora e não sabemos para onde vai e isso às vezes tira-me um bocadinho o sono e os da parte da clínica, dos inimizáveis, além de não terem família são pessoas que precisam de uma instituição especializada no problema deles e é muito complicado, mas, nós, com seis meses de antecedência tentámos alertar a segurança social mas é onde houver vagas e depois são encaixados. Eu defendo que deveria haver uma casa de saída de reclusos que não têm família, uma casa de transição para quando saíssem não iam diretamente para a rua e durante uns meses tinham um sítio onde ficar para ajudá-los arranjar emprego (mais novos), ajudar arranjar casa e as pessoas idosas precisam de muita mais ajuda. Os mais necessitados irem para essas casas e terem uma bolsa de entidades empregadoras com as tais facilidades fiscais para as empresas que lhe dessem emprego e depois ter apoio de uma instituição por e.g da cruz vermelha, durante x meses para eles não se habituarem a sair da cadeia e viverem lá. As principais problemáticas são arranjar quem os receba, muitas vezes têm apoio da família durante o período que estão cá dentro mas depois quando saem não, mas compreende-se e.g, eu não posso deixar o meu emprego para ir tomar conta do meu pai e vir para a minha casa porque foi lá que cometeu o crime. É complicado embora a família os queira apoiar. Mas não os quer receber em casa. Temos programas de prevenção para os mais novos que é feito 12 meses antes deles saírem mas fora não”.

## Anexo 6 - Guião da entrevista Guarda Prisional

Caro participante

O presente trabalho de investigação, intitulado “Perspetivas sobre a vida de um recluso idoso em Portugal: um estudo qualitativo num estabelecimento prisional masculino”, insere-se numa pesquisa investigativa que decorre no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação e tem como objetivo, compreender as perspetivas dos reclusos idosos face à vida antes, durante e após a prisão. Assim como o confronto dessas mesmas perspetivas com as dos profissionais que trabalham diariamente no sistema prisional. Não obstante para a obtenção da compreensão da problemática, será necessário a autorização dos participantes. As informações serão, cuidadosamente, protegidas em prol do anonimato do participante, se, por vontade, aceitar participar nesta investigação.

Após ouvir as explicações acima referidas, declara que aceita participar nesta investigação?

### Guião da entrevista Guarda Prisional

Designação das Etapas	Objetivos Específicos	Formulário das questões
<b>1. Legitimação da entrevista</b>	Informar sobre a entrevista e as suas confidencialidades  Criar um ambiente de cordialidade e parcimónia	-Informar o guarda sobre os objetivos da investigação; -Cooperação do guarda prisional para a investigação; -Garantir a confidencialidade das informações recolhidas;
<b>2. Trajetória do Guarda Prisional</b>	Conhecer a trajetória do Guarda Prisional	<b>O que o levou a escolher a profissão como Guarda Prisional?</b> <b>Questões de guia*</b> -Foi a sua única profissão? - Sente-se realizado?
<b>3. Visão Geral do Guarda do Estabelecimento Prisional</b>	Conhecer a visão do Guarda inerente ao E.P  Compreender o papel do guarda no E.P  Constatar ligações do guarda aos reclusos  Conhecer a perceção do guarda prisional inerente à reinserção  Constatar se o Guarda Prisional acredita na reinserção	<b>Relacionamento com os reclusos?</b> <b>Questões de guia*</b> -Já alguma vez aconteceu alguma situação desagradável para consigo ou que tenha assistido que o marcou ?-Que tipo de relacionamento tem com o recluso em geral? E com o idoso recluso? Acha que há diferença de tratamento perante um idoso recluso e um recluso mais novo? Se não, acha que deveria haver? E porquê? <hr/> <b>Reinserção na prisão</b> <b>Questões de guia*</b> -Numa opinião pessoal, acha que o sistema prisional visa para a reinserção do recluso/idoso? <hr/> <b>A alimentação e os 5 minutos para falarem com a família, são um dos pontos mais desfavorável no que concerne a todas</b>

	<p>Compreender a opinião do Guarda quanto à alimentação fornecida à prisão</p> <p>Constatar se o Guarda presencia algum tipo de violência por parte dos mais jovens para com os mais idosos na prisão</p> <p>Identificar se há motivos para separar os mais jovens dos mais idosos</p> <p>Saber se o guarda concorda com os 5 minutos telefônicos</p> <p>Identificar motivos para um programa de reinserção na saída do recluso idoso</p>	<p><b>entrevistas realizadas. Como vê esta situação?</b>  <b>Questões de guia*</b> -Na sua opinião, fale-me dos 5 minutos que os reclusos têm para falar com a família; da comida e da higiene diária.</p> <hr/> <p><b>Violência na prisão</b>  <b>Questões de guia*</b>  -Situações de violência para com os idosos reclusos da parte dos reclusos mais novos e vice-versa.</p> <p><b>Programa após a saída</b>  <b>Questões de guia*</b>-Na sua opinião acha que os reclusos, não só os idosos, deveriam de ter um programa de reinserção/orientação que os acompanhasse chegando lá fora?</p>
--	---	--

## **Anexo 6 A- Transcrição da entrevista Guarda Prisional**

Transcrição da Entrevista realizada ao  
Guarda Prisional do EP

**Depois de ter conhecimento dos objetivos deste estudo, gostava de lhe perguntar se aceita participar nesta investigação? Sim.**

- **Fale-me da sua trajetória profissional.**

*“Posso dizer que quando era mais jovem, mais adolescente, eu tinha um grande amigo meu e já gostava da profissão de ser agente da autoridade e nós brincávamos, 14/15 anos, nessa altura havia um filme que era os vingadores e nessa altura fazíamos um crachá tipo em papel e andávamos a descobrir coisas e isso puxou por mim e então um dia, em 84, salvo erro, vi no jornal que estava aberto o concurso para a guarda prisional e eu concorri. Foi isso que me fez mudar, portanto, aproveitando a notícia do jornal que estava aberto o concurso para guarda prisional. Claro que havia os testes habituais, físicos, psicotécnicos e eu concorri à sorte porque eu trabalhava numa fábrica e pronto nessa altura os tempos mudaram e lancei-me entre aspas de cabeça. Eu trabalhei dos 14 aos 27 de afiação e tecidos. Eu era eletricitas, saí da escola e passado um mês fui trabalhar...foi a minha profissão e única fora da polícia. Sinto-me muito realizado com o meu trabalho, adoro o meu trabalho. Aliás, eu fiz 60 anos em abril e pela lei que está em vigor, eu já podia pedir a reforma sem penalizações...eu vivo sozinho, estou divorciados há uns anos, um divórcio amigável, os meus filhos estão bem...eu vivo sozinho num moradia e sinto-me bem, nunca estive doente. Adoro a minha profissão, adoro o trabalho que faço e sinto-me bem enquanto vou e venho ver os reclusos”.*

- **Como descreveria a sua relação com os reclusos?**

*“ Fui treinador de futebol e jogava com os reclusos durante 24 anos. Acabei agora em fevereiro porque o meu superior hierárquico, o senhor comissário, chegou e disse, eu tive uma conversa com ele antes, estranhava um guarda a jogar com os reclusos, tive uma conversa com ele e ele disse que não gostava que os guardas jogassem com os reclusos. Se fossem para orientar e treinar sim mas se fosse para jogar que não. O comissário chegou em fevereiro e proibiu-me entre aspas de jogar futebol com os reclusos e eu jogava há 24 anos. Fundei a equipa da clínica que ainda hoje se mantém, grupo desportivo “Estrelas da Clínica”. Eu joguei com os reclusos até fevereiro e ia com eles lá fora, a seleção, a um torneio de inclusão, eu nas folgas vinha*

*treinar e ia com a seleção lá fora jogar. Este comissário chegou disse que não gostava. Mas depois eu também lhe disse a ele, vá me desculpar Sr. Comissário mas é assim, se fosse só para treinar e orientar eu adoro futebol é a minha paixão mas estar ali na bancada e a roer-me o bichinho quando depois, eu tinha que entrar e jogar com eles, eu não conseguia e por isso é melhor então ficarmos por aqui e ficamos por ali. O pessoal teve pena, ainda andaram com um abaixo assinado mas ele não foi demovido. Eu respeito é o meu superior. Só tenho que respeitar, mas o respeitar não quer dizer que concorde. Ali a equipa da clínica que são doentes mentais, isto era uma terapia para eles, mas isto, nem o senhor comissário viu. Tinha ali doentes que nunca souberam o que era uma bola, todos jogaram. Era uma motivação para eles, uma terapia. Aliás eu costumo dizer que eu sou uma pessoa do povo porque naquela hora do almoço e jantar, quando eles estão todos lá naquela hora a tomara café, enquanto os meus colegas estão a conversar entre eles, eu vou lá para dentro. Eu gosto de estar no meio deles. Muitos precisam de desabafar e eu gosto de ouvir”.*

- **Relativamente à entrada de objetos ilícitos na prisão, o que pensa sobre este assunto?**

*“Eu vou falar desta prisão, eu estou aqui há 32 anos e só conheço esta cadeia e nesta cadeia, quem passar aí de carro e não conhecer que isto é um EP, pensa que isto é uma quinta de um homem ou de uma família rica. Qualquer um chega ali de noite e encontra o carrinho, disfarça uma varia e atira, depois andam os outros reclusos dos campos que andam sozinhos (regime aberto e apanham os telemóveis). Há uma semana a comunicação social, numa entrevista, que eu sei que há e eu condeno isso...há guardas, colegas meus de outras cadeias que já foram expulsos, já foram condenados por isso ( ajudar os reclusos nos objetos ilícitos). Há médico, há advogados que estão autorizados a entrar com telemóveis, funcionários. Eu não estou acusar ninguém mas que não acusem só os guardas. Há muita gente nos EP que entra e sai. Neste EP isto parece uma quinta isto é fácil. Na vacaria, estão lá três ou quatro reclusos que dormem lá a cuidar das vacas, estão noutra dimensão afastados da cadeia mas estão dentro da cadeia. Da vacaria, depois tem um campo de um civil e tem logo a estrada, qualquer um chega ali de noite e para o carro e atira qualquer coisa para o campo que já pertence à cadeia que não tem muros, não tem nada”.*

- **E sobre os 5 minutos de direito a telefonema, concorda?**

*“Fez um ano em Dezembro que foi aprovada uma lei pela Direção Geral em que os reclusos só podiam ter 5 minutos para telefonar e ao fim desses 5 minutos, o telefone fica sem rede. É assim, eu concordo e discordo. Concordo porque havia aí reclusos com mais posses lá fora que não davam oportunidade a outros de falar com as famílias, estavam ali uma, duas horas ao telefone. Onde eu discordo, uma coisa vai contra a outra, são os 5 minutos por duas razões: se*

*nas revistas nós já apanhávamos telemóveis e não haviam os 5 minutos, ao porem os 5 minutos rigorosos, mais empurraram entre aspas o telemóvel a entrar. Há aí reclusos que têm famílias com 4/5/6 filhos, têm pai, mãe e têm esposa e os 5 minutos não chegam. E depois foram aplicados os 5 minutos, precisamente, muito próximo do Natal. Muitos é nessa altura que ligam para as família, nessas alturas até se demora mais porque estão familiares de outro país e estão a passar férias e estão a conviver e têm mais necessidade de falar e foi, precisamente, nessa altura, poucos dias antes do natal que foram impingidos os 5 minutos. Não houve uma alternativa dos 5 minutos, não houve uma abertura dos 5 minutos. Os 5 minutos, eu achei que foi numa altura...punham em janeiro ou fevereiro, portanto depois daquelas festas porque o natal é daquelas datas que toca a toda a gente. Eu lembro-me no meu curso que o monitor, portanto era o subchefe, que no fim do curso numa aula de moral, digamos assim, disse-nos, isto entre aspas não é, vocês lembrem-se que numa cadeia, seja ela qual for nunca pode faltar, mas isto é irrisório dizer isto, mas nunca pode faltar: droga: tabaco e os medicamentos... porque se um dia se descobri no sistema que acabe, definitivamente, com a droga nas cadeias, a medicação e o tabaco, principalmente a droga, há muitas mortes nas cadeias. Muitos, por vezes eu vejo e eles estão a ressacar, faltam aquela coisa. É claro que eu não sei mas imagino e sei que é isso.”*

- **Que funções desempenha neste EP?**

*“Somos um pouco de enfermeiros, um pouco de psicólogo, um pouco de técnicos de reeducação, somos um pouco de outras coisas. Nós somos um bocadinho de tudo. Por isso quem pensa que um guarda, eu gosto de chamar agente da policia prisional, pensa que é abrir e fechar portas e evitar que eles fujam. Não é só isso, aqui há uns anos para cá, salvo erro há uns 15 anos para cá é que começou a partir das 20h, o fecho das celas era as 19h:45, a partir do fecho de noite não existia nem enfermeiros, nem chefes, não existia nada. Nós os primeiros, cheguei a ser guarda chefe de turno, pronto como era o mais velho, se acontecesse alguma coisa durante a noite, eu é q tinha que decidir. Não havia subchefe de noite porque às 8h horas ia embora, não havia enfermeiro porque às 8h ia embora. Isto agora evoluiu para muito melhor porque agora temos cá enfermeiro 24h por dia e temos um graduado que é o subchefe 24h por dia. Por isso, já nessa altura as nossa funções há ,muitos anos, não se firmavam só no fechar e abrir portas e não deixar que eles fugissem, já era muito além disso. Nós já fazíamos um pouco de tudo. Agora aqueles que nunca entraram aqui. Não sabem. Estão habituados a ver aqueles filmes americanos”.*

- **Ao longo da sua carreira como guarda prisional, que dificuldades sentiu ou quais foram os principais problemas com que se defrontou?**

*“Nestes 32 anos uma situação grave, grave não vi, vi ali na clínica nos 20 anos que lá estive , um ou outro doente mental, mas isso é da cabeça deles a virar-se a um colega meu mas acabamos logo com os ânimos. O que eu fazia quando os ânimos estavam exaltados, eu chamava-os lá ao gabinete, conversa com ele, dava-lhe um cigarrinho, pagava-lhe um café( muitas vezes os reclusos ficam chateados porque não tinham visitas). Eu deixava-os ligar para a família e pronto. Eu em 32 anos sempre privilegiei muito o diálogo. Nunca assisti a nada muito grave, conflitos, sou muito sociável, aliás eles são os próprios a dizer. Nestes 32 anos tenho uma relação ótima com todos”.*

- **Como vê um recluso idoso na prisão?**

*“Eu tenho aqui um velhote, um senhor idoso que tem 91 ano que na hora da refeição é sempre o primeiro a estar ali na portinha da parte de dentro e é para quando a gente abre a porta e ele para não estar ali, eu pego no velhinho e ponho-o ali nas escadas que dão acesso ao segundo piso, que quando dão ordem para ir para o refeitório, ele é o primeiro a ir e faço outra coisa, quando vejo alguém de muletas, ou alguém mais idoso, não é só este, eu chamo-os para a frente e ponho-os cá fora e são os primeiros a sair com os outros a ficarem lá dentro. Portanto, eu dou prioridade às pessoas mais idosas que vem para o refeitório e para qualquer outra coisa. Os outros guardas não são assim, só abrem as porta para sair para o refeitório quando o chefe diz para ir. Depois há aquele problema, salve seja, problema entre aspas, é uma forma de falar. Quando lhes abrem a porta está o velhinho ali na porta com 70/80 e como este com 91 anos e os outros com a aflição de sair ( magoam os outros sem querer). Eu protejo os mais velhinhos. Eu penso assim, dou-me muito bem com eles todos, sejam, novos, velhos, eu se tivesse um tratamento cruel e rigoroso, eu tava a condená-los pela segunda vez. E a minha função não é essa, é ajudá-los na reinserção para quando forem embora, irem com a cabeça alterada no bom sentido. Estar na cadeia com a família lá fora já é um sofrimento por isso, eu não os vou condenar, novamente”.*

- **Como vê o sistema prisional e a reinserção?**

*“Eu não acredito na reinserção hoje em dia, muito fácil. Quando alguém não foi de saída precária e quando tem todas as condições para ir a casa e não vão. Eu pergunto assim, imaginemos que um tal recluso até tem família em França e que até tem um comportamento super exemplar, não merece ir a casa porque não tem uma casinha para ficar, mas tem um comportamento exemplar. Agora a minha pergunta é então no fim da pena, já tem condições? Onde está a reinserção social ? Aí somos obrigados a pô-los lá fora no fim da pena e ele vai para uma pensão e a família continua em França (o que o guarda quer dizer por outras*

*palavras é que, independentemente do recluso ter família ou não cá fora, tendo um comportamento exemplar, deve dar-se a oportunidade ao recluso de uma precária e ficar um fim-de-semana numa pensão já que é esse o destino dele quando sair da prisão). Não há uma ajuda lá fora quando eles saem da cadeia, esses indivíduos que não têm família, há muitos que têm família e que são apoiados com filhos e tudo. Há muitos que não têm lar e na saída, os técnicos deveriam antecipar-se a isso e apalpar terreno...arranjar alguma coisa que ele se ocupasse lá fora. Era um programa de reinserção lá fora para os encaminhar, eles chegam lá fora, depois de tantos anos de entra e sai e até que chega a um ponto em que dizem assim: não, estou melhor lá dentro. É por isso que eu não acredito na reinserção social. Há vinte e tal anos atrás até as senhas do autocarro pagavam às famílias muito pobres que num tinham dinheiro, ou tinham pouco e a parte da reinserção pagava nessa altura as senhas dos autocarros para vir visitar os reclusos e isso acabou com o tempo. Agora isto evoluiu de uma tal maneira no sentido negativo que eu não me acredito na reinserção social. As técnicas preocupam-se se eles têm condições de ir a primeira vez de precária, mas não se preocupam em precaver a saída deles no final da pena”.*

- **E relativamente ao serviço de alimentação no EP, considera que os reclusos estão satisfeitos?**

*“A desde que entraram há uns anos para cá as empresas e eu falo aqui porque não conheço os outros EP, ainda hoje as batatas estavam cruas. E não é a primeira vez, hoje não foi para trás, eles arranjam maneira, mas não é a primeira vez que o comer chega aí e vai para trás porque o comer não está em condições. Várias vezes que a comida foi para trás e eu não acredito que um responsável daqui não, da direção, não acredito que não contactem a ASAE porque isto entre o estado e a direção geral e estas empresas, eu não tenho medo de falar, isto há grandes negócios. Uma empresa que faz a primeira, segunda vez, já não vou para a terceira em que a comida não está em condições e tem que ir para trás, esta empresa era substituída ou era comunicado o problema à ASAE, mas nada disso acontece, está tudo bem. Eles esquecem-se que apesar de eles serem delinquentes, de serem criminosos, estão a pagar um crime porque foram condenados, mas são seres humanos. O peixe? Estes jovens zero, quem come o peixe são as pessoas mais idosas, do campo. O peixe, meu Deus às vezes, eu sei que não é mesma coisa confeccionar para meia dúzia de pessoas, mas estas empresas têm que estar preparadas. Houve uma vez que eram 8h da noite e o fecho é as 7h e eles estavam a ir para o refeitório para comer porque o chefe mandou a comida para trás”.*

- **Existe algum cuidado ou atenção especial com os reclusos idosos?**

*“Há um recluso com 91 anos que não toma banho há 7 meses, quem me diz é um idoso que está com ele na cela. Eu não sei como é que vou dizer esta frase mas é falta de alguém daquele lado*

*(clínica) que venha aqui. Tem aqueles incapacitados da clínica que são obrigados a ir tomar banho , deveria ser o mesmo deste lado, deveria haver uma vigilância para os mais idosos daquele lado, a nível de enfermeiros, auxiliares,(da clínica em geral) sobre esta gente idosa”.*

- **Existe violência entre reclusos? Tem conhecimento?**

*“ Os mais velhos por vezes, são pressionados por outros para guardar isto e aquilo, são os testas de ferro, são obrigados a guardar coisas ( em detrimento dos reclusos mais jovens) que os mais novos não podem ter na cela porque sabem que a cela deles é objeto de mais cedo ou mais tarde de uma revista. Não lhes batem, mas ameaçam ( os idosos para lhe guardarem as coisas). Claro que uma pessoa idosa sente medo”.*

## Anexo 6 B - EXEMPLO DE MATRIZ DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Unidade de Registo	U. codificação
A. O envelhecimnto dos reclusos	A <sub>1</sub> . Condições do sistema prisional	Situação dos reclusos mais velhos e preocupações com o envelhecimento	<p><i>“Eu não fico muito constrangido com o envelhecimento dos reclusos e por uma razão simples: os tribunais portugueses não mandam prender idosos por bagatelas penais (...) Não vejo negligência relativamente ao ser humano, não vejo abuso, na aplicação da pena de prisão. Só tenho trabalhado com idosos em situações de crimes com grande impacto na sociedade”.</i></p> <p><i>“Eu tenho aqui um velhote, um senhor idoso que tem 91 ano que na hora da refeição é sempre o primeiro (...)”.</i></p> <p><i>“O envelhecimento é um facto, as pessoas duram muito mais tempo e as doenças inerentes ao envelhecimento, também. A título de exemplo: demências, mobilidade, entre outros. Tudo isto, não é exceção no sistema prisional (...)”.</i></p> <p><i>“Era bom termos formação nessa área para estarmos preparados para quando viesse alguém (idoso). Mesmo ter uma terapeuta só para essas pessoas”.</i></p> <p><i>“Às vezes há quem queira separar as pessoas mais idosas num só sítio ou só numa casa e eu acho que eles deviam estar como estão, misturados com os outros”.</i></p>	T3  T2  T1  T4  T4
B. O papel da família e dos laços afetivos	B <sub>1</sub> . Chamadas telefónicas e visitas	Situação prisional face às visitas e chamadas telefónicas	<p><i>“ Antigamente (os telemóveis) tinham livre acesso mas eram filas enormes e alguns não conseguiam telefonar. O que o legislador fez foi: garantir oportunidades de acesso tendo em conta as circunstâncias dos EP. Portanto ninguém acha que eles devem falar 5 minutos. As pessoas não se importavam que falassem uma hora, desde que tivesse condições para todos falarem”.</i></p> <p><i>“É evidente que não concordo com tal posição e deveria ser alterada, portanto, devem ser concedidos ao recluso 10 minutos”.</i></p> <p><i>: “Se nas revistas nós já apanhávamos telemóveis e não haviam os 5 minutos, ao porem os 5 minutos rigorosos, mais empurraram entre aspas o telemóvel a entrar. Há aí reclusos que têm famílias com 4/5/6 filhos, têm pai, mãe e têm esposa e os 5 minutos não chegam (...)”.</i></p> <p><i>“Há vinte e tal anos atrás até as senhas do autocarro pagavam às famílias muito pobres que não tinham dinheiro e a parte da reinserção pagava nessa altura as senhas dos autocarros para vir visitar os reclusos e isso acabou com o tempo”.</i></p>	T3  T1  T2  T2

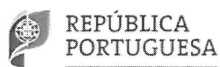
<p>C. Condições oferecidas e privação do contexto prisional</p>	<p>C<sub>1</sub>. Necessidades fisiológicas</p>	<p>Alimentação e saúde</p>	<p>“Compete aos serviços clínicos, olharem para as situações de precaridade de saúde e alimentação dos que estão em regime comum (...)”.</p> <p>:“A refeição prisional foi vendida a empresas privadas e portanto são empresas privadas que pelo preço baixo ganham um concurso e depois, às vezes os preços são tão baixos que acabamos por ter problemas com o cumprimento dos contratos ao longo do tempo e não podemos dizer que as refeições prisionais são de elevada qualidade”.</p> <p>“Tem que haver uma pressão por parte dos E.P, junto dos fornecedores de refeições.”.</p> <p>“Entrega ao privado que tem que ter lucro com a atividade desta área de serviço e depois a comida na prisão tem um valor que não é mensurável para uma pessoa que está em liberdade. A alimentação tem um valor muito simbólico porque a privação de liberdade deixa o ser humano em privação de tudo. E a alimentação deixa este vazio. Como lá fora acontece, mas aqui acontece de uma forma premente e diária.”</p> <p>“Desde que entraram há uns anos para cá as empresas e eu falo aqui porque não conheço os outros EP. Várias vezes que a comida foi para trás e eu não acredito que um responsável daqui não, da direção, não acredito que não contatem a ASAE porque isto entre o Estado e a Direção Geral e estas empresas, eu não tenho medo de falar, isto há grandes negócios.”</p> <p>:“Eles esquecem-se que apesar de eles serem delinquentes, de serem criminosos, estão a pagar um crime porque foram condenados, mas são seres humanos. O peixe? Estes jovens zero, quem come o peixe são as pessoas mais idosas, do campo. O peixe, meu Deus às vezes (...)”</p> <p>“ Há um recluso com 91 anos que não toma banho há 7 meses, quem me diz é um idoso que está com ele ne cela. Eu não sei como é que vou dizer esta frase mas é falta de alguém daquele lado ( clínica) que venha aqui. Tem aqueles incapacitados da clínica que são obrigados a ir tomar banho, deveria ser o mesmo deste lado, deveria haver uma vigilância para os mais idosos daquele lado (...)”</p>	<p>T1</p> <p>T3</p> <p>T1</p> <p>T3</p> <p>T2</p> <p>T2</p> <p>T2</p>
---	---	----------------------------	--	---

D. Atividades e programas de reinserção social	D <sub>1</sub> . O PIR e os seus pressupostos	As atividades e programas que fazem parte do PIR do reclusos idosos	<p><i>“Eu fiz um PIR para uma pessoa com essa idade ( 60/70 anos) e o que eu propus foi um trabalho adequado à idade dele, por e.g, fazer limpeza da biblioteca, não dá muito mas, sei lá, trabalhar numa copa, entregar o guardanapo ou o pão a quem passa mas isso implica se calhar estar duas horas de pé ou então estar na cozinha sentado a fazer os reforços para a noite. Eles recebem um saquinho, com um sumo, uma sande e fruta. Sentados a embalar isto é um trabalho manual que não cansa. Não há condições no PIR ( para uma pessoa mais velha). Temos que nós adaptar o PIR às pessoas”.</i></p>	T4
			<p><i>“(…) Fazemos a entrevista e vemos as qualificações que ele tem, se fizer falta ir para a escola, propomos que ele vá para a escola, se o recluso não tiver condições económicas para sobreviver na prisão, propomos a curto prazo colocá-lo a trabalhar. Se por exemplo está cá por violência doméstica, ou problemas de álcool, aconselhamos um programa adequado para o problema mais específico que ele tem”.</i></p>	T4
			<p><i>“Faz parte dos técnicos arranjar atividades que se adaptem à capacidade dos mais velhos. Eu fui técnico de reeducação durante muitos anos e tive abertura para realizar programas e projetos”.</i></p>	T1
			<p><i>“(…) as questões da reinserção social têm muito a ver com as condições dos países. Vai um preso para a rua em que o desemprego no país é uma ferida social muito grande e o patrão prefere dar emprego ao que nunca esteve preso em lugar do que esteve na cadeia, não é? Isto é uma pescadinha de rabo na boca. Se não tivermos políticas sociais eficientes e de grande importância, as questões da reinserção acabam por se misturar com as sociais”.</i></p>	T3
			<p><i>“Eu não acredito na reinserção hoje em dia, muito fácil. Quando alguém não foi de saída precária e quando tem todas as condições para ir a casa e não vão. Eu pergunto assim, imaginemos que um tal recluso até tem família em França e que até tem um comportamento super exemplar, não merece ir a casa porque não tem uma casinha para ficar, mas tem um comportamento exemplar”.</i></p>	T2
			<p><i>“Pensei sempre que a parte da reinserção está muito ocupada com a burocracia e penso que não disponibiliza tempo suficiente para o trabalho no terreno, com vista à reinserção e a prevenção da reincidência. Há muito trabalho a fazer e a progredir nas comunidades que vão receber o recluso após o cumprimento da pena ou durante a liberdade condicional”.</i></p>	T1
		<p><i>“O problema é que é um técnico, às vezes, para 100/200 pessoas e depois além disso é a burocracia e os papéis e as estatísticas, estou a ser o mais sincero possível, faz-se o atendimento, tem que se colocar o registo no SIP e depois faz-se o atendimento e é preciso fazer três ou quatro diligências. O ideal seria arranjar mais técnicos, ou seja um menor número de reclusos por técnico. Os idosos são mais apelativos e então precisam mais de atenção é natural que se queixem que não falamos com eles todos os dias”.</i></p>	T4	

<p>E Preparação da saída e da vida em liberdade .</p>	<p>E<sub>1</sub> Programas ao longo da pena e de reinserção, após a saída</p>	<p>Os recursos do sistema prisional inerente à reinserção</p>	<p>“As principais problemáticas são arranjar quem os receba, muitas vezes têm apoio da família durante o período que estão cá dentro mas depois quando saem não, mas compreende-se e.g, eu não posso deixar o meu emprego para ir tomar conta do meu pai e vir para a minha casa porque foi lá que cometeu o crime. É complicado embora a família os queira apoiar, mas não os quer receber em casa”.</p> <p>“Na minha opinião, não competindo, mas deveria competir à reinserção social. As pessoas saem com risco de voltarem a reincidir. Devem ser contactadas instituições de solidariedade social que têm respostas de apoio a estas situações limite. Devem ser informados os reclusos que podem recorrer a instituições”.</p> <p>“ A Segurança Social está cheia de pedidos e às vezes estamos na véspera da pessoa ir embora e não sabemos para onde vai e isso às vezes tira-me um bocadinho o sono e os da parte da clínica, dos inimputáveis, além de não terem família são pessoas que precisam de uma instituição especializada no problema deles e é muito complicado, mas, nós, com seis meses de antecedência tentámos alertar a Segurança Social mas é onde houver vagas e depois são encaixados”.</p> <p>“Eu defendo que deveria haver uma casa de saída de reclusos que não têm família, uma casa de transição para quando saíssem não iam diretamente para a rua e durante uns meses, (...) ajudar arranjar casa e as pessoas idosas precisam de muita mais ajuda”.</p> <p>“Quando saem lá fora em liberdade condicional, são acompanhados pelas equipas de reinserção social e essa orientação vai existindo. Quando saem em liberdade definitiva, saem sem qualquer tipo de acompanhamento. Mas isto, não se pode titular um ser humano para além da pena. O ser humano pode ser titulado em liberdade condicional, mas para além da pena não pode porque senão criamos uma sociedade de intervenção sobre o cidadão que nunca mais acaba. No fim da pena, são encaminhados para a segurança social que depois poderá fazer este tipo de acompanhamento mais social”.</p> <p>“Não há uma ajuda lá fora quando eles saem da cadeia. Há muitos que não têm lar e na saída, os técnicos deveriam antecipar-se a isso e apalpar terreno. Era um programa de reinserção lá fora para os encaminhar, eles chegam lá fora, depois de tantos anos de entra e saí e até que chega a um ponto em que dizem assim: não, estou melhor lá dentro. É por isso que eu não acredito na reinserção social. As técnicas preocupam-se se eles têm condições de ir a primeira vez de precária, mas não se preocupam em precaver a saída deles no final da pena”.</p>	<p>T4</p> <p>T1</p> <p>T4</p> <p>T4</p> <p>T3</p> <p>T2</p>
---	---	---	---	---

**Tema:** Perspetivas dos Profissionais do Sistema Prisional

## Anexo 7 - Plano individual de reabilitação



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

JUSTIÇA

Ministério da Justiça  
Direcção-Geral dos Serviços Prisionais

Aprovado em Conselho Técnico de: ____/____/____  O Director
--

Homologado em:  ____/____/____  O Juiz
--

## PLANO INDIVIDUAL DE READAPTAÇÃO\*

NOME:  N.º MECANOGRÁFICO:
---------------------------------

ESTABELECIMENTO PRISIONAL:  TÉCNICO:  DATA:
---

\* O Plano Individual de Readaptação é elaborado a partir do diagnóstico das necessidades por áreas específicas, que resulta da avaliação do recluso, contemplando os objectivos a alcançar, as acções a desenvolver, o tempo previsível para a sua aplicação e os recursos necessários a sua concretização.

## **1. Área de competências básicas**

### **1.1. Inserção em actividades escolares e acções de formação profissional**

--

### **1.2. Inserção laboral**

--

## **2. Área de competências pessoais e sociais**

### **2.1. Inserção em actividades sócio- culturais e desportivas**

--

### **2.2. Inserção em programas de treino de competências pessoais e sociais**

--

## **3. Área de saúde**

--

#### **4. Área sócio- familiar e comunitária**

##### **4.1. A nível sócio- familiar**

--

##### **4.2. A nível comunitário**

--

#### **5. Preparação para a liberdade**

--

#### **6. Adesão ao Plano**

--

**Técnico**

**Recluso**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## EXECUÇÃO DO PLANO

(Face às necessidades de intervenção diagnosticadas, traçar os objectivos e actividades a desenvolver, referindo o tempo previsível para a sua aplicação, os sectores/entidades a envolver. Durante a execução do plano dever-se-á proceder a avaliações intercalares das acções desenvolvidas, que possam permitir eventuais redefinições e respectiva avaliação final)

Áreas de intervenção	Objectivos	Ações a desenvolver	Sectores/Entidades a envolver/	Calendarização Cronograma	Avaliação	Data

**Aging behind bars in Portugal: a case study on elderly inmates**

**Catarina FERREIRA<sup>1</sup>, Sandra FERNANDES<sup>2</sup>, Ana T. FERREIRA-OLIVEIRA<sup>3,4</sup>,  
Isabel MIGUEL<sup>5</sup>, Conceição SANTOS<sup>6</sup>**

<sup>1</sup>*Master Student of Education Sciences, Portucalense University, Rua Dr. António Bernardino de Almeida, n.º 541/619, 4200-072 Porto, Portugal,*

<sup>256</sup>*Department of Psychology and Education, Portucalense University, Rua Dr. António Bernardino de Almeida, n.º 541/619, 4200-072 Porto, Portugal,*

<sup>3</sup>*Technology and Management School, Viana do Castelo Polytechnique Institute, Avenida do Atlântico, 4900-348 Viana do Castelo, Portugal;*

<sup>4</sup>*School of Economics and Management of the University of Porto, Porto, Portugal*

*Email: [catarinaisabelferreira92@gmail.com](mailto:catarinaisabelferreira92@gmail.com)<sup>1</sup>; [sandraf@upt.pt](mailto:sandraf@upt.pt)<sup>2</sup>;  
[ateresaoliveira@estg.ipv.pt](mailto:ateresaoliveira@estg.ipv.pt)<sup>3,4</sup>; [isabelm@upt.pt](mailto:isabelm@upt.pt)<sup>5</sup>; [csantos@upt.pt](mailto:csantos@upt.pt)<sup>6</sup>*

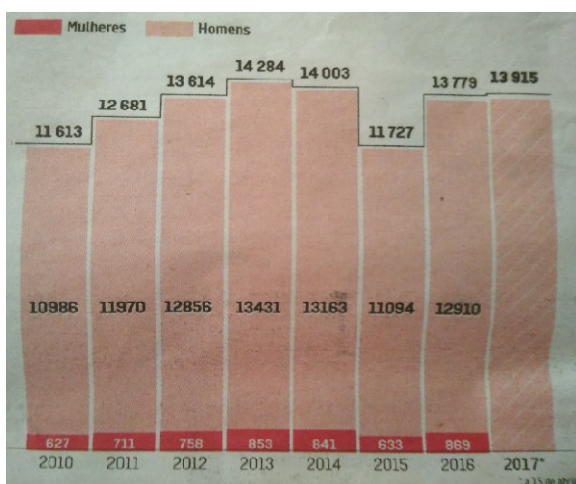
**Abstract**

This paper presents a study about the ageing of people under detention, based on the analysis of a prison located in the north of Portugal. Scarce studies were developed with this population and statistical data indicates the increasing number of elderly inmates in the Portuguese prison context. This paper intends to explore the perceptions of the inmates who are over 60 years old, as well as other professionals who interact daily with this population. The research is a case study with a qualitative approach. Data collection includes semi-structured interviews to prisoners, the prison director, guards, health professionals, reeducation professionals, etc. For the purpose of this paper, only results from interviews to prisoners will be analyzed (n=11). Ethical issues and procedures were carefully considered during all phases of the research plan. The results intend to contribute to a greater comprehension of the ageing phenomena behind bars and the imprisonment experiences lived by elderly prisoners, including adaptation to prison as well as resocialization issues, pointed out as of great importance by the Portuguese legal system frameworks. Results of this exploratory paper show a description of the social representations of elderly inmates, regarding perspectives of life trajectory without imprisonment, reasons for the crime practice and its interpretation, representation of prison admission, adaptation to prison, representation of the relationship with professionals, social representation of prison population and resocialization and age.

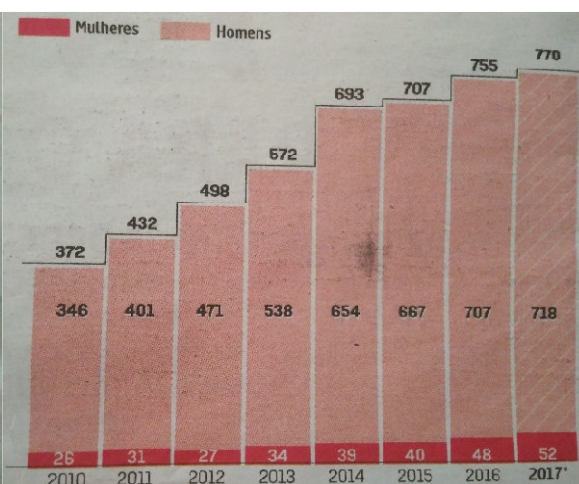
**Keywords:** ageing, elderly inmates, social reintegration, Portuguese context.

## Introduction

In 2015, Portugal was the 4th country within the European Union with the biggest percentage of elderly people, with 20.5% (source: PORDATA). It can be designated as a “hyper-aged society”, considering that in 2050 numbers will increase to over 30%. The prison context is not an exception. There are more and more elderly people in the prisons and statistical data shows that the numbers are increasing every year (see figure 1). A newspaper headline published on a national Portuguese newspaper, on the 3<sup>rd</sup> of May 2017, calls the attention to this phenomena: “Number of elderly prisoners duplicated in seven years”. This matter has become an issue of great concern and challenge for the Portuguese Prison Services. Statistics from the General Board of Prison Services (DGSP - *Direção Geral dos Serviços Prisionais*) indicate that in 2010, there were 372 inmates aged 60 or more years old in the Portuguese prisons. In the following year (2011), the number increased to 432 (see figure 2). And the number never stopped increasing since then. At the end of the year of 2016, there were 755 elderly prisoners. Of these, 707 were male and 48 female.



<sup>38</sup>Figure 1: Evolution of the Prison Population in Portugal



<sup>39</sup>Figure 2: Prison population aged 60 and over

Adding to this fact, several of these people were arrested when they were already over 60 years old. With the advance of the age, multiple health problems, the lack of hope and the possible loss of social-affective attachment, are some of the main difficulties faced by these people. The challenges of social reintegration are enormous and Prison Services have a complex task in occupying and monitoring these people.

## Portuguese Prison System – some features and regulations

The Portuguese legislation concerning the Prison Establishments includes two important legal frameworks which support and guide the organization of all Prison Establishments. These are the Decree Law n°115/2009 of October 12, which refers to the *Code of Execution of Sentences and Deprivation of Liberty* and the Decree Law n° 51/2011 of April 11, which sets the *General*

\* Source: Direção Geral dos Serviços Prisionais, números a 31 de dezembro de cada ano | Infografia Jornal de Notícias (JN)

\* Source: Direção Geral dos Serviços Prisionais, números a 31 de dezembro de cada ano | Infografia Jornal de Notícias (JN)

*Regulation of the Prison Establishments.* These Diplomas are the legal support that legitimizes all the work carried out by professionals (including the Re-education Professional) working in the prison context who, in an organized and cooperative manner, deal with the re-socialization of the prisoner, since the moment of his/her entrance until the moment of his/her exit. After the admission of the prisoner, his/her clinical evaluation, the contact with the surveillance and security services and other steps that are necessary to guarantee the specific needs of each person, a specific individual plan is elaborated by the Re-education Professional, who accompanies the prisoner during the entire duration of his/her detention. Special attention and consideration is given to the problem of elderly people, aged over 65, as well as youths and pregnant women. In the case of elderly inmates, the article 4° of the Decree Law nº115/2009 of October 12, referring to Special Guiding Principles, mentions on the 2<sup>nd</sup> point, the following: “*the execution of sentences and deprivation of liberty for persons over 65 years of age must respect their specific needs and their state of health and autonomy, in particular by guaranteeing them the necessary assistance in the activities of daily living and by providing them with accommodation, safety, activities and programs*”. This is, however, the only specific orientation found in the legislation which refers, in a clear and straight way, to the elderly population.

Besides this, the Individual Plan of Rehabilitation (PIR – *Plano Individual de Reabilitação*) takes into consideration specific needs of groups and population. According to the article 69° of the Decree-Law nº51/2011 of 11 of April, each inmate has an Individual Plan of Rehabilitation. The plan is compulsory for all prisoners sentenced to more than one year in prison. This plan sets out the objectives to be achieved by the inmate, the activities to be developed, the different stages of implementation and actions needed to be taken by the prison establishment to ensure the support and control of the accomplishment of these activities, based on the following areas: a) education and vocational training; b) occupational work and activities; c) programs; d) social and cultural activities; e) health; f) contacts with the outside; g) strategies for preparation for freedom. It is the responsibility of the Re-education Professional to formalize the Individual Readjustment Plan, which is approved by the director of the prison establishment. After homologation and approval, the Individual Readjustment Plan is reissued to the Court of Execution of Sentences. The Individual Plan of Rehabilitation should be carried out by the departments responsible for supervising the execution of the sentence in cooperation with all the other prison services. During the execution of the Plan, the inmate is given priority to express himself /herself about the plan. In this sense, the inmate can present ideas, programs that may be part of his individual plan. It should be noted that the intervention plan should not be restricted to prisoners, but should involve the other prison actors, such as guards, Re-education professionals, directors, among others. It is a treatment that includes a multidisciplinary intervention. This plan must be reassessed after 60 days of inmate's admission to prison. As Ramos (2011) points out, the plan is carried out and made by the Re-education Professional assuming a fundamental role in the performance of his work in order to occupy the time of imprisonment in the most pro-active way, providing the inmate with the opportunity to acquire new skills or strengthen existing ones, so as to fit him in the overall environment. About the relevance and implementation of the Individual Plan of Rehabilitation, Pontes (2015) developed a study aimed to analyse its complexity and the difficulties found in its practical use by the professionals in the prison context. Based on the empirical study, the author concluded that the Individual Plan of Rehabilitation was considered relatively well structured, in spite of being too complex and, therefore, difficult to accomplish in terms of practical utility. Also, a significant proportion of the individuals surveyed in the study proposed a wider involvement of others

sectors and services, mainly the reintegration services, as well as greater specificity and individualization of the plan's objectives. The reformulation of the Individual Plan of Rehabilitation and its greater connection with the Evaluation, to better define the objectives of the inmates' reintegration, are also an important conclusion of this study.

To conclude, based on this short description of the main characteristics of the Portuguese prison context, its features and regulations, several issues and challenges must be considered in the analysis and study of this complex phenomena of ageing in the prison context. The role of the social reintegration teams that work with the prison establishments are of great importance also to establish the articulation with the families of the inmates and with the communities of origin, when the flexibility of the sentences is considered: jurisdictional exits, proposals for placement in the open regime in the interior or abroad and appreciations for a possible probation and other situations like the use of the electronic bracelet.

## **Method**

This study is part of a broader research project carried out within a Masters Dissertation on Education Sciences at the Portucalense University, in Porto, Portugal. The study aims to analyze and understand the ageing phenomena of people who are under detention, mostly those who are over 60 years old, crossing their perspectives with the perspectives of the professionals who work daily with them.

The following research questions were defined to orient the study:

- How do elderly inmates and professionals working in the prison context see and understand the ageing phenomena of inmates?
- What are the psychological and social processes that can lead to successful or unsuccessful individual adjustment of elderly inmates?
- What are the strategies and practices implemented for the by the Portuguese Prison System to support the adaptation to prison by elderly inmates?
- How do elderly inmates describe their imprisonment experiences?
- What are the perceptions of the elderly inmates and professionals who work daily with them (guards, health professionals, reeducation professionals, prison director) about social reinsertion?

To attain these objectives, a case study (Yin, 2003) was carried out at a prison context located in the north of Portugal . The research design is based on a qualitative approach and data collection includes open interviews to prisoners and semi-structured interviews to other professionals, such as the prison director, guards, health professionals, reeducation professionals, etc. For the purpose of this paper, only qualitative data from the open interviews carried out with prisoners (N=11) over 60 years old will be analyzed.

- **Procedures**

Ethical issues and procedures were carefully considered during all phases of the research plan. A letter was sent to the General Board of Prison Services and Reinsertion (*Direção Geral de Reinserção dos Serviços Prisionais* -DGRSP), presenting the Research Protocol and the authorization request to develop the study in the selected prison context. Once the confirmation

of the authorization of the study was obtained, the data collection phase was initiated and carried out for a period of two weeks, starting the first interview at the midterm of the month of July.

The elderly inmates were selected from a list of 46 prisoners aged 60 and over. Due to the short period available to keep up with the paper publication deadline, only 11 inmates were interviewed in the first phase of data collection. Inmates were informed about the purpose of the investigation as well as the authorization of informed consent. During a period of two weeks, the interviewees were randomly called by the guards and directed to the interview rooms. Previously, the researcher had access to the individual reports and cases of each inmate, in order to get to know him better prior to the interview, for example: age; crime; years of pity; recidivism; among others. The previous dialogue established with the guards became crucial to help the researcher become aware of certain characteristics of the inmates. In this way, it was easier for the researcher to adapt her behavior and discourse to each case.

- **Participants**

Participants in the study included a sample of 11 male inmates, selected by a sample convenience. They all have Portuguese nationality and place of residence was located in the north of Portugal. The following table summarizes the characterization of the participants in the study.

**Table 1. Characterization of Participants**

#	Sex	Age	Civil Status	Number sons/daughters	Qualifications	Detention period	Cause(s) of Detention
P1	Male	66	Single	1	2 <sup>th</sup> grade	7years	Robbery
P2	Male	69	Single	0	9 <sup>th</sup> grade	6 Years and four months	Sexual abuse of minors
P3	Male	72	Married	3	4 <sup>th</sup> grade	7 years	Sexual abuse of minors
P4	Male	75	Widow	0	Ceramic course	6 Years	Sexual abuse of minors
P5	Male	65	Married	3	2 <sup>th</sup> grade	6 Years	Sexual abuse of minors
P6	Male	76	Married	2	4 <sup>th</sup> grade	7 years	Tax fraud
P7	Male	69	Divorced	5	4 <sup>th</sup> grade	8 years	Attempted murder
P8	Male	66	Married	3	4 <sup>th</sup> grade	3 years	Tax fraud
P9	Male	64	Married	1	4 <sup>th</sup> grade	3 years and 9 months	Road accident
P10	Male	63	Divorced	2	3 <sup>th</sup> grade	3 years and 4 months	Domestic violence
P11	Male	60	Married	2	7 <sup>th</sup> grade	6 years	Drug dealing

- **Data Collection**

Data collection was based on open interviews carried out with prisoners over 60 years old. The interview was seen as the best research method to attain the research goals, although several constraints and limitations that are strongly related to the use of this method were also carefully considered, such as social desirability, nonverbal communication, the characteristics of the interviewer, the audio recording, etc. (Bryman, 2004; Kvale, 1996).

The script of the interview was organized according to the following guidelines (see table 2), systematized in four major dimensions: a) life before imprisonment; b) adaptation to prison; c) life imprisoned; and, finally, d) life after imprisonment.

**Table 2.** Interview Script and Guidelines

<b>Dimension / Topic</b>	<b>Objectives</b>
<b>Ethical Procedures</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inform about the interview and its objectives</li> <li>• Request permission to record the interview</li> <li>• Create a positive atmosphere of trust</li> </ul>
<b>Life before imprisonment</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Understand the professional trajectory of the inmate before the prison entry</li> <li>• Identify the inmate's view of family</li> <li>• Identify personal goals and interests prior to the imprisonment</li> </ul>
<b>Adaptation to prison</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Describe the process of adaptation to prison</li> <li>• Identify successful or unsuccessful strategies of adjustment to prison</li> </ul>
<b>Life imprisoned</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Understand how inmates spend their time in prison</li> <li>• Identify positive and negative aspects of prison life</li> <li>• Analyse the relationships between inmates and the professionals who daily work in the prison</li> <li>• Analyze aspects related to ageing</li> <li>• Analyse the participation in activities and programs that favor inmates' reintegration</li> <li>• Compare the past with the future and the motivations for social reinsertion</li> </ul>
<b>Life after imprisonment</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analyse possible regrets and expectations after imprisonment</li> <li>• Understand whether aging is a factor of demotivation</li> </ul>

- **Data Analysis**

For data analysis, a content analysis was carried out and data from the interviews was organized in different themes (Bardin, 2009). Results will not follow the previous four themes identified in the interview guidelines, as a variety of themes emerged from the data analyzed in the interviews. In the interpretation of the data, we also followed a recent paper from Santos and Nogueira (2015), which refers to the same theme and that was an important reference in the organization of the results, considering that there is scarce literature regarding this theme. Results should be interpreted as the result of a small sample of inmates, that was not possible to extend due to the timeline. Also it is relevant to present that no theoretical saturation was obtained by this data, so they must be considered as exploratory. Also, in this type of population

social desirability is very common so the data must be interpreted and observed within this framework (Gonçalves & Gonçalves, 2012).

In the next section, findings will be presented and discussed, according to the data analysis and the review of literature in this field.

## **Results and Discussion**

The first theme “*perspectives of life trajectory without imprisonment*” showed similar responses among all participants. Very low qualifications were reported, with some inmates almost without knowing how to read. Also professional careers with no defined purpose, or a specific qualification are reported. In this theme, we found an idealization of the life courses reported by the interviewees. All inmates reported a professional life with a defined occupation, and showed the intention of maintaining that profession when they get out. They present an idealized “positive perspective” also reported by Santos and Nogueira (2015), referring that when they got out they will continue to work on the same tasks, or even open a new business. We found this idealization also associated with their role on the family. The inmates mainly were silent when asked for life goals.

The second theme is “*reasons for the crime practice and its interpretation*”. Surprisingly, this sample does not present any inmate who shows regret and guilty, which shows that these prisoners, according to Gonçalves (2002), are not prepared for re-entry into society, since they did not assume the crime nor demonstrate understanding of punishment and accountability. The emerged category “*victimization by others*”, was reported by subjects who tend to channel the guilt of the crime committed in people or circumstances that are external to them and “impossible” to control (Santos & Nogueira, 2015, 47), including for instances the victim who refers that “I’m here because of her”.

The third theme is “*representation of prison admission*”. It gathers two categories that associate subjective and reported interpretations regarding institutionalization. The first category is the “*surprise associated with the deprivation of freedom*”. The second category is “*sadness*” as most of inmates state this emotional state as part of their admission to prison.

The fourth theme is “*adaptation to prison*”. The main category reported is “*tendency of isolation for personal safety precaution*”. Also, as reported by Santos and Nogueira (2015), “*age*” is the second category and relevant indicator in this dimension as older inmates did not identify with the remaining age groups, so they tend to isolate themselves. The third category is “*relationships out of prison: support and contact with family and friends*” which focuses on the contacts with family and friends, either through letters, phone calls or visits. Family is the center. All, except one, declared family visits and phone calls as a great moment of anxiety, joy and excitement. As Gonçalves & Gonçalves (2012, p.556) argue “... the maintenance of family contacts during the period of incarceration may be a factor in the prevention of break-ups, which in turn lead to recidivism”. Surprisingly, we have a sample that does not work in prison. We did not find the importance of labor and training practice as an inclusion strategy, confirming the isolation of the interviewed inmates and their rigidity in not adapting to the prison system. For instances, the “precarious exits” granted for good behavior and work allows prisoners to visit family and friends during imprisonment. The fourth category is “*tendency of isolation and victimization of others*”. The majority of participants reported that they do not work in prison, however one does and another is in a resocialization program. They report a tendency to

isolation associated with exploitation of other prisoners, that clean their cells and personal clothing.

The fifth theme is “*representation of the relationship with professionals*”. The prison staff plays a key role in adapting and reintegrating the inmate. Inmates reported difficulties in accessing a social resocialization professional or doctors. This set of participants demonstrated high satisfaction with the relationship established with nurses and the guards. The time of relationship established between these two professional groups, nurses and guards, with the inmates (more than the doctors or reeducation professionals) may allow the development of a closer relationship. It is also known prison’s financial difficulties in Portugal, in hiring professionals, so consequently the lack of human resources for the high number of inmates, that is reported by these interviewees. Also, an interesting information is pointed out by Gonçalves (2002), referring that guards tend to protect inmates who are detained for sexual offenses, against other inmates. In this sample, there is a high prevalence of interviewees arrested for this crime, who express appreciation for the guards, as expressed in by the former author. According to Decree-Law no. 3/2014, of January 9, “it is the responsibility of ensuring the security and order of prisons, observance of the law and prison regulations (...) and participate in the re-socialization of prisoners”. In Portugal, guards go through a training program with specific re-socialization dimensions, that are part of the training program. We think that some small positive results are emerging from these training programs that can be seen in these exploratory and initial results.

The sixth theme is “*social representation of prison population and resocialization*”. In this theme three categories are relevant. The first is “the *stigma*” where they present feelings of shame towards the general population and do not want to be associated with a resocialization program considering this association with the prison stigma. Another category is “*lack of knowledge towards reintegration programs*”. Participants in the study refer that some other inmates, not themselves (once again these participants show high social desirability or lack of personal self-evaluation) probably would benefit from these programs. One refers that the programs should have an income associated, other states that he already has gone through one, and other says that he probably would enter in the city library in one of these programs. To sum up, they all show lack of knowledge about these programs and some inmates are not sure about their existence, or how they have access to them. The third category is “*disbelief in prison's regenerative capacity*”. As found in Nogueira and Santos (2015), these interviewees discredit the effectiveness of the prison's objectives.

The final theme is “*age*”. Considering Santos and Nogueira (2015) research, we can observe a negative perception of elderly inmates regarding their ageing processes. In the interviewed inmates, there was a great diversity of responses, suggesting that elderly inmates do not reflect on ageing in general and on their ageing personally. Faced with this question, there was silence, there was no immediate response. Inmates assume that there is sadness associated, and psychical problems. Based on these interviews, it was not clear if these inmates acknowledge ageing. If they have a real perception of age and the impact of ageing and the life cycle in their life. Nogueira and Santos (2015) describe a resistance to ageing, fighting a constant battle against ageing, not even recognizing it. They also express, as reported by previous authors, a reported association of ageing with illness and disability. Also, they present an external control perception in behaviors that they are able to control. Participants lay down the responsibility of doing physical exercise, even with little intensity as walking, in the prison establishment.

Several groups of inmates perform physical exercises in prison, but these inmates, as reported in Santos and Nogueira (2015), present more characteristics of isolation and external accountability for their own behavior. Therefore, there is a lack of personal responsibility in the practice of physical exercise required. Gonçalves (2002) refers that age is a fundamental dimension that differentiates inmates, as younger subjects would be more prone to develop adaptive problems in prison, as they have a more strict and limited repertoire of coping skills.

To sum up, in this sample, results, that are initial and exploratory, seem to acknowledge these elderly inmates as well-adapted to prison (Gonçalves & Gonçalves, 2012). Well-adapted as Gonçalves and Gonçalves (2012) refer do not usually have criminal records, are detained for occasional crimes, although violent, such as those in our sample, composed of several sexual offenders, are over 30 years of age, have conventional values and do not engage in disciplinary proceedings. In Gonçalves (2002), sexual offenders are reported as the best adapted to prison and this is relevant to understand our results as we have many participants detained by these crimes, or crimes against people, that are better adapted to prison than offenders with crimes against property.

## **Conclusions**

This study presents a relevant and innovative design. Lorito, Völlm and Dening (2017) wrote a systematic review of the existing literature on ageing prisoners. They found that literature tends to focus on diagnosis and physical health. Lorito et al (2017) results show that the experience of imprisonment from the perspective of inmates has received much lesser attention. This study is, therefore, relevant and updated. Presented results do not intend to establish a difference between elderly and younger inmates. This was an exploratory and initial study that intends to see if ageing was relevant in offenders' self-representation. As in Santos and Nogueira (2002) it seems that they are ignoring or rejecting ageing, and results can be a direct sum of other reported dimensions, for instances the crime that they executed and for which they were detained. So, no relevant differences were found between these elderly inmates and the literature that did not focused on ageing (Gonçalves, 1999). This is an important finding to acknowledge, as future developments of this study need to deeper explore ageing in prison, possibly through more specific and detailed scripts regarding age. This study presents relevant advances in understanding ageing in prisons, exploring and describing perspectives of life trajectory without imprisonment, reasons for the crime practice and its interpretation, representation of prison admission, adaptation to prison, representation of the relationship with professionals, social representation of prison population and resocialization and age.

## **References**

- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bryman, A. (2004). *Social Research Methods*. Oxford: Oxford University Press.
- Decree-Law n° 51/2011 of Abril 11. Diário da República n° 71 – Iª Série. (Regulamento Geral dos Estabelecimentos Prisionais). DR - Ministério da Justiça. Lisboa.
- Decree-Law n° 3/2014, of January 9
- Gonçalves (2002)
- Gonçalves, L. C, & Gonçalves, R. A. (2012). Agressividade, estilo de vida criminal e adaptação à prisão. *Psicologia USP*, 23(3), pp. 559-584.

- Kvale, S. (1996). *Interviews: an introduction to qualitative research interviewing*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Lorito, Völlm and Dening (2017)
- Pontes, O. A. M. (2015). *Plano Individual de Readaptação – Um Instrumento para a Reinserção Social*. Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte.
- Ramos, I.C.O. (2011). *Contributos da educação: (Re)viver na prisão*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Santos, C. & Nogueira, A. (2014). *Envelhecimento em Contexto Prisional*. Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Mestrado em Gerontologia Social. Porto, Portugal.
- Santos, C. & Nogueira, A. (2015). Envelhecer em Contexto Prisional. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. 18 (1), pp.39-48.
- Yin, R. K. (2003). *Case Study Research: Design and Methods*. (3rd Ed.). Newbury Park, CA: Sage.



# Livro do Colóquio Livre du Colloque



UNABI, dentre outras, a perseverança, participação e empolgação de todos os envolvidos, de modo especial das pessoas idosas que curiosamente deixam transparecer o sentimento de valorização pessoal, pela oportunidade de estudarem na Universidade, de aprender e ensinar temáticas significativas para a vida.

**Palavras-chave:** Universidade, Aberta, Intergeracional, Educação, Vida.

[ID 268]

**Processos de resolução de problemas e incidência de estresse em educadores sociais da medida de internação feminina**

Jacqueline Mari Machado | Universidade Federal do Paraná | [jqline2@hotmail.com](mailto:jqline2@hotmail.com)

Sônia Maria Chaves Haracemiv | Universidade Federal do Paraná | [sharacemiv@gmail.com](mailto:sharacemiv@gmail.com)

**Resumo**

O presente estudo tem como objetivo investigar possíveis relações entre os processos de resolução de problemas e os níveis de estresse apresentados por Educadores Sociais que atuam em um Centro Socioeducativo de medida de internação feminina. Para tanto será adotado um desenho de pesquisa descritivo correlacional. O pressuposto adotado é de que os processos de resolução de problemas atuam como estratégias de enfrentamento em relação a situações adversas, reduzindo ou amenizando as consequências negativas do estresse. Quanto aos participantes, pretende-se atingir a população total de Educadores Sociais da unidade socioeducativa (30 profissionais). Serão aplicados dois questionários padronizados (ISSL e SPSI-R:FA) e um questionário de levantamento sociodemográfico e de problemas cotidianos no CENSE de internação feminina. A exploração posterior dos dados será feita por meio de análises estatísticas e de conteúdo. Pretende-se que os resultados da pesquisa forneçam subsídios para a elaboração de formações continuadas sobre a temática aos Educadores Sociais.

**Palavras-chave:** Resolução de problemas, Estresse, Educadores Sociais, Medida de Internação.

[ID 357]

**Perspetivas sobre o envelhecimento: um estudo com reclusos e profissionais de um estabelecimento prisional português**

Catarina Ferreira | Universidade Portucalense | [catarinaisabelferreira92@gmail.com](mailto:catarinaisabelferreira92@gmail.com)

Sandra Fernandes | Universidade Portucalense | [sandraf@upt.pt](mailto:sandraf@upt.pt)

### **Resumo**

Esta comunicação visa apresentar os resultados de um estudo em curso no âmbito da temática do envelhecimento em contexto prisional, tendo como principal objetivo analisar as perceções dos reclusos com idade igual ou superior a 60 anos, num estabelecimento prisional (EP), localizado na zona norte de Portugal. A escassez de estudos existentes nesta área e o aumento significativo do envelhecimento da população, o que não exclui o contexto prisional, são alguns dos motivos que presidiram à escolha desta temática de investigação, inserida no âmbito de uma Dissertação de Mestrado na área das Ciências da Educação, especialização em Educação e Intervenção Social. A metodologia de investigação segue uma abordagem qualitativa, focada na análise de um estudo de caso. Como métodos de recolha de dados, procedeu-se a uma análise documental da legislação em vigor e dos processos individuais de cada recluso, bem como a realização de entrevistas abertas, junto de reclusos idosos (n=11). Os princípios éticos foram, cuidadosamente, assegurados em todas as fases da investigação. Para a análise dos dados, foi efetuada uma análise de conteúdo das entrevistas, sendo os dados organizados em quatro categorias principais. Os resultados deste trabalho exploratório descrevem as representações sociais dos reclusos idosos, no que diz respeito à sua trajetória de vida antes da prisão, as razões para a prática do crime e a sua interpretação, a entrada e a adaptação à prisão, o relacionamento com os profissionais, as suas representações sociais sobre a população reclusa, a reinserção social e o envelhecimento.

**Palavras-chave:** Envelhecimento, Reclusos idosos, Representações sociais, Reinserção social.

[ID 358]

### **Patrimônios Esquecidos: um projeto de valorização identitária e de ação educativa**

Thiago Nicolau de Araujo | ESGV | [thiago@novaformacultural.com](mailto:thiago@novaformacultural.com)

Kate Fabiani Rigo | ESGV | [profkaterigo@gmail.com](mailto:profkaterigo@gmail.com)

### **Resumo**

O estudo tem o objetivo de propor uma reflexão sobre um modelo educacional que visa desenvolver a interdisciplinaridade por meio de projetos que envolvam a utilização do património histórico, em especial o templo religioso e o cemitério, como catalisador da valorização da identidade cultural local das comunidades nas quais as escolas estão inseridas.